

COLEÇÃO IDEIAS &
ESTUDOS
POLÍTICOS

TEORIA POLÍTICA DE WINSTON CHURCHILL

DUAS MUDANÇAS DE PARTIDO E O
PROBLEMA DA CONSISTÊNCIA POLÍTICA

FILIPA DO AMPARO



Teoria Polítca de Winston Churchill

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT –
– Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto
UIDB/04597/2020.

Título Teoria Política de Winston Churchill
Duas mudanças de Partido e o problema da Consistência Política

Autora Filipa do Amparo
Coleção Ideias & Estudos Políticos

© Filipa do Amparo
© Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos
© Universidade Católica Editora

Revisão editorial Isabel Bolsa
Capa Velcrum.pt
Paginação Magda M. Coelho
Impressão e acabamento Papelmunde
Depósito legal 0
Tiragem 300 exemplares
Data abril 2023

DOI <https://doi.org/10.34632/9789725409114>
ISBN 9789725409114
ISBN e-Book 9789725409121

Universidade Católica Editora,
Sociedade Unipessoal, Lda.
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020
uceditora@ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



AMPARO, Filipa Nunes do
Teoria política de Winston Churchill : duas mudanças de partido e o problema da consistência política / Filipa Nunes do Amparo. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2023. – 136 p. ; 23 cm. – (Ideias&estudos políticos). – ISBN 9789725409114. – ISBN 9789725409121 (Ebook)
I – Tit. II – Col.
CDU 32 Churchill, W.

Teoria Política de Winston Churchill

Duas mudanças de Partido
e o problema da Consistência Política

Filipa do Amparo

À minha mãe,
Por me ter ensinado a amar a liberdade.

Índice

Winston Churchill e a democracia liberal	9
Prefácio de João Carlos Espada	
Introdução	13
Capítulo 1	
A Mudança para o Partido Liberal: 1901-1904	19
Guerra dos Bóeres	19
Ambição e oportunismo	21
Aumento das despesas com exército	22
Aproximação aos liberais	23
A continuidade da herança de seu pai	24
O afastamento dos conservadores	25
Comércio livre por oposição a Chamberlain e ao protecionismo	26
O terceiro partido	28
Em suma	29
Capítulo 2	
A Luta pelos Direitos dos Indivíduos e a Reforma Social: 1904-1911	33
No Ministério das Colónias	34
Na Junta de Comércio	42
No Ministério do Interior	49
Em suma	50
Capítulo 3	
A Luta contra a Tirania: o caso Bolchevique, 1917-1920	51
Tirania	51
Método da tirania: violência e medo	52
Bolchevismo e jacobinismo	55
Sedução do discurso revolucionário	57
Ameaça à democracia parlamentar	58
A ideologia comunista	61
A tradição ocidental	62

Capítulo 4

A Mudança para o Partido Conservador: 1922-1924	64
Em suma	85

Capítulo 5

A Teoria Política de e por Winston S. Churchill	88
Parlamentarismo	90
Socialismo	96
Consistência Política	103

Conclusão	118
------------------	-----

Bibliografia

Obras e Artigos Citados	133
Outras Referências Consultadas	135

Winston Churchill e a democracia liberal

Prefácio

João Carlos Espada

Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Estudos Políticos

Com a publicação deste livro – *Teoria Política de Winston Churchill: Duas mudanças de Partido e o problema da Consistência Política*, pela Mestre Filipa do Amparo –, o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa inaugura uma nova série na sua coleção global IEP (Ideias e Estudos Políticos), no âmbito da Universidade Católica Editora. Esta nova série é dedicada à publicação dos melhores trabalhos académicos produzidos pelos nossos estudantes nas suas Dissertações de Mestrado (possivelmente no futuro também algumas Teses de Doutoramento).

Trata-se, sem dúvida, de uma inauguração a todos os títulos honrosa e inspiradora para o nosso IEP e para a nossa coleção Ideias & Estudos Políticos.

Em primeiro lugar, porque a obra aqui publicada, defendida e aprovada como Dissertação de Mestrado em 2015, com a classificação final de 19 valores, preenche e ilustra os mais exigentes padrões de excelência académica, nacionais e internacionais. A autora, Filipa do Amparo, passa em revista a literatura mais relevante sobre o tema, que é sobretudo internacional. E visitou o Churchill Archives Centre, no Churchill College em Cambridge, onde entrevistou pessoalmente o seu Diretor, Allen Packwood, e consultou diretamente o vasto repositório de correspondência, discursos e notas de Winston Churchill.

Em segundo lugar, porque a autora escolheu e definiu com rigor académico um tema da maior relevância para os Estudos Políticos. Winston Churchill foi indiscutivelmente um dos principais estadistas do século xx. Certamente por esse motivo, existe mais de um milhão de títulos sobre Churchill (e mais de quarenta obras da sua autoria). Mas a quase totalidade daquelas obras sobre Churchill é de natureza historiográfica e biográfica. E, perante essa imponente variedade, a autora escolheu um tema da

maior importância que, surpreendentemente, permanece pouco estudado: o tema da «Teoria Política de Winston Churchill». O tema é naturalmente abordado ou referido em inúmeras obras sobre Churchill, mas apenas sistematicamente estudado num único livro do seu biógrafo oficial – Sir Martin Gilbert (aliás um saudoso amigo do IEP que, em 2004, proferiu entre nós a Palestra Anual Alexis de Tocqueville precisamente sobre a filosofia política de Winston Churchill).

Em terceiro lugar, porque, ao estudar o tema da Teoria Política de Winston Churchill, a autora deteta e descreve com rigor um posicionamento político que é claramente distintivo da cultura política britânica (ou, como Churchill gostava de dizer, dos povos de língua inglesa): uma cultura política pluralista e reformista, fundada no diálogo e na concorrência respeitosa entre pelo menos dois partidos parlamentares rivais, intrinsecamente alheia, para não dizer sobranceiramente hostil, às teorias revolucionárias e contrarrevolucionárias do comunismo e do nacional-socialismo – que, infelizmente, obtiveram algum favor no continente europeu.

Após estudar detalhadamente a evolução do pensamento político de Churchill, a autora acaba por aceitar a designação de «conservador-liberal», em regra adotado pela generalidade dos estudiosos de Churchill. Mas é importante sublinhar, como a própria autora faz questão de sublinhar, que a designação não foi para ela um ponto de partida, mas um ponto de chegada, após estudar a bibliografia relevante e após passar em revista os principais momentos da evolução política e intelectual de Churchill – a qual, como é sabido, passou por duas mudanças de partido: dos Conservadores para os Liberais em 1904, e regresso aos Conservadores em 1924.

Como a autora sublinha, a meu ver muito acertadamente, a designação «conservador-liberal» não é em si mesma decisiva e ela expressamente recusou a discussão sobre rótulos, uma vez que a sua investigação foi sobre as ideias políticas de Churchill – tal como elas se exprimiram e evoluíram – e não sobre os conceitos de «liberal» ou «conservador». Sobre as ideias de Churchill, escreve Filipa do Amparo numa síntese inspiradora:

«No topo dos princípios defendidos por Winston Churchill encontramos claramente a liberdade individual. Daqui emerge todo o seu pensamento político, ora o que preserva essa liberdade, todos os restantes princípios, práticas e tradições, ora o que a ameaça e contra o qual Churchill lutou toda a sua vida.

Desta forma, a tradição britânica é para Churchill a que melhor soube preservar a liberdade e fez da Grã-Bretanha a nação mais livre de sempre. Aqui inclui-se o mercado livre, a iniciativa privada, o capitalismo, mas também todo o enquadramento político, a monarquia constitucional, o parlamentarismo, a lei geral e abstrata e a separação de poderes. No fundo, a defesa de todas as práticas e instituições criadas, gradual e progressivamente, como repositório de uma tradição ocidental ou dos povos de língua inglesa que pretendiam, num só princípio, preservar a liberdade individual.

Acrescentada a esta visão esteve sempre presente também a necessidade e a desejabilidade de uma política social dinâmica e ativa que permitisse aumentar a expressão real da liberdade e da dignidade humana. Para isso, Churchill encarregava o Estado de garantir o acesso a todos os bens básicos, em tudo o resto o Estado deveria ter a menor dimensão possível.

Do outro lado, claramente, encontramos o ataque de Churchill a tudo o que poderia ameaçar a preservação desta liberdade e, conseqüentemente, dessa tradição. Aí encontramos quaisquer princípios e práticas de despotismo, totalitarismo e tirania. As ideologias revolucionárias, como o nacional-socialismo e o comunismo, eram fortemente atacadas por Churchill por profetizarem uma sociedade perfeita e racional, absolutamente livre e igual. O seu método seria, porém, a completa destruição de todas as instituições sociais, políticas e económicas existentes e a edificação pela imposição, pelo medo e pela violência de uma Nova Ordem Mundial. Isto era o que Churchill mais temia, pois no fim não restaria pedra sobre pedra, e o destino da sociedade seria a igualdade na escravidão, na miséria, no terror, na falta total de liberdade.»

Estas são palavras sábias que, de forma eloquente, exprimem o projeto fundador do IEP – de estudar a tradição ocidental da liberdade ordeira sob a lei, fundada no diálogo plural entre Atenas, Roma e Jerusalém, em alternativa às dicotomias revolucionárias entre passado e futuro, entre Antigo Regime e Revolução, entre direita contrarrevolucionária e esquerda revolucionária.

Winston Churchill defendeu exemplarmente essa tradição ocidental da liberdade ordeira sob a lei durante a Segunda Guerra Mundial, quando

liderou o Governo de Coligação Nacional entre Conservadores, Liberais e Trabalhistas contra o nazismo e o comunismo. Em 1945, após ter liderado a vitória na guerra em maio, perdeu as eleições parlamentares em junho – de que saíram vencedores os seus recentes parceiros de Coligação, os Trabalhistas. Sem pestanejar, aceitou honrosamente a derrota eleitoral, deixando o assento parlamentar de Primeiro-Ministro e assumindo o assento de líder da Leal Oposição, na bancada oposita.

São também sábias, e sobretudo muito tocantes, as palavras finais deste trabalho de Filipa do Amparo – que nos recordam a fundamental dimensão de dedicação pessoal à ideia de Universidade:

«Por tudo isto espero ter conseguido, para lá da investigação para uma tese académica que será avaliada, ter acrescentado algo, por muito pouco que seja, ao estudo sobre Winston Churchill. Para mim passou a ser um símbolo e uma representação da tradição da liberdade individual, dos valores democráticos, mas também de valores morais como a verdade, o compromisso, a sinceridade, a generosidade e a honestidade. Estudar Winston Churchill foi para mim muito mais do que estudar o político inglês que viveu entre 1874 e 1965, que foi parlamentar durante 55 anos; foi sobretudo aprender com o homem que, no século xx, século das ideologias revolucionárias, dos totalitarismos, das terríveis guerras mundiais, da desmoralização da sociedade, soube fazer frente, tantas vezes sozinho, a tudo isso, acreditando que algo poderia ser feito para preservar o que restava da liberdade e da moralidade. Acima de tudo, essa é a memória que tem de ser preservada, além de que essa luta nunca estará terminada nem nunca será dispensável.

Tentei guardar estes meus comentários para o fim, o que não será certamente o mesmo que afirmar que esta é uma tese imparcial e totalmente objetiva, tentei o mais que pude nunca esquecer o compromisso que fiz com a verdade, porém, é impossível estudar uma figura como Winston Churchill sem que as emoções se envolvam na investigação. Mas sem isso teria sido impossível escrever uma tese apaixonada como esta, que me ensinou a preservar, acima de tudo e em todas as ocasiões, a liberdade de pensamento e a verdade.»

Introdução

Existem milhares de livros publicados sobre Winston S. Churchill, centenas são biografias ou fotobiografias, outras centenas debruçam-se sobre partes da sua vida, episódios ou acontecimentos específicos, algumas dezenas são compilações de artigos, citações e discursos do próprio, ou compilações de artigos de especialistas das mais variadas áreas sobre Churchill, outras dezenas ainda dedicam-se ao estudo do seu amor à pintura, à escrita, à história ou até mesmo aos charutos e às anedotas e caricaturas.

Winston S. Churchill é uma referência incontornável em variadíssimas áreas, como a literatura, a história, a política e as relações internacionais. Porém, não deixa de ser curioso, ou quase bizarro, que quando se procura conhecer as suas ideias políticas exista apenas um título que reflete diretamente sobre este tema, a obra de Martin Gilbert *Churchill's Political Philosophy*¹. Atenção que, quando digo isto, não me refiro sequer à sistematização da sua teoria política, mas apenas à análise e ao levantamento das suas principais ideias.

É indiscutível que Churchill deu um grande contributo na área da teoria política, porém, esse é um tema normalmente esquivo, com contornos imprecisos e turvos.

Este foi desde logo um problema que me cativou a atenção aquando da sua apresentação pelo meu caríssimo orientador, o Professor João Carlos Espada. Desde a primeira conversa, o estudo das ideias políticas em Winston Churchill tornou-se incontornável, tão desafiante quanto árduo.

¹ Martin Gilbert, *Churchill's Political Philosophy* (Oxford: Oxford University Press, 1981).

Numa simples e superficial tentativa de compreender a razão, ou as razões pelas quais existe tão escassa bibliografia sobre as ideias políticas do homem eleito *The Greatest Briton* em 2002, sobretudo pelo seu desempenho na Segunda Guerra Mundial, encontrei uma citação de um dos biógrafos de Churchill que me sugeriu um caminho, não só de explicação, mas também de estudo para a presente tese:

«Num Estado governado por um sistema parlamentar, a pátria de um político é o seu partido. É nele que vive, que tem de se impor e de mostrar o seu valor. (...) Para um político, mudar de partido, em particular num país como Inglaterra, onde há dois partidos que se opõem ferozmente, é o mesmo que imigrar. Mais, é como desertar perante o inimigo. Quem o faz assume uma desvantagem política quase insuportável: para o antigo partido é um traidor, para o novo é um estranho suspeito.»²

A maior dificuldade em estudar Winston Churchill reside precisamente no facto de ter mudado de partido, não uma, mas duas vezes, num sistema bipartidário como é o inglês. A esta razão juntam-se outras, como alguns dos seus traços de personalidade, que dificultam ainda mais essa tarefa de análise.

Churchill não era claramente um filósofo político, não tendo deixado em nenhuma das suas 43 obras (publicadas em 73 volumes) uma sistematização das suas ideias. Acresce a isto a dificuldade de, em toda a sua vida, Churchill ter sido rotulado de controverso, incoerente e radical nas suas ações, palavras e ideias. Descrito muitas vezes como liberal radical ou conservador reacionário, o estudo do tema torna-se tão essencial como exigente.

Efetivamente, a questão da inconsistência surge como primordial no estudo do pensamento político de Churchill e, invariavelmente, afigura-se simultaneamente como um grande obstáculo e a chave deste problema.

Allen Packwood, diretor do Churchill Archives Centre no Churchill College em Cambridge, a quem muito agradeço pelo convite e o apoio dado

² Sebastian Haffner, *Winston Churchill*, trad. Luís Jesus, Coleção A minha vida deu um livro (Lisboa: Expresso, 2011), 39.

aquando da minha visita, coloca, de forma clara e acutilante, este problema da inconsistência em Churchill:

«A vida de Winston Churchill continua a produzir livros, documentários televisivos e filmes. De facto, ele continua a ser uma das figuras mais amplamente citadas e incorretamente citadas dos últimos tempos. (...) E quando olhamos para a longa vida e carreira de Churchill, isso não parece surpreendente, já que, à primeira vista, pode parecer muito inconsistente e talvez até mesmo oportunista. Aqui está um homem que mudou a sua lealdade partidária não uma, mas duas vezes: desertando do partido conservador para o partido liberal em 1904, justamente quando os liberais estavam prestes a tornar-se o partido do governo, regressando depois aos conservadores em 1924, precisamente depois de terem sido nomeados para o governo, levando assim à sua famosa observação: «*Anyone can rat, but it takes a certain amount of ingenuity to re-rat*». Foi um reformador social que se opôs ao sufrágio feminino e lutou para suprimir as agitações industriais. Foi sempre um grande defensor do Império Britânico que também promoveu, simultaneamente, uma maior unidade Europeia e uma aliança transatlântica mais próxima dos Estados Unidos. Foi o defensor da democracia parlamentar Britânica, tendo-se destacado por se opor a um autogoverno mais forte e à independência da Índia. Foi o forte opositor do Bolchevismo na Rússia que firmou uma Grande Aliança com Estaline em tempo de guerra. Inevitavelmente, uma longa carreira política gera alguma inconsistência. Os terrenos políticos estão em constante mudança.»³

³ «The life of Winston Churchill continues to generate books, television documentaries and films. Indeed, he remains one the most widely quoted and misquoted figures of recent times. (...) And when you look at Churchill's long life and career this hardly seems surprising, as, at first glance, it can appear as very inconsistent and perhaps even opportunist. Here is a man who changed his party allegiance not one but twice: defecting from the conservative party to the liberal party in 1904, just as the liberals were about to become the party of government, and then returning to the conservative fold in 1924, just after they had been voted into office, thereby prompting his famous remark that, "*Anyone can rat, but it takes a certain amount of ingenuity to re-rat*". He was a social reformer who opposed female suffrage and fought to suppress industrial unrest. He was a life-long believer in the British Empire, who also simultaneously promoted greater European unity and a closer trans-Atlantic alliance with the United States. He was the champion of British parliamentary democracy who stood out against greater self government and independence for India. He was the strong opponent of Bolshevism in Russia who concluded a wartime Grand Alliance with Stalin. Inevitably a long life political career breeds a certain amount of inconsistency. The political sands are cons-

Porém, Allen Packwood refere nesse mesmo discurso proferido em Hong Kong que, «se dedicarmos algum tempo a examinar os documentos de Churchill e a ler alguns dos seus muitos discursos, artigos e livros, podemos identificar as linhas de uma filosofia política e de uma visão do mundo coerentes, que sustentem as ações de Churchill ao longo da sua vida e que talvez nos permitam reavaliar o seu legado nos seus próprios termos»⁴.

Aceitando também este convite de Allen Packwood, baseei a minha tese em duas fontes principais: primeiro, em toda a documentação de Winston Churchill a que tive acesso no Churchill Archives Centre (discursos, livros, artigos, correspondência, notas e apontamentos do próprio); segundo, nas obras de Martin Gilbert, enquanto seu biógrafo oficial⁵. A sua biografia oficial, composta por 8 volumes, é um grandioso trabalho, um estudo exaustivo baseado em cinco fontes principais: no arquivo pessoal de Churchill atualmente no Churchill College em Cambridge; nos documentos de Clementine, sua mulher, sob a custódia de Lady Soames, sua filha, até maio de 2014, data da sua morte; no arquivo governamental que se encontra no Public Record Office em Kew; nos arquivos privados de seus contemporâneos; nas recordações pessoais da família, dos amigos e dos contemporâneos de Churchill.

É, porém, importante referir que existem inúmeras biografias de autores de renome, como Roy Jenkins, Paul Johnson, Paul Addison, Ashley Johnson, John Keegan, Geoffrey Best, Robert Blake, que serão também analisadas para o presente estudo.

Retomando a apresentação do problema, os conceitos de mudança de partido e de consistência estarão no centro da análise deste estudo, sendo o objetivo mais amplo o de tentar extrair ideias e princípios políticos

tantly shifting.» Allen Packwood, discurso proferido em Hong Kong, entregue em papel pelo próprio, Cambridge, Churchill Archives Centre, 24 de setembro de 2013, 2.

⁴ *Ibid.*, 2-3.

⁵ Martin Gilbert começou o estudo biográfico de Churchill em 1962 como membro da equipa de investigação de Randolph Churchill, filho de Winston Churchill, a quem se deve a publicação dos dois primeiros volumes dos oito que perfazem a biografia oficial de Churchill, depois terminada por Martin Gilbert, que viria a tornar-se o seu biógrafo oficial em 1968. A par desta biografia, Martin Gilbert e a sua equipa publicaram, depois, 17 volumes com os documentos de Churchill. Em 2012, Martin Gilbert entregou a continuação da sua missão a Larry P. Arnn, Presidente do Hillsdale College. Seis novos volumes dessa coleção serão publicados brevemente. Martin Gilbert morreu a 4 de fevereiro de 2015.

basilares para Churchill, inscritas nas suas ações e palavras. Neste sentido a questão central pode ser enunciada do seguinte modo: É possível encontrar princípios políticos coerentes e consistentes que tenham orientado a ação política de Winston Churchill e que, simultaneamente, expliquem as duas mudanças de partido?

Outras questões surgirão relacionadas com esta e invariavelmente serão abordadas por serem também essenciais no desenvolvimento deste estudo, como, por exemplo: O que é consistência política? Como se alterou o sistema de partidos inglês no início do século xx? O oportunismo e a ambição desmedida pesaram mais nas duas mudanças de Churchill do que a evolução interna dos partidos Conservador e Liberal? Que ideias políticas Churchill identificava como estandartes da sua ação?

Para tentar responder, pelo menos em parte, a estas questões e para cumprir o objetivo a que me proponho, decidi dividir este trabalho em três fases de análise distintas: em primeiro lugar serão estudadas as duas mudanças de partido, em busca das razões que as originaram; depois serão examinados alguns episódios e temas específicos do período entre as duas mudanças; de seguida será abordado o tema da consistência política; e, por fim, após o levantamento das razões e causas defendidas ao longo de mais de vinte anos de vida política, procurar-se-ão princípios políticos orientadores e coerentes.

Desta forma, o estudo das duas mudanças será utilizado como uma fonte de análise das razões, causas e ideias pelas quais Churchill lutou, que o levaram a quebrar a lealdade partidária mesmo sabendo que «mudar de partido, deixando um para se juntar a outro, é o movimento mais arriscado que um parlamentar britânico pode fazer. Ao fazê-lo, perde todas as antigas amizades políticas, sem qualquer garantia de que irá encontrar simpatia entre os seus novos companheiros.»⁶ Por outro lado, a análise das duas mudanças terá ainda uma dupla função de testar, ou de pôr à prova, a consistência de Churchill após a confrontação das várias razões e dos princípios encontrados anteriormente. Ou seja, procurar-se-á no final perceber se os princípios que o guiaram eram os mesmos, ou pelo menos compatíveis, comprovando-se, desta forma, que Churchill foi coerente na

⁶ John Keegan, *Winston Churchill: a life*, Coleção Penguin Lives (Nova Iorque: Viking/Penguin, 2002), 59.

decisão de mudar duas vezes de partido, ou se, contrariamente a isso, Churchill alterou o seu pensamento político ao longo desses 20 anos. Em qualquer um dos casos, porém, será possível afirmar com segurança quais foram os princípios que guiaram a ação política de Winston Churchill.

Diferentes questões poderiam ser colocadas, diferentes métodos de análise poderiam ser utilizados. Gostaria apenas de esclarecer por que razão não optei por um outro método que poderia parecer mais desejável e talvez mais correto. A pergunta, dadas as duas mudanças, poderia ser se Churchill era Liberal ou Conservador? Poderia ser mais apelativo mas, na minha opinião, também mais errôneo. Em primeiro lugar porque o que estaria no centro da discussão eram os conceitos de liberal e conservador e não as próprias ideias políticas de Churchill. A acrescentar a isto, trabalhar dentro de enquadramentos pré-definidos, pode por um lado, simplificar o estudo, mas, por outro, pode dificultar uma análise profunda e exata, pois o objetivo final seria o de rotular determinadas ideias.

Não pretendo com esta ressalva nada mais do que me comprometer com um estudo exaustivo e verdadeiro do tema, que espero que seja também o mais livre, plural e sem preconceitos que consiga ao refletir sobre uma figura tão carismática e controversa como foi Winston Churchill.

Capítulo 1

A Mudança para o Partido Liberal: 1901-1904

No dia 1 de outubro de 1900, Churchill é eleito deputado por Oldham e, a 14 de fevereiro de 1901 já com 26 anos, ocupou o seu lugar na bancada conservadora da Câmara dos Comuns que formava então governo. No dia 31 de maio de 1904 senta-se do outro lado, na bancada da oposição liberal. O objetivo deste primeiro capítulo é tentar compreender quais as razões que o fizeram mudar de partido, quais as causas e os princípios que foram definitivos na hora de deixar para trás os seus colegas e amigos, que caminho percorreu em apenas três anos, mas que foi decisivo para a construção do seu pensamento político.

Guerra dos Bóeres⁷

Neste ponto não é possível falar de um confronto ou conflito direto entre Churchill e o Partido Conservador. Churchill não estava do lado dos bóeres, porém, reconhecia que a guerra já decorria há demasiado tempo e que era essencial criar condições para a rendição dos bóeres e para a paz⁸.

No dia 28 de fevereiro de 1901, no seu discurso no parlamento, os conservadores ofenderam-se quando afirmou que «se eu fosse um bóer

⁷ Bóeres eram os descendentes dos colonos calvinistas dos Países Baixos, Alemanha, Dinamarca e França que se estabeleceram, no séculos XVII e XVIII, na África do Sul. A Guerra dos Bóeres, também conhecida como a Guerra Sul-Africana ou a Guerra Anglo-Bóer, foi travada entre 1899 e 1902, opondo a Grã-Bretanha às duas Repúblicas Bóeres independentes, o Estado Livre de Orange e a República da África do Sul (Transvaal). No final do conflito, ambas as repúblicas tornaram-se colónias britânicas.

⁸ «His belief that the harshness of war should be followed by a magnanimous peace, was already well formed (...) “If there were persons who rejoiced in this war, and went out with hopes of excitement or the lust of conflict, they have had enough, and more than enough today.” It should now be made “easy and honourable” for the Boers to surrender.» Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 21.

desejaria estar a lutar no campo de batalha»⁹. Esta declaração não mostra o seu apoio aos bóeres, apenas que o patriotismo se subleva muitas vezes a cálculos morais, a argumentos de direito e a discussões sobre o exclusivo da razão¹⁰.

Provavelmente por ter estado envolvido em três guerras, estava muito consciente das consequências da guerra, apelando sempre à necessidade de fazer todos os esforços para acabar com esta, especificamente. Na sua opinião, as relações entre bóeres e britânicos agudizavam-se cada vez mais e a ruína e a destruição seriam o único resultado da continuação da guerra. Churchill argumentava que prolongar a guerra seria alimentar ódios e vinganças que só terminariam quando nenhum homem restasse de pé. Acima de tudo, Churchill alertava para a necessidade de destruir as memórias da morte e do sofrimento através do esforço conjunto para a paz¹¹.

Churchill condenava a forma como o governo estava a agir na prossecução da guerra, acusando-o de desprezar a dignidade e a liberdade humana. «Churchill protestou publicamente contra a execução de um comandante bóer pelas autoridades militares britânicas na África do Sul e trabalhou nos bastidores para impedir a execução de outro comandante: “Estava revoltado com o ‘jingoísmo’”, explicou trinta anos depois.»¹² Churchill acusou também as autoridades militares de terem abusado dos seus poderes, ao abrigo da lei marcial, quando recusaram a um jornalista bóer autorização para ir a Inglaterra em visita, simplesmente por ter estado preso 12 meses.

Por fim, é importante fazer uma última referência neste ponto à desilusão demonstrada por Churchill quando refletia sobre a discrepância entre

⁹ Cit. in Martin Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, trad. Vernáculo, Gab. de Tradução, 6.ª ed. (Lisboa: Bertrand Editora, 2007), 117.

¹⁰ «Assim eu afirmo que enquanto a causa bóer é certamente errada, os bóeres que lutam por ela estão certamente certos. E com maioria de razão os bóeres que lutam por ela com bravura. “Se”, acrescentou, “eu tivesse a infelicidade de ser bóer, preferia certamente ser a melhor espécie de bóer”.» Churchill cit. in *ibid.*, 118.

¹¹ «We desire a speedy peace and the last thing in the world we want is that this war should enter upon a guerrilla phase. Those who demand “an eye for an eye and a tooth for a tooth” should ask themselves whether such barren spoils are worth five years of bloody partisan warfare and the consequent impoverishment of South Africa.» Churchill cit. in Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 17.

¹² Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 121.

a verdade oficial e a verdade real¹³. Vemos assim surgir, em cada história e dizer, uma das qualidades mais características de Churchill, a sinceridade. De facto, desde logo, o seu perfil é traçado e mantém-se para sempre fundado na «independência e sinceridade»¹⁴.

Ambição e oportunismo

Esta é uma razão que não deve ser descartada. Alguns autores, e principalmente os seus contemporâneos, acusaram-no de ter mudado de partido com base no puro egoísmo, na ambição, no simples interesse próprio de subir na carreira política.

É verdade que desde o primeiro discurso fez os conservadores murmurarem, desconfiarem de si e ofenderem-se. Desde aí, só foi ganhando fama de oportunista, dissidente, traidor, possuidor duma ambição insaciável e acusado de autopromover-se às custas do partido.

Jeremy Havardi, no seu livro *The Greatest Briton*, escreve «Sem dúvida que existia alguma verdade nas queixas *tory*. Como um “jovem apressado”, com pouca perspectiva de avanço imediato, Churchill estava ansioso por um alto cargo.»¹⁵

Sebastian Haffner escreve mais ainda:

«Aqui poderá ter residido um dos motivos para a sua decisão: Churchill estava magoado e ofendido – não pode haver dúvidas de que estava zangado pelo facto de os líderes do partido o terem deixado durante três anos em «banho-maria» nos bancos de trás. Almejava um cargo e o poder (não tanto

¹³ «“Talvez não seja muito agradável para muitos dos meus amigos deste lado da Câmara se eu disser que notei nas três últimas guerras em que estive envolvido, uma tendência – resultante em parte da vontade de não prejudicar os seus camaradas, em parte da aversão para abafar tudo, para fazer com que tudo pareça o mais justo possível, para dizer aquilo a que chamamos a verdade oficial, para apresentar uma versão da verdade que contém cerca de setenta e cinco por cento do assunto verdadeiro.” E isto não era tudo. “Logo que uma das forças obtém de alguma maneira a vitória”, continuou Churchill, “todos os factos feios são aplanados e polidos, as más reputações são apoiadas, e a oficias reconhecidos como incapazes é-lhes permitido aguentarem-se e continuarem nos seus postos na esperança de que no fim da guerra possam ser encaminhados para a vida civil sem escândalo”.» *Ibid.*, 118.

¹⁴ Expressão utilizada pelo *Daily Chronicle* para o caracterizar com base nos seus primeiros discursos. Ver *ibid.*

¹⁵ Jeremy Havardi, *The Greatest Briton* (Londres: Shephard – Walwyn Ltd, 2009), 28.

a honra), almejava-os vivamente, e não demorou muito tempo até achar insuportável a sua existência de ocupante dos bancos de trás, limitando-se a sua função a fazer intervenções e a respeitar obedientemente o sentido de voto do seu grupo parlamentar.»¹⁶

Ele próprio sabia perfeitamente que muitos iriam acusá-lo: «a única dificuldade que antevejo é a suspeita de que sou movido pela mera ambição insatisfeita»¹⁷.

Aumento das despesas com exército

Uma das primeiras controvérsias que ia enfurecer os líderes conservadores seria a sua crítica acérrima à proposta de John Brodrick, Ministro da Guerra, de aumentar 15% as despesas militares. Churchill em vários discursos acusou o aumento de ser desnecessário e ineficaz, de ser um desperdício de dinheiro que não tornaria o exército mais forte. No dia 13 de maio, Brodrick apresentou a sua emenda no parlamento. Churchill fez uma longa e refletida crítica, lembrando que em 1894 as despesas anuais com o exército eram de 17 milhões de libras e em 1901 ascendiam a cerca de 30 milhões, alertando também para a necessidade de fazer renascer ideias de redução, economia e contenção.

Churchill considerava que se se gastasse mais dinheiro público deveria ser na marinha¹⁸, também porque, na sua opinião, o poder e a prosperidade de Inglaterra residiam precisamente numa «marinha forte» e no «domínio económico dos mercados».

Além disso, Churchill julgava que o aumento dos gastos com o exército iria destruir uma espécie de «força moral», uma ideia generalizada de que a «influência britânica é saudável e bondosa, e trabalha para a felicidade geral e para o bem-estar da humanidade»¹⁹. Churchill queria uma Inglaterra forte, mas não baseada na força, que na sua opinião só iria criar a ideia de uma Inglaterra conflituosa e ameaçadora.

¹⁶ Haffner, *Winston Churchill*, 40.

¹⁷ Cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 126.

¹⁸ «“Qualquer perigo que chegue à Grã-Bretanha”, insisti, “não será por terra, virá por mar”.» *Ibid.*, 119.

¹⁹ Churchill cit. in *ibid.*, 120.

Aproximação aos liberais

A oposição liberal aplaudia muitos dos seus discursos em que criticava o seu próprio governo conservador. Começou, logo desde os primeiros discursos, a receber apoio e felicitações de alguns liberais, como de um amigo de seu pai, Lord James of Hereford, membro do Gabinete de Salisbury. Se já havia estabelecido laços de amizade com vários líderes liberais, esse número só iria aumentar com a sua entrada na Câmara dos Comuns, quando começa a passar tempo com Lord Rosebery e Asquith, sem falar do seu tio, Lorde Tweedmouth, um antigo ministro liberal com quem se reunia algumas vezes na companhia de outros «imperialistas liberais» como Haldane e Sir Edward Grey. Obviamente, destes encontros sempre tão afáveis concluía que muitas das ideias dos imperialistas liberais eram por ele partilhadas, como, por exemplo, a ideia da necessidade de construir uma Inglaterra forte, mas simultaneamente possuidora de uma política social que beneficiasse toda a população e reduzisse a pobreza. Outros nomes vão aparecendo, como John Morley, importante reformador liberal que lhe recomenda o livro de Seebohm Rowntree, *Poverty: A study of town life* que, segundo o próprio Churchill, fortaleceu e reforçou o seu sentido de missão.

Muitos anos mais tarde, Churchill escreveu sobre estes tempos: «embora eu tivesse o privilégio de encontrar em círculos agradáveis muitos dos líderes conservadores, e fosse sempre tratado com extraordinária amabilidade e bonomia pelo Sr. Balfour; embora visse frequentemente o Sr. Chamberlain e o ouvisse discutir assuntos com a maior liberdade, eu era arrastado firmemente para a esquerda»²⁰. E recordou ainda: «Eu considerava que Rosebery, Asquith e Grey, e acima de todos John Morley, pareciam compreender os meus pontos de vista muito melhor do que os meus próprios chefes.»²¹

Finalmente, a 24 de outubro de 1903, escreveu «Eu sou um liberal inglês»²².

²⁰ Cit. in *ibid.*, 121.

²¹ Cit. in *ibid.*, 123.

²² Cit. in *ibid.*, 130.

A continuidade da herança de seu pai

O seu seio familiar era predominantemente conservador e essa foi a primeira razão que o levou a entrar para os conservadores. Churchill admirava o seu pai e apreciava muito o seu trabalho nos conservadores, por isso, não faria sentido que, tratando-se de um jovem inexperiente, ele não seguisse a pegadas dos mais próximos e mais influentes no seu ainda pequeno mundo. Porém, é também no seio da sua família, mais precisamente na figura de seu pai, que encontramos uma das razões mais importantes na decisão de mudança de Churchill. O seu pai era o seu ídolo, uma autoridade para ele. Churchill sentia como sua missão continuar o caminho herdado de seu pai. Por exemplo, no seu esforço contra o aumento das despesas com o exército cita imensas vezes o seu pai como se fosse sua obrigação prosseguir o trilho traçado por ele²³.

Também relativamente à criação de uma ala democrática ou progressista do Partido Conservador é notória a influência do seu pai:

«Ambas as possibilidades, disse Churchill a Smethurst, “estão presentes no meu espírito como estiveram no do meu pai toda a sua vida: e quanto mais pondero isto, melhor compreendo uma observação que Lorde Salisbury fez uma vez a meu pai depois da sua demissão, ‘que esta mudança (e a mudança da democracia tory) virá depois da morte do Sr. Gladstone’”».²⁴

«Os riscos seriam muito grandes e poderiam trazer-me conseqüências que eu não posso prever; e apenas a convicção de que você [Rosebery] segura a bandeira pela qual o meu pai lutou durante tanto tempo e desastrosamente, me encoraja a arriscar.»²⁵

²³ «Referiu-se depois ao facto de o seu pai se ter oposto ao aumento das despesas militares, “se me é permitido lembrar um episódio bastante esquecido”. Como resultado dele, lembrou à Câmara, o pai tinha “saído para sempre, e com ele parecia ter também caído a causa da redução e da economia, por isso parece que até a própria lembrança desapareceu e as próprias palavras têm uma ressonância curiosamente antiquada”.» *Ibid.*, 119. «Ninguém tem mais direito que eu, pois esta é uma causa que herdei, e uma causa pela qual o falecido Lorde Randolph Churchill fez o maior dos sacrifícios que alguma vez foram feitos por um ministro dos tempos modernos.» Churchill cit. in *ibid.*, 120.

²⁴ *Ibid.*, 125.

²⁵ Churchill cit. in *ibid.*, 126.

O afastamento dos conservadores

Como já vimos, desde os seus primeiros dias que Churchill ficou conhecido pela sua independência para com o partido (se não mesmo por estar contra este). Nunca apoiou as palavras que Chamberlain proferira: «Que sentido tem apoiar o seu próprio governo apenas quando tem razão? É precisamente quando ele se encontra neste tipo de dificuldades que vocês deveriam vir em nossa ajuda.»²⁶

Para ele, a democracia, o parlamento e, os partidos eram os melhores instrumentos de aproximação à verdade, e não uma forma dos erros ganharem baseados na lealdade partidária. Isso era algo que ele nunca compreendera. E descobrir que o partido era controlado por alguns que geriam as verdades oficiais, que pretendiam calar opiniões contrárias à sua, era algo que o deixava furioso. Porém o seu estilo franco e vigoroso iria valer-lhe muitos inimigos, sobretudo no seio do seu partido.

Logo no verão de 1901, Churchill entra para um grupo de jovens conservadores do parlamento que estavam insatisfeitos com a política do partido, os designados *hooligans* ou *hughligans*.

A sua crítica feroz ao Partido Conservador foi crescendo, passando dos gastos militares à incapacidade de o governo utilizar o dinheiro público de forma eficaz e benéfica. De tal forma que fez com que nomeassem uma Comissão Especial de Inquérito da Câmara, da qual acabou por fazer parte, para avaliar se o dinheiro público era gerido eficientemente e considerar se as despesas nacionais podiam ser reduzidas.

Churchill não passava um mês sem entrar em confronto com o partido, votava cada vez mais com os liberais, relatando a muitos dos seus amigos liberais o que andava a fazer e o que pretendia fazer. A partir de certa altura, a mudança não era só previsível, mas o mais certo, como afirmara depois Chamberlain: «Penso que tem toda a razão, sentindo o que sente, em se ter juntado aos liberais.»²⁷

A 24 de outubro de 1903, Churchill afirma: «Odeio o partido *tory*, os seus homens, as suas palavras e os seus métodos. Não sinto nenhuma espécie de simpatia por eles.»²⁸

²⁶ Chamberlain cit. in *ibid.*, 124.

²⁷ Cit. in *ibid.*, 138.

²⁸ Cit. in *ibid.*, 130.

Comércio livre por oposição a Chamberlain e ao protecionismo

Considerada por alguns a «verdadeira questão», que o levou a afastar-se por completo dos conservadores e a permanecer 20 anos com os liberais, surge no final de outubro de 1902, cerca de seis meses depois de Chamberlain proferir as seguintes palavras num jantar que lhe fora oferecido pelo grupo de jovens rebeldes que formavam os *hooligans*: «Tarifas alfandegárias! São a política do futuro, e do futuro próximo. Estudem-nas em pormenor e dominem-nas, e não lamentarão a hospitalidade que me proporcionaram.»²⁹

A controvérsia começou quando o *Oldham Chronicle* acusou Churchill de ser inconsistente por defender os princípios do comércio livre e simultaneamente apoiar os impostos conservadores sobre os cereais e sobre o açúcar. Ele defendeu-se afirmando que esses impostos eram medidas de emergência apenas para efeitos de rendimento (por exemplo, em tempos de guerra) sem qualquer intenção de proteger os produtos coloniais da concorrência estrangeira. A sua opinião sobre todos os impostos serem empecilhos para o comércio livre nunca se alterou.

Um pouco por todo o lado, Churchill defendia o comércio livre, falava da competição e da abertura dos mercados do mundo. Os argumentos mais frequentes em favor do comércio livre eram o da eficiência e o da liberdade. Por um lado, segundo Churchill, todos os bens (sobretudo os alimentares e as matérias-primas) eram mais bem garantidos através do sistema de comércio livre. Churchill defendia que através da seleção do mercado não só há uma maior variedade de bens, como são de melhor qualidade e a um preço inferior. Por outro lado, no argumento da liberdade defendia que cada um deve possuir total liberdade de escolha na obtenção de bens, uma vez que qualquer impedimento colocado pelo Estado ou por terceiros viola a dignidade e a liberdade humanas.

Além disso, Churchill afirmava, em favor do comércio livre, que a Inglaterra só tinha a ganhar com «as boas e variadas mercadorias que o tráfico mundial oferece e sobretudo considerando que, quanto mais comerciar-mos com os outros, mais eles têm de comerciar connosco»³⁰. E, por outro lado, atacava o protecionismo porque «as tarifas protetoras de um país

²⁹ Cit. in *ibid.*, 124.

³⁰ Cit. in *ibid.*, 127.

levariam inevitavelmente à construção de muros alfandegários em todo o mundo (...) fariam subir os preços e gerariam uma crescente tensão internacional, não só económica mas também política»³¹. Por fim, essa mudança significaria isolar a Grã-Bretanha do mundo e destruir uma tradição britânica longa como era a do comércio livre³².

O comércio livre estaria correlacionado com boas relações entre comprador e vendedor (neste caso entre os estados), enquanto as tarifas com o conflito, com a competitividade agressiva, abrindo caminho ao ódio e à vingança. No fundo, Churchill apenas afirmava a existência de uma ligação intrínseca entre o comércio livre e a paz entre as nações.

A 15 de maio de 1903, Chamberlain exigiu o abandono do comércio livre e a aplicação de uma «preferência colonial», ou seja, a criação de uma união aduaneira no império. As mercadorias coloniais deviam ser admitidas aos preços normais e as europeias deviam ter a agravação de um imposto, tornando-as mais caras e menos desejáveis. É com este cenário que Churchill surge como um dos mais ardentes apoiantes conservadores do comércio livre e simultaneamente o maior opositor de Chamberlain dentro do partido.

«Oponho-me absolutamente», escreveu Churchill a Balfour a 25 de Maio, «ao que quer que seja que altere o carácter do comércio livre deste país». Uma tentativa de Balfour para preservar «a política e o carácter de comércio livre do Partido Tory atrairia a minha lealdade absoluta». Mas se Balfour tinha decidido apoiar as tarifas alfandegárias, «terei de reconsiderar a minha posição na política».³³

«Era um “absurdo económico”, disse Churchill à Câmara, “dizer que o protecionismo significa um maior desenvolvimento de riqueza; e dizer que ele significa uma distribuição mais justa da riqueza é uma ‘completa mentira’”...»³⁴ Churchill acreditava plenamente que, se a política de Chamberlain fosse levada por diante, o Partido Conservador tornar-se-ia num tipo totalmente novo de partido, baseado na riqueza, nos impostos e não

³¹ *Ibid.*, 126-127.

³² «Parece-me ser uma política excêntrica esforçarmo-nos por encerrar o Império Britânico numa vedação.» Churchill cit. in *ibid.*, 127.

³³ *Ibid.*, 128.

³⁴ *Ibid.*

nas convicções e nos princípios constitucionais. Churchill julgava haver também uma forte correlação entre o sistema protecionista e um aumento sem precedentes da corrupção, pois qualquer troca teria como pano de fundo jogos de interesses e trocas de favores.

Churchill formou então a Liga para Alimentos Livres (depois autodenominada União pelo Comércio Livre) composta por conservadores determinados a manter o partido dedicado ao comércio livre. «Uma ação determinada agora pode destruir grandemente o chamberlainismo e preservar o carácter de comércio livre no partido *tory*.»³⁵ Porém, após a demissão de Chamberlain, Balfour levou o partido diretamente a uma legislação protecionista. E então Churchill não poupou as duras críticas ao protecionismo:

Tarifas alfandegárias sobre todos os tipos de alimentos eram «remédios de charlatão». Os trabalhadores «devem ver com inalterável desconfiança um plano para reduzir o custo de vida por meio de impostos sobre tudo aquilo que comem». As colónias britânicas «rejeitarão propostas para restringir o seu desenvolvimento económico, tal como as mulheres chinesas fazem aos pés dos seus filhos».³⁶

O protecionismo era agora uma realidade, criticá-lo mesmo com argumentos sólidos já não tinha qualquer possibilidade de fazer o processo retroceder e Churchill apercebeu-se de imediato. Passou a ser apenas uma voz contrária à política efetiva do seu partido, numa batalha que se recusava a perder quando muitos outros partilhavam das suas ideias. A sua vontade e o seu dever eram continuar a apoiar o comércio livre junto de quem podia exercer influência, os liberais.

O terceiro partido

A ideia de um novo partido surge na luta contra a proposta de aumento da despesa com o exército. No mês de setembro de 1902, Churchill planeava fazer frente a Brodrick através de uma ação conjunta de um pequeno mas sonoro grupo de membros conservadores e unionistas liberais dispostos a atuar e a votar juntos contra os excessivos gastos militares.

³⁵ Churchill cit. in *ibid.*, 129.

³⁶ *Ibid.*, 130.

Encontra apoio em Oldham, num importante conservador local, Samuel Smethurst, que compartilhava muitas das suas preocupações. «É curioso e encorajador», escreveu a Smethurst alguns dias depois, «que nas suas reflexões tenha produzido uma ideia que esteve sempre no meu espírito, mas que eu talvez não tenha especificado»³⁷.

Essa ideia era a «criação gradual» de um partido de centro (que reunisse conservadores e liberais), de uma «ala democrática ou progressista» do Partido Conservador, que tinha por objetivo, nas palavras de Churchill, «infundir vitalidade no corpo-pai» (ou, por outras palavras, fazer com que o Partido Conservador recuperasse o seu espírito passado) e abrir espaço para uma possível coligação com os liberais. Esta foi na altura a única solução encontrada por Churchill para manter o espírito liberal no Partido Conservador. A solução encontrava-se apenas na aproximação aos liberais.

Churchill pretendia encabeçar uma coligação de centro que começaria por um pacto eleitoral com os liberais nas eleições seguintes. Eles deixariam os, então designados, Unionistas concorrerem num ou noutra círculo sem um opositor liberal, porém, percebe logo que tal compromisso seria muito difícil de encetar. Os liberais só iriam apoiar os Unionistas se eles se apresentassem como candidatos liberais, e isso não podia acontecer.

Nesse momento apenas uma questão separava Churchill dos liberais, o Projeto de Autonomia da Irlanda. Tal como o seu pai, opunha-se a este projeto, porém, pouco a pouco, decidiu resolver esta questão propondo um plano de maior controlo irlandês dos seus assuntos.

O problema estava resolvido e, a 18 de abril de 1904, aceitou a proposta da Associação Liberal do Noroeste de Manchester para se candidatar nas eleições seguintes como candidato especial da Liga para Alimentos Livres.

No dia 31 de maio juntou-se aos liberais.

Em suma,

Churchill nunca esteve com os dois pés inteiramente assentes dentro do Partido Conservador e, como foi possível observar, a sua caminhada foi desde o primeiro dia uma retirada do único pé que tinha dentro do partido. Desde logo é compreensível que lealdade e independência nunca geraram verdadeiramente um conflito para Churchill, que sempre optou pela

³⁷ *Ibid.*, 125.

sinceridade, franqueza e independência por considerar ser esse o melhor caminho na busca da verdade. Aliado a estas características, vemos um estilo vigoroso, muitas vezes irascível, que facilmente criava inimigos.

Considerando as razões acima enunciadas, podemos juntar a aproximação aos liberais com o afastamento aos conservadores como algo que surge naturalmente de alguém que nunca entra inteiramente nos conservadores, e que encontrava do outro lado um porto de abrigo para muitos dos conflitos que gerava em sua casa. Além disso, esta aproximação e este afastamento expressam-se, na prática, nas questões que geraram conflito, como a Guerra dos Bóeres, o aumento da despesa no exército, o protecionismo e as taxas alfandegárias. À parte desta linha encontramos uma outra muito importante que por vezes se cruza com a anterior, que é a sua memória do pai. Depois da sua morte, uma das coisas que mais tinha presente era a necessidade de continuar a caminhada do seu pai, fazer jus à sua memória e deixá-lo orgulhoso.

Porém, a questão torna-se mais profunda e complexa quando analisamos o seu pensamento político à luz da dicotomia liberalismo e conservadorismo. O que era afinal Winston S. Churchill?

Explicou então à mãe em que consistia essencialmente um programa liberal interno: alargamento do direito de voto a todos os homens adultos, educação universal, igualdade de todas as religiões e um imposto de rendimento progressivo. «Votaria a favor de todos eles.» Nos Negócios Estrangeiros, defendia a não-intervenção na Europa, «mantermo-nos absolutamente desligados – isolados, se preferir». Defender as colónias com «uma poderosa marinha», criar um sistema de defesa imperial. A leste do Suez, contudo «os governos democráticos não podem existir. A Índia deve ser governada segundo os velhos princípios». E acrescentou: «Aqui tem! Este é o credo da democracia tory. Paz e poder no estrangeiro – prosperidade e progresso interior».³⁸

Características como independência, sinceridade, busca da verdade, luta pela transparência e pelo rigor, vigor e franqueza, podem ser resumidas e sintetizadas no seu amor pela liberdade, valor de base de toda a sua vida que se foi tornando no seu modo de vida. Churchill descobre, com todos

³⁸ *Ibid.*, 69-70.

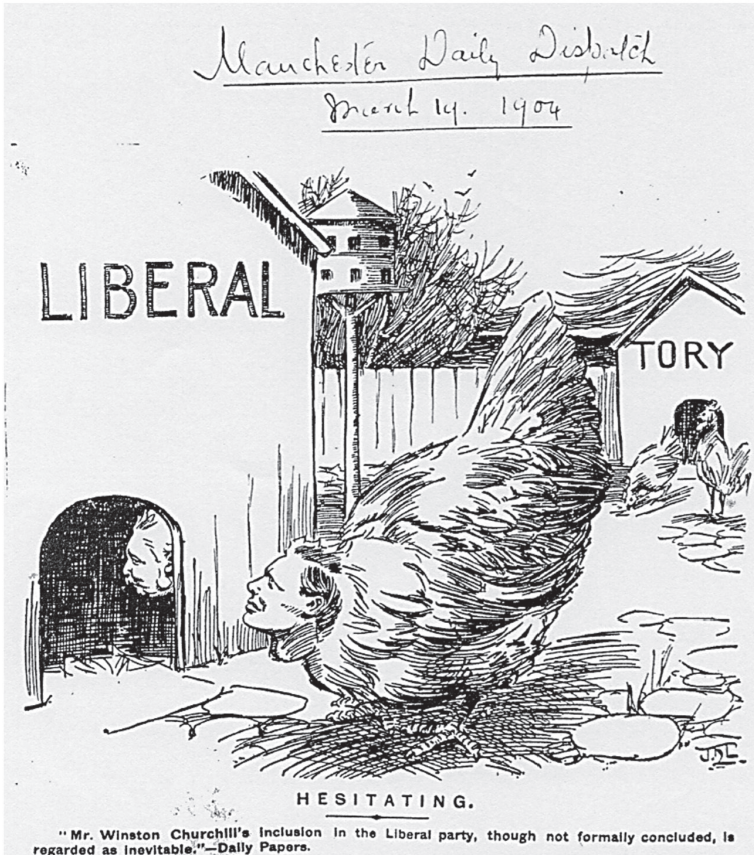
os conflitos, situações e circunstâncias que lhe são apresentadas ao longo destes anos, que podia viver fora do Partido Conservador, mas jamais negaria o liberalismo. Em primeiro lugar, ele considerava-se um liberal por convicção e até então acreditava poder sê-lo no Partido Conservador. Mas com a chegada do proteccionismo teria de continuar leal ao seu partido, renunciando ao que de mais puro e sincero tinha em si, uma imensa paixão pela liberdade. E isso seria impraticável para alguém como Churchill. Foi por isso que afirmou aos 22 anos, 4 anos antes de entrar para o parlamento como conservador:

«Sou um liberal em tudo, excepto no nome.»³⁹



Reference: BRDW I Press 3
Image © Churchill College, Cambridge
& content © the copyright owner. 2003

³⁹ Cit. in *ibid.*, 70.



Reference: BRDW I Press 3
Image © Churchill College, Cambridge
& content © the copyright owner. 2003

Capítulo 2

A Luta pelos Direitos dos Indivíduos e a Reforma Social: 1904-1911

Este segundo capítulo pretende revisitar as causas, as ações e os princípios defendidos por Churchill durante o seu período liberal. De forma talvez demasiado ambiciosa, diria que este ensaio tentará, em última análise, traçar uma fronteira entre o liberalismo e o socialismo que Churchill vai delineando na sua ação e nas palavras que escreveu e proferiu durante esses anos. Além disso, dependente desta distinção acredito estar a compreensão da segunda mudança de partido e, acima de tudo, a possibilidade de alcançar alguns dos princípios que poderão estar na base do pensamento e da ação de Winston Churchill.

Para cumprir este objetivo proponho que se olhe para os cargos ocupados por Winston Churchill entre 1904 e 1911 (Secretário de Estado das Colónias, Presidente da Junta de Comércio e Ministro do Interior), buscando um denominador comum na ação, e princípios transversais aos diferentes cargos e áreas.

Desde os primeiros dias na bancada liberal que Churchill deixou claro qual seria a sua principal preocupação e causa a defender: os direitos dos indivíduos. Gostaria de começar por dizer que Churchill não estava apenas preocupado com a promoção da liberdade e dos direitos individuais enquanto princípio geral e abstrato, mas sobretudo com a defesa efetiva e real deste, em cada caso, em cada indivíduo, em cada medida e reforma. Isto pode significar para alguns que Churchill perdia tempo com casos de menor importância, mas pode também expressar a extrema relevância que Churchill concedeu a este princípio ao longo de toda a sua vida, como um direito que deve ser universal e efetivo, não apenas como um direito formal consagrado na lei.

No Ministério das Colónias

Churchill sentou-se na bancada liberal a 31 de maio de 1904 e, nesse mesmo dia, foi publicada no *The Times*, uma carta de Churchill endereçada a Nathan Laski, um proeminente judeu, atacando o Projeto sobre Estrangeiros do Partido Conservador, que pretendia restringir a imigração, sobretudo de judeus. O círculo em que ganhara, Manchester North-West, era constituído por 1/3 de judeus, por isso, Nathan Laski tinha enviado a Churchill toda a informação relativa a este projeto de lei, incluindo estatísticas oficiais sobre a imigração.

Com base nessa informação, Churchill preparou uma crítica detalhada que enviou diretamente a Nathan Laski e aos jornais. Churchill afirmou não existirem quaisquer argumentos válidos capazes de justificar este projeto, nem sociais, nem raciais, nem económicos, nem demográficos. Churchill alertou mesmo para a pequena percentagem de estrangeiros que a Grã-Bretanha tinha à época, metade da percentagem da Alemanha e quatro vezes menos do que a França. Na sua opinião, esta medida não passaria de uma manobra do Partido Conservador para agradar a pequenos grupos de partidários e eleitores que acabaria por destruir a longa tradição da Grã-Bretanha como a nação da liberdade e da tolerância⁴⁰.

No dia 8 de junho, no seu primeiro discurso na Câmara dos Comuns, foi um dos três liberais, juntamente com Asquith e o líder da bancada liberal Campbell-Bannerman, que denunciaram e que conduziram o ataque contra o Projeto sobre Estrangeiros. No mês seguinte, Churchill ficou praticamente responsável por liderar a acusação contra esse projeto, que acabou por ser retirado a 7 de julho. Esta foi a primeira vitória de Churchill como

⁴⁰ «It does not appear, therefore, that there can be any urgent or sufficient reasons, racial or social, for departing from the old tolerant and generous practice of free entry and asylum to which this country has so long adhered and from which it has so often greatly gained. (...) It is admittedly impossible to apply the provisions of the bill at all the ports of entry, the professional thief, anarchist, or prostitute – often well supplied with money – have only to pick their route with caution, and can pass in as easily as before. The simple immigrant, the political refugee, the helpless and the poor – these are the folk who will be caught in the trammels of the bill, and may be harassed and hustled at the pleasure of petty officials without the smallest right to appeal to the broad justice of the English Courts. (...) It is expected to appeal to insular prejudice against foreigners, to racial prejudice against Jews, and to labour prejudice against competition; and it will no doubt supply a variety of rhetorical phrases for the approaching election.» Winston S. Churchill, «Mr. Churchill and the Aliens Bill», in *The Times*, n.º 37408 (31 de maio de 1904), 10. <http://www.thetimes.co.uk>

liberal, o que lhe valeu o elogio e o agradecimento de muitos liberais não só pela causa em si, mas pelo novo fôlego e espírito que despertou no partido. Nathan Laski também lhe dirigiu palavras de apreço, agradecendo-lhe «a esplêndida vitória que obteve para a liberdade e para a tolerância religiosa»⁴¹.

Quando Balfour se demitiu do cargo de Primeiro-Ministro em dezembro de 1904, todas as fileiras do Partido Liberal se reuniram sob a direção do novo Primeiro-Ministro, Campbell-Bannerman. O governo liberal convocou eleições gerais e, a 13 de janeiro, Churchill não só ganhou no seu círculo como ajudou outros seis liberais dos círculos em volta a ganharem aos conservadores. Os liberais com uma esmagadora maioria conquistaram 377 lugares por oposição aos 157 dos conservadores (trabalhistas 53, nacionalistas irlandeses 83).

Churchill lançou o seu manifesto eleitoral a 1 de Janeiro de 1906, descrevendo-se a si próprio como «inimigo» de qualquer forma de sistema tarifário. Era também a favor de «uma redução dos gastos em armamento», e da aplicação de impostos sobre o valor das terras. Quanto à Irlanda, embora se opusesse a qualquer forma de separação da Irlanda do Reino Unido, «veria de bom grado que fosse concedido ao povo irlandês o poder de decidir o seu próprio orçamento, a sua própria educação e as suas próprias obras públicas, de acordo com as ideias irlandesas».⁴²

Churchill ocupou o lugar de Secretário de Estado das Colónias e aí procurou tratar todos os assuntos com base no respeito pela liberdade, nos direitos dos indivíduos e na autonomia dos povos. Na verdade, isso é inegável quando nos debruçamos sobre as três principais causas que Churchill defendeu e liderou na Câmara dos Comuns: terminar com a escravatura de trabalhadores chineses na África do Sul, conceder autonomia ao Transvaal e reconhecer a independência do Estado Livre de Orange.

Durante a campanha eleitoral, os candidatos liberais tinham denunciado o uso de trabalhadores chineses na África do Sul como «escravatura» e

⁴¹ Cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 137.

⁴² *Ibid.*, 142.

tinham-se comprometido a erradicá-la. Assim, esta foi uma das primeiras medidas a ser tomada e, no dia 3 de maio de 1906, Churchill anunciou o fim do uso de trabalhadores chineses através de um plano de repatriamento desses trabalhadores. Foi dado o período máximo de 6 anos para a cessação total do recurso a trabalhadores chineses para que a mudança fosse gradual e suave, sem levar ao perigo de colapso da economia sul-africana.

A 31 de julho, Churchill anunciou o estabelecimento de um governo responsável para o Transvaal que foi ganho pelos bóeres nas eleições, ficando como Primeiro-Ministro o general Botha, o anterior adversário da Grã-Bretanha. Apesar da inesperada vitória bóer nas eleições, Churchill não deixou de pedir o apoio de toda a Câmara ao novo governo. Churchill fez ainda questão de ajudar a redigir a constituição para o Transvaal. A 17 de dezembro, Churchill anunciou na Câmara dos Comuns a concessão ao Estado Livre de Orange de um governo responsável e de uma constituição, em condições semelhantes às dadas ao Transvaal⁴³.

Foi por estes três temas que Churchill deu a cara numa Câmara dos Comuns exaltada e dividida, mas, no final, as decisões foram tomadas e saíram vitoriosas, em favor da autonomia dos povos e do respeito pela liberdade dos indivíduos. O Primeiro-Ministro Campbell-Bannerman congratulou Churchill pelo seu importante papel e responsabilidade no sucesso

⁴³ «The people of South Africa, and, in a special measure, the Boers, will become the trustees of freedom all over the world. We have tried to act with fairness and good feeling. If by any chance our counsels of reconciliation should come to nothing, if our policy should end in mocking disaster, then the resulting evil would not be confined to South Africa. Our unfortunate experience would be trumpeted forth all over the world wherever despotism wanted a good argument for bayonets, whenever an arbitrary Government wished to deny or curtail the liberties of imprisoned nationalities. But if, on the other hand, as we hope and profoundly believe, better days are in store for South Africa, if the words of President Brand, "All shall come right", are at length to be fulfilled, and if the near future should unfold to our eyes a tranquil, prosperous, consolidated Afrikaner nation under the protecting ægis of the British Crown, then, the good also will not be confined to South Africa; then the cause of the poor and the weak all over the world will have been sustained; and everywhere small peoples will get more room to breathe, and everywhere great empires will be encouraged by our example to step forward—and it only needs a step—into the sunshine of a more gentle and a more generous age.» Winston S. Churchill, «The Orange Free State Constitution», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem* (Londres: BiblioBazaar, 2009), 53.

destas causas que, na sua opinião, tinham sido «a melhor e a mais nobre obra do poder britânico nos tempos modernos»⁴⁴.

Porém, a preocupação com estes assuntos não terminaria aqui, pois se a autonomia fora concedida ao Transvaal e ao Estado Livre de Orange, a preocupação com os direitos das populações nativas não cessaria até que «um governo federal sul-africano tenha colocado o tratamento das raças nativas numa plataforma ampla e segura para lá do alcance dos pânicos locais»⁴⁵.

O respeito pelos direitos e liberdades individuais foi estandarte da ação de Churchill durante todo o período na administração colonial, não só nas grandes causas como também no tratamento de qualquer pequeno caso. Por exemplo, quando o governador do Ceilão argumentou que por razões de «inconveniência» não tinha respondido a um pedido de reincorporação de um antigo chefe de guardas do caminho de ferro, Churchill expôs uma dura crítica a este comportamento numa carta a Lord Elgin, a 19 de janeiro de 1907:

«Deixe que lhe diga, solenemente, que o Partido Liberal defende muito mais os direitos dos indivíduos a um tratamento justo e lícito, e muito menos o orgulho mesquinho de um Governador Colonial. Posso apenas dizer que sempre me assistiu a determinação de não consentir em tais impropriedades, que são cruéis para os indivíduos e fatais para o bom Governo, e que nunca me afastarei dela por ser conveniente para os pretensos interesses da disciplina.»⁴⁶

Outro caso, relacionado, foi o despedimento de um segundo guarda dos caminhos de ferro de Ceilão e o seu segundo julgamento pela mesma acusação sobre o qual Churchill escreveu: «julgar novamente um homem pela mesma acusação (...) rever, sem nenhuma das garantias de justiça, um caso já decidido num tribunal, deitar por terra a absolvição pronunciada

⁴⁴ Cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 147.

⁴⁵ Churchill cit. in *ibid.*, 148.

⁴⁶ «Let me say most solemnly that the Liberal party is very much for the rights of individuals to just & lawful treatment, & very little for the petty pride of a Colonial Governor. I can only say that a determination not to consent to such improprieties which are cruel to individuals & fatal to good Government has always actuated me, & that I will never depart from it because it is expedient in the supposed interests of discipline.» Cit in Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 40.

por um juiz e um júri, e declarar firmemente, baseado na autoridade departamental, que afinal um homem é culpado, é cometer quase todas as incorreções possíveis, e cometê-las todas da maneira mais estúpida»⁴⁷.

Relativamente à revolta zulu na província de Natal que foi esmagada durante o verão de 1906, Churchill utilizou mesmo os termos «carnificina» e «tirania» para condenar fortemente o modo violento e arbitrário empregado⁴⁸.

Rapidamente os princípios pelos quais regia a sua conduta no Ministério das Colónias foram aplicados a outras controvérsias e a outras áreas para além dos assuntos coloniais. É ainda no ano de 1906 que surgem temas como a reforma social, a proteção social dos trabalhadores pelo Estado, a necessidade de preservar a concorrência e a distinção entre liberalismo e socialismo.

A 11 de outubro de 1906, Churchill proferiu um discurso intitulado «Liberalism and Socialism», o primeiro e o mais conhecido deste período, onde podemos já encontrar as ideias principais e basilares da sua política social e as ideias que determinarão posteriormente a sua posição no sistema de partidos britânico. Churchill começa por referir a necessidade de o Estado intervir mais diretamente quer na criação de emprego, quer na criação de um sistema de proteção aos idosos, aos doentes e às crianças⁴⁹.

De forma surpreendente neste primeiro discurso sobre política social, Churchill enumera um conjunto de princípios que regerão para sempre a sua conduta. É importante reforçar desde o primeiro momento que Churchill era incapaz de desassociar a necessidade de um sistema de proteção social da necessidade de promover a livre concorrência. Em última análise, como o próprio afirmou, o objetivo seria sempre o de construir um mínimo que possibilitasse uma vida digna e abaixo do qual ninguém vivesse, que

⁴⁷ Cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 148.

⁴⁸ «[T]hat what he called “the disgusting butchery of natives”, and what he believed to be miscarriages of justice, revealed “the kind of tyranny against which these unfortunate Zulus have been struggling”.» Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 40.

⁴⁹ «The ever-growing complications of civilisation create for us new services which have to be undertaken by the state, and create for us an expansion of the existing services. I am of opinion that the state should increasingly assume the position of the reserve employer of labour (...) the state must increasingly and earnestly concern itself with the care of the sick and the aged, and, above all, of the children.» Winston S. Churchill, «Liberalism and Socialism», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 62.

servisse para mitigar as consequências do fracasso que resultam naturalmente da livre concorrência extremamente necessária.

Estou ansioso pelo estabelecimento de padrões mínimos de vida e trabalho, e pelo seu aumento progressivo à medida que as crescentes energias de produção o permitam (...) Podemos progressivamente eliminar os males; podemos progressivamente aumentar os bens que abrange. Não quero ver o vigor da competição enfraquecido, mas podemos fazer muito mais para mitigar as consequências do fracasso. Queremos traçar uma linha abaixo da qual não permitiremos que as pessoas vivam e trabalhem, mas acima da qual possam competir com toda a força da sua humanidade. Queremos ter livre concorrência a subir; recusamo-nos a permitir que a livre concorrência avance de forma descendente. Não queremos derrubar as estruturas da ciência e da civilização, mas sim estender uma rede sobre o abismo.⁵⁰

Churchill falava num tom bastante assertivo sobre o papel cada vez mais importante que o Estado deveria desempenhar, porém nunca perdendo de vista os perigos que uma intervenção excessiva teria para os instrumentos descentralizados, como o mercado ou a própria liberdade individual. A solução de compromisso apresentada é a de um estabelecimento universal de padrões mínimos, uma linha sobre o abismo abaixo da qual ninguém esteja e acima da qual nenhuma interferência exista para impedir a livre concorrência de funcionar.

É ainda neste primeiro discurso que inicia a discussão sobre a distinção entre socialismo e liberalismo:

«O Liberalismo fornece de uma só vez o maior impulso e o caminho possível; apela às pessoas através de sentimentos de generosidade e de

⁵⁰ «I look forward to the establishment of minimum standards of life and labour, and their progressive elevation as the increasing energies of production may permit. (...) We may progressively eliminate the evils; we may progressively augment the goods which it contains. I do not want to see impaired the vigour of competition, but we can do much to mitigate the consequences of failure. We want to draw a line below which we will not allow persons to live and labour, yet above which they may compete with all the strength of their manhood. We want to have free competition upwards; we decline to allow free competition to run downwards. We do not want to pull down the structures of science and civilisation: but to spread a net over the abyss.» *Ibid.*

humanidade; prossegue por caminhos de moderação. Através de passos graduais, de um esforço diário e anual constante, o liberalismo recruta centenas de milhares para o lado do progresso e da reforma democrática popular que o socialismo militante iria conduzir a uma violenta reação tory. (...) Não é possível desenhar uma linha exata entre individualismo e coletivismo. É aí que o socialismo erra. Não imitemos esse erro. Nenhum homem pode ser só coletivista ou só individualista. Deve ser tanto coletivista como individualista. A natureza do homem é uma natureza dual. O carácter da organização da sociedade humana é dual. O Homem é, simultaneamente, um ser único e um animal gregário. Para alguns propósitos deve ser coletivista, para outros é, e irá para sempre permanecer, um individualista (...) Nenhuma visão da sociedade pode estar completa se não incluir no seu âmbito tanto a organização coletiva como o incentivo individual. A tendência geral da civilização está, no entanto, direcionada para a multiplicação das funções coletivas da sociedade.»⁵¹

Novamente é surpreendente que Churchill, num primeiro discurso em que defende um sistema de proteção, apesar de mínimo, sinta a necessidade de traçar uma distinção entre socialismo e liberalismo como prova de que aquilo a que ele apela se insere perfeitamente no liberalismo. A linha não pode ser traçada simplesmente entre individualismo e coletivismo, não só porque o homem e a própria sociedade têm uma natureza dual, mas sobretudo porque a tendência natural das sociedades será caminhar para

⁵¹ «Liberalism supplies at once the higher impulse and the practicable path; it appeals to persons by sentiments of generosity and humanity; it proceeds by courses of moderation. By gradual steps, by steady effort from day to day, from year to year, liberalism enlists hundreds of thousands upon the side of progress and popular democratic reform whom militant socialism would drive into violent tory reaction. (...) It is not possible to draw a hard-and-fast line between individualism and collectivism. That is where the socialist makes the mistake. Let us not imitate that mistake. No man can be a collectivist alone or an individualist alone. He must be both an individualist and a collectivist. The nature of man is a dual nature. The character of the organisation of human society is dual. Man is at once a unique being and a gregarious animal. For some purposes he must be collectivist, for others he is, and he will for all time remain, an individualist. (...) No view of society can possibly be complete which does not comprise within its scope both collective organisation and individual incentive. The whole tendency of civilisation is, however, towards the multiplication of the collective functions of society.» *Ibid.*, 60-61.

um mundo onde as funções coletivas asseguradas pelo Estado se multiplicam. Porém, Churchill apela também à moderação, humanidade, generosidade e virtude não só como princípios identificadores do liberalismo, mas como os únicos instrumentos (individuais) que possibilitarão traçar uma linha de bom senso e não uma linha inflexível, como fizeram os socialistas, entre socialismo e liberalismo.

Depressa a causa social se torna o centro das preocupações e o estandarte de ação de Churchill. Durante a sua visita a vários países do continente africano em 1907 (durante a qual escreveu vários artigos que foram depois publicados no livro *My African Journey*), escreveu sobre este assunto afirmando que as classes trabalhadoras estariam cada vez mais interessadas nas questões económicas e sociais e menos nas questões políticas, clamando por um novo sistema, «elas não continuarão a suportar, e não podem, as terríveis incertezas das suas vidas. É por isso que níveis de salário e conforto, seguros numa qualquer forma efetiva contra a doença, o desemprego, a velhice, são questões, e as únicas questões pelas quais os partidos terão de viver no futuro.»⁵²

Nesse período que passou em África, trabalhou mesmo num sistema de política social que, na sua opinião, deveria ser implementado na Grã-Bretanha. A sua proposta era um sistema semelhante ao da Alemanha, em que a garantia de proteção para idosos, desempregados e trabalhadores existisse de forma mais regular e universal. De facto, o que o atraiu no sistema alemão foi, sobretudo, a universalidade por oposição ao sistema britânico que apenas garantia esse tipo de proteção aos signatários. Para Churchill, a classe que mais necessitava que o Estado tomasse providências para a sua segurança era a classe trabalhadora inglesa, que não possuía recursos nem capacidade para conseguir atingir sozinha um mínimo de vida, salário e segurança razoável.

A 23 de janeiro de 1908, em Birmingham, proferiu um discurso intitulado «Social Policy» no qual defendeu que o Estado deveria promover métodos de instrução técnica como forma de aliviar os efeitos da velhice, do desemprego e para ajustar a carga de impostos aos níveis de rendimento.

A 7 de março, Churchill apresenta a sua proposta social num artigo publicado no *The Nation* intitulado «The Untrodden Field in Politics».

⁵² Cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 152.

Churchill afirma novamente a necessidade de o Estado intervir diretamente na construção de um sistema que permitisse aos indivíduos atingir a sua independência social e económica, sem as quais a sua liberdade política estaria incompleta. A sua proposta estava já baseada no que mais tarde se chamaria de Bolsas de Trabalho, mas também na criação de emprego de formação profissional pelo Estado, acompanhado por um sistema de proteção social⁵³.

Churchill chamou mesmo à sua política *Minimum Standard* (padrões mínimos de vida, trabalho e tempos livres). Em março de 1908 escreveu numa carta a Asquith a necessidade de acabar com a exploração do trabalho de rapazes, de regulamentar as horas de trabalho e de criar bolsas de trabalho (através das quais quem estava sem trabalho o pudesse conseguir, e em que os patrões que precisassem de empregados os pudessem contratar) com o objetivo de melhorar as condições de trabalho. Por baixo do «imenso tecido desarticulado de garantias e seguros que cresceu por si mesmo em Inglaterra, deve estender-se – a um nível mais baixo – uma espécie de rede germanizada de intervenção e regulamentação do Estado»⁵⁴.

Na Junta de Comércio

Asquith tornou-se Primeiro-Ministro a 8 de abril de 1908 e foi oferecido a Churchill um cargo de gabinete, a Presidência da Junta de Comércio que lhe daria a possibilidade de levar a cabo a tão desejada reforma social. Tendo um lugar de gabinete, Churchill tinha de ser reeleito para o parlamento, porém, nas eleições intercalares em Manchester Noroeste, a 24 de abril, perdeu. Por um lado, porque a comunidade judaica se tinha voltado contra ele uma vez que o governo tinha apresentado uma versão da Lei

⁵³ «Labour must be de-casualised by a system of Labour Exchanges. The resultant residuum must be curatively treated as if they were hospital patients. The hours of labour must be regulated in various trades subject to seasonal or cyclical fluctuations. Means must be found by which the state can, within certain limits and for short periods, argument the demand of the ordinary market for unskilled labour so as to counter-balance the oscillations of world trade. Underneath, though not in substitution for, the immense disjointed fabric of social safeguards and insurances which has grown up by itself in England, there must be spread – at a lower level – a sort of germanised network of state intervention and regulation.» Churchill cit. in Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 44.

⁵⁴ Churchill cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 155-156.

de Estrangeiros, apesar da sua oposição e, por outro, porque os votantes católicos também se voltaram contra ele por não se ter comprometido com o Projeto de Autonomia para a Irlanda. Mas em Dundee, a 9 de maio, conseguiu o seu lugar no parlamento.

Antes das eleições, a 4 de maio de 1908, Churchill proferiu um brilhante discurso que aprofundou a sua preocupação social, mas que, sobretudo, fortaleceu e consolidou a distinção entre liberalismo e socialismo. De uma forma formidável e penetrante, Churchill traça a distinção de princípios, objetivos e condutas próprios de cada um desses sistemas:

«Liberalismo não é socialismo, e nunca será. Há um abismo entre eles. Não é apenas um abismo de método, é um abismo de princípio... existem imensas diferenças de princípio e de filosofia política entre as visões que nós promovemos e as que eles promovem. O liberalismo tem a sua própria história e as suas próprias tradições. O socialismo tem as suas próprias fórmulas e os seus próprios objetivos. O liberalismo salvaguarda os interesses privados da única forma em que podem ser preservados com segurança e justiça, nomeadamente, reconciliando-os com o direito público. O socialismo mataria a iniciativa privada; o liberalismo resgataria a iniciativa privada dos impedimentos do privilégio e da preferência. O socialismo ataca a preponderância do indivíduo; o liberalismo procura, e procurará ainda mais no futuro, construir um padrão mínimo para as massas. O socialismo exalta a norma; o liberalismo exalta o homem. O socialismo ataca o capital; o liberalismo ataca o monopólio.»⁵⁵

A sua ação na Junta do Comércio ficou, também, famosa pela sua capacidade de conciliação industrial entre trabalhadores e empregadores.

⁵⁵ «Liberalism is not socialism, and never will be. There is a great gulf fixed. It is not only a gulf of method, it is a gulf of principle... there are immense differences of principle and of political philosophy between the views we put forward and the views they put forward. Liberalism has its own history and its own tradition. Socialism has its own formulas and its own aims. Liberalism would preserve private interests in the only way in which they can be safely and justly preserved, namely, by reconciling them with public right. Socialism would kill enterprise; liberalism would rescue enterprise from the trammels of privilege and preference. Socialism assails the pre-eminence of the individual; liberalism seeks, and shall seek more in the future, to build up a minimum standard for the mass. Socialism exalts the rule: liberalism exalts the man. Socialism attacks capital; liberalism attacks monopoly.» Winston S. Churchill, «The Dundee Election», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 103-104.

A sua primeira iniciativa neste sentido foi a resolução de um conflito na construção naval no Tyne, onde os mecânicos estavam em greve. Durante 3 semanas, Churchill tentou e conseguiu chegar a um compromisso, segundo o qual os grevistas aceitaram uma redução dos salários em troca da oferta de Churchill de um «maquinismo permanente» de arbitragem. Churchill, preocupado com a situação precária da construção naval, procurou aumentar a prosperidade dos estaleiros através de encomendas do governo.

A 6 de julho, Churchill apresentou a segunda leitura do Projeto da Jornada de 8 Horas de Trabalho nas Minas, cujo objetivo era reduzir as horas de trabalho nas minas de carvão. Ao longo do seu discurso, Churchill apresentou a sua visão de futuro para as classes trabalhadoras britânicas:

«A marcha geral da democracia industrial não é em direção a horas de trabalho inadequadas, mas em direção a horas de lazer suficientes. Este é o movimento das pessoas que trabalham por todo o país. Não se contentam com o facto de as suas vidas continuarem a ser meras alternâncias entre a cama e a fábrica. Elas exigem tempo para olharem para elas, tempo para verem os seus lares à luz do dia, para acompanharem os seus filhos, tempo para pensarem e lerem e dedicarem-se aos seus jardins – tempo, em suma, para viverem. Isto talvez pareça estranho, talvez, mas este é o pedido que fizeram e que estão a fazer com cada vez mais força e razão à medida que os anos passam.»⁵⁶

Em setembro de 1908, tentando melhorar o mecanismo de arbitragem que tinha criado anteriormente, Churchill propôs a criação de um Tribunal Permanente de Arbitragem, «um mecanismo mais formal e permanente». O gabinete aprovou o plano e em doze meses sete disputas industriais foram resolvidas. Ainda em setembro, um dos sindicatos de eletricitistas pediu a Churchill que presidisse a uma arbitragem industrial. Ele conseguiu

⁵⁶ «The general march of industrial democracy is not towards inadequate hours of work, but towards sufficient hours of leisure. That is the movement among the working people all over the country. They are not content that their lives should remain mere alternations between bed and the factory. They demand time to look about them, time to see their homes by daylight, to see their children, time to think and read and cultivate their gardens—time, in short, to live. That is very strange, perhaps, but that is the request they have made and are making with increasing force and reason as years pass by.» Winston S. Churchill, «The Mines (eight hours) Bill», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 119-120.

de novo chegar a um compromisso e aumentou mais uma vez a sua reputação de conciliador. Os trabalhadores aceitaram as reduções salariais em troca da promessa de os patrões não fazerem mais reduções pelo menos durante seis meses.

No ano seguinte Churchill estaria à frente do Projeto de Tribunais de Comércio, que criaria a figura de um inspetor com poder para proceder contra qualquer empregador que explorasse os seus trabalhadores. Desta forma, Churchill conseguiu estabelecer o princípio do salário mínimo razoável e o direito dos trabalhadores a pausas no horário de trabalho. O projeto foi aprovado por uma larga maioria.

No final de setembro, Asquith e Lloyd George apresentaram então um plano de pensões financiadas pelo governo para os que tinham mais de 70 anos. A 10 de outubro, no seu discurso intitulado «Unemployment» proferido no seu círculo de Dundee, Churchill falou sobre a importância desta medida para iniciar uma luta contra a pobreza na Grã-Bretanha através de uma reforma social.

Ele [Plano de Pensões] assinala a reivindicação no nosso sistema social de um princípio totalmente novo no que se refere à pobreza, e esse princípio, uma vez reclamado, não pode, possivelmente, ser confinado aos seus limites existentes. As pensões de velhice levar-nos-ão a todos muito longe. Elas abriram uma porta que não será fechada de uma forma breve ou fácil.⁵⁷

Churchill dedicou praticamente o seu discurso ao problema do desemprego, sobretudo na indústria, uma vez que «o povo Britânico é mais do que qualquer outro no mundo um povo industrial (...) uma perturbação industrial é mais grave na Grã-Bretanha do que noutros países, pois afeta uma proporção muito maior de pessoas, e nas suas dificuldades a democracia

⁵⁷ «It marks the assertion in our social system of an entirely new principle in regard to poverty, and that principle, once asserted, cannot possibly be confined within its existing limits. Old-age pensions will carry us all a very long way. They have opened a door which will not soon or easily be closed.» Winston S. Churchill, «Unemployment», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 125.

urbana não está sustentada pelo mesmo apoio sólido dos habitantes rurais e camponeses agricultores que nós vemos noutras terras»⁵⁸.

Por esta razão, era extremamente importante que o Estado construísse um sistema de proteção social que protegesse a classe trabalhadora, a mais necessitada, a mais numerosa e a base da sociedade britânica. Na sua opinião, a falta de segurança e proteção social no sistema industrial tornavam-no, mais do que incompleto, completamente desumano. O Estado deveria ser chamado a intervir em ambos os campos, social e industrial, para resolver os problemas graves que pairavam há muito sobre a classe trabalhadora: «Se a primeira condição viciosa que eu mencionei foi a falta de organização industrial, se a segunda é o infortúnio do trabalho temporário, existe uma terceira, que não é menos importante, as atuais condições do trabalho infantil.»⁵⁹

De novo a 13 de janeiro, desta vez em Birmingham, Churchill falou da necessidade de uma reforma social para evitar e mitigar as consequências das cruéis condições de vida dos mais desfavorecidos. Nesse discurso, Churchill refere ainda que a disparidade económica e social na Grã-Bretanha era maior do que em muitos países, existindo um fosso muito grande entre os que possuem tudo e os que nada têm⁶⁰.

Em Nottingham, a 30 de janeiro, no seu discurso «The Approaching Conflict», Churchill afirmou novamente que a preocupação do povo britânico era social, pois em seu redor pairava a miséria, a injustiça e a crueldade. O Estado Moderno tinha a obrigação de ajudar os mais necessitados, por um lado, porque ele próprio gerava situações de pobreza e miséria devido às características de concorrência independentes dos indivíduos, por outro lado, porque este Estado possuía todos os meios, económicos e tecnológicos, para fazer frente a esta situação.

⁵⁸ *Ibid.*, 127.

⁵⁹ *Ibid.*, 131.

⁶⁰ «The social field lies open. There is no great country where the organisation of industrial conditions more urgently demands attention. Wherever the reformer casts his eyes he is confronted with a mass of largely preventable and even curable suffering. The fortunate people in Britain are more happy than any other equally numerous class have been in the whole history of the world. I believe the left-out millions are more miserable. Our vanguard enjoys all the delights of all the ages. Our rearguard struggles out into conditions which are crueller than barbarism.» Winston S. Churchill, «The Social Field», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 145.

«Existem muitas injustiças políticas neste país e muitas práticas absurdas, opressivas e obsoletas. Mas as principais aspirações do povo Britânico são, neste preciso momento, sociais em vez de políticas. Em todo o lado à sua volta e quase todos os dias, assistem a espetáculos de confusão e miséria que não conseguem conciliar com nenhuma concepção de humanidade ou justiça. Veem que existe no estado moderno um conjunto de infortúnios que podem acontecer a um homem sem que tenha qualquer responsabilidade e sem ter qualquer forma de se proteger contra eles. Veem, por outro lado, a poderosa capacidade da ciência, apoiada pela riqueza e pelo poder, para introduzir ordem, para providenciar garantias, para evitar acidentes ou, pelo menos, para atenuar as suas consequências. Sabem que este país é o mais rico do mundo; e, na minha sincera opinião, a democracia Britânica não irá dar o seu coração a nenhum partido que não seja capaz e que não esteja disposto a estabelecer essa organização social mais ampla, mais completa, mais elaborada e mais rigorosa, sem a qual o nosso país e o seu povo inevitavelmente se afundarão por completo no sofrimento até à desgraça, e o nosso nome e a nossa fama se desvanecerão nas páginas da história.»⁶¹

Churchill acabou por delinear um plano para que o trabalhador pudesse estar seguro contra doença, acidente ou enfermidade durante 15 semanas após ter ficado doente (2/4 pagos pelo trabalhador, 1/4 pago pelo patrão e outro 1/4 pago pelo Estado). Porém, alguns obstáculos a este plano surgiram aquando da necessidade de incluir enfermidades de longa duração no seguro de desemprego. Este plano deteve-se e Churchill foi para a frente com os seus projetos de criação de bolsas de trabalho e de

⁶¹ «There are many political injustices in this country and many absurd, oppressive, or obsolete practices. But the main aspirations of the British people are at this present day time social rather than political. They see around them on every side, and almost every day, spectacles of confusion and misery which they cannot reconcile with any conception of humanity or justice. They see that there are in the modern state a score of misfortunes that can happen to a man without his being in fault in any way, and without his being able to guard against them in any way. They see, on the other hand, the mighty power of science, backed by wealth and power, to introduce order, to provide safeguards, to prevent accidents, or at least to mitigate their consequences. They know that this country is the richest in the world; and in my sincere judgement the British democracy will not give their hearts to any party that is not able and willing to set up that larger, fuller, more elaborate, more thorough social organisation, without which our country and its people will inevitably sink through sorrow to disaster and our name and fame fade upon the pages of history.» Winston S. Churchill, «The Approaching Conflict», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 151-152.

eliminação dos abusos do trabalho mal remunerado, que viriam a constituir duas propostas de lei.

A 19 de março apresentou o Projeto de Bolsas de Trabalho que tinha como objetivo mitigar as consequências da «falta de informação» existente no mercado do trabalho. Estas bolsas de trabalho forneceriam aos trabalhadores a informação necessária para se ajustarem às características do mercado de trabalho, e aos empregadores dados sobre a mão de obra especializada e disponível. Desta forma, a escassez de empregos num distrito poderia ser corrigida com excedente de mão de obra de outro distrito.

As bolsas de trabalho darão pela primeira vez ao trabalho um mercado modernizado. Em segundo lugar, as bolsas de trabalho aumentarão e organizarão a mobilidade do trabalho. (...) As bolsas de trabalho não irão aumentar o movimento do trabalho; apenas tornarão esse movimento, quando for necessário, mais fácil, mais suave, mais descomplicado e menos devastador. As bolsas de trabalho não pretendem em grande medida criar novo emprego. A sua principal função será organizar o emprego existente e, ao organizar o trabalho existente, reduzir ao mínimo o desgaste e o desperdício resultantes das mudanças no emprego e do movimento dos trabalhadores. Com isso aumentarão necessariamente o nível económico geral da nossa vida industrial (...) darão informações absolutamente atuais sobre as tendências da procura de trabalho, tanto em qualidade como em quantidade, mas também em termos de indústrias, estações do ano, ciclos e regiões do país. Dirão ao trabalhador onde ir procurar emprego.⁶²

⁶² «Labour exchanges will give labour for the first time a modernised market. Labour exchanges, in the second place, will increase and will organise the mobility of labour. (...) Labour exchanges will not increase the movement of labour; they will only render that movement, when it has become necessary, more easy, more smooth, more painless, and less wasteful. Labour exchanges do not pretend to any large extent to create new employment. Their main function will be to organise the existing employment, and by organising the existing employment to reduce the friction and wastage, resulting from changes in employment and the movement of workers, to a minimum. By so doing they will necessarily raise the general economic standard of our industrial life. (...) They will give absolutely contemporary information upon the tendencies of the demand for labour, both in quality and in quantity, as between one trade and another, as between one season and another, as between one cycle and another, and as between one part of the country and another. They will tell the worker where to go for employment.» Winston S. Churchill, «Labour Exchanges and Unemployment Insurance», in Churchill, *Liberalism and the Social Problem*, 163-164.

No Ministério do Interior

Nas eleições gerais de 1908, os liberais ganharam mas por uma estreita maioria e Churchill aceita o Ministério do Interior, responsável pela polícia e pelas prisões. Porém, desde o primeiro dia que a sua exclusiva preocupação estava nos presos. Todos os seus planos iam na direção de aliviar as suas vidas com redução das penas, criar um limite máximo de anos de punição para os diferentes tipos de crime e melhorar as suas condições, até mesmo através de entretenimentos e formação.

Assim, baseado nestas ideias, iniciou um amplo plano de reforma prisional: o confinamento solitário foi reduzido; criou uma distinção entre criminosos e prisioneiros políticos; tentou organizar bibliotecas para os prisioneiros; reduziu drasticamente o encarceramento imediato pelo não pagamento de multas (os números caíram de 62 822 em 1908-09 para menos de 2000 em 1919) e o encarceramento jovem⁶³ (os números caíram de 12 376 em 1909-10 para menos de 4000 em 1919); introduziu o entretenimento nas prisões; substituiu a supervisão policial do ex-condenados por uma agência central destinada a cuidar dos prisioneiros depois da sua libertação (como forma de mitigar os altíssimos níveis de reincidência)⁶⁴.

Churchill delineou muitas outras medidas que não foram levadas a cabo ou só foram aprovadas muito mais tarde. Por exemplo, a sua proposta para os jovens delinquentes era a criação de um sistema baseado na prática de exercício físico ministrado nas esquadras de polícia, porém, esse princípio só em 1948 foi implementado pelo Projeto de Justiça Criminal. Churchill tentou ainda conceber uma classificação de crimes em graus de gravidade para uniformizar as sentenças, e criar um sistema de instituições adequadas para lidar com os pequenos delinquentes habituais. Porém, também estas duas medidas não foram levadas por diante.

Mais importante do que conhecer profundamente toda a reforma prisional proposta por Churchill, as medidas aprovadas ou não, os números

⁶³ «Cada sentença deve ser concebida com o objectivo de os recuperar e de os preparar para o mundo: seria de facto uma medida disciplinar e educativa, mais do que penal.» Churchill cit. in Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 170.

⁶⁴ «A supervisão policial e a ajuda após a libertação falham ambos no aspecto de capacitar ou encorajar um condenado a retomar o seu lugar na indústria honesta. É necessário um acompanhamento mais individualizado, mais íntimo, mais cuidado, mais filantropicamente inspirado.» Churchill cit. in *ibid.*, 171.

precisos, é essencial compreender as ideias e os princípios que basearam este esforço reformador, como o respeito pelos direitos de todos os indivíduos (mesmo dos condenados) e a tentativa de pôr em prática os conceitos de reabilitação e regeneração.⁶⁵

Em suma,

após a passagem por 5 anos da vida de Winston Churchill, após revisitadas inúmeras controvérsias, medidas, pessoas que defendeu acerrimamente e pelas quais lutou sem hesitar, é possível concluir que existe algo na conduta e nas palavras de Winston Churchill transversal aos casos concretos e às áreas em que trabalhou ao longo dos anos.

É óbvio que desde o primeiro momento, desde o primeiro dia em que lutou contra o Projeto sobre Estrangeiros, passando pelos assuntos coloniais na África do Sul, pelos casos de conciliação e arbitragem que enfrentou na Junta do Comércio, pelos brilhantes discursos que proferiu em favor de um sistema social, dos projetos que conseguiu aprovar para melhorar as condições de milhares de trabalhadores, até à reforma prisional que empreendeu no Ministério do Interior, podemos enunciar alguns princípios em que Churchill baseou a sua ação e o seu pensamento: defesa da liberdade e dos direitos individuais, promoção da concorrência e do mercado livre, respeito pelo império da lei, promoção de um padrão mínimo de vida digna e justa para todos.

⁶⁵ «The mood and temper of the public in regard to the treatment of crime and criminals is one of the most unfailing tests of the civilization of any country. A calm and dispassionate recognition of the rights of the accused against the State, and even of convicted criminals against the State, a constant heart-searching by all charged with the duty of punishment, a desire and eagerness to rehabilitate in the world of industry all those who have paid their dues in the hard coinage of punishment, tireless efforts towards the discovery of curative and regenerating processes, and an unfaltering faith that there is a treasure, if you can only find it, in the heart of every man – these are the symbols which in the treatment of crime and criminals mark and measure the stored-up strength of a nation, and are the sign and proof of the living virtue in it.» Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 50.

Capítulo 3

A Luta contra a Tirania: o caso Bolchevique, 1917-1920

Winston S. Churchill: Fazedor de guerra ou conciliador? Esta não é, de facto, uma questão consensual. É verdade que Churchill advogou uma paz benevolente para a Alemanha no final da Primeira Guerra Mundial, tentou chegar a um acordo de paz negociada com os bolcheviques, assumiu a posição de um mediador incansável nas conferências no final da Segunda Guerra Mundial. Porém, isso não foi suficiente para que deixasse de ser conhecido como o maior combatente contra o bolchevismo, o nazismo, o fascismo e, finalmente, o comunismo já no período da Guerra Fria. A voz de Churchill era sempre a primeira e a mais feroz a denunciar as ideologias revolucionárias e a denunciá-las como suas inimigas. A questão que se impõe é perceber porque o fez: por uma paixão insaciável pela guerra ou pela consciência de que a sua missão enquanto homem e político era, primordialmente, a de lutar contra a tirania em favor da preservação da civilização ocidental e dos valores democráticos?

Este capítulo procura, acima de tudo, compreender as razões pelas quais a luta contra a tirania se tornou o bastião da sua vida, tendo como base de estudo o primeiro grande confronto contra o bolchevismo, entre os anos de 1917 e 1920.

Tirania

Num brilhante artigo publicado a 1 de fevereiro de 1920 intitulado «Monarchy versus Autocracy», Churchill alertou para o grande perigo a que qualquer regime, sistema, ideologia, a que qualquer homem, político, estadista está, em qualquer tempo, suscetível, a tirania. Fervorosamente, declarou que «todos os tiranos são inimigos da raça humana», que «todas as tiranias devem ser derrubadas» pois não passam de um conjunto de «regras arbitrárias de um homem sem consideração pelos desejos de

milhões». Churchill definiu o tirano como «aquele que permite que as fantasias da sua mente contem mais na tomada de decisão do que as necessidades, os sentimentos, as esperanças, as vidas e o bem-estar físico das pessoas sobre as quais obteve controlo. Um tirano é aquele que destrói a vida a milhões de pessoas para satisfação das suas próprias concepções. Tanto quanto possível, neste mundo ninguém deve ter tal poder, seja sob a forma de um governo imperialista, republicano, militarista ou soviético.»⁶⁶

A luta contra a tirania era precisamente a razão pela qual a Grã-Bretanha tinha combatido o Kaiser e a razão primordial pela qual deveria combater o bolchevismo⁶⁷.

De uma forma clara e enfática, Churchill declarou-se inimigo, não de uma ideologia ou de um regime, mas de tudo aquilo que fosse despótico, autoritário, absoluto, discricionário e iliberal.

Método da tirania: violência e medo

Churchill compreendia bem os perigos que as ideologias revolucionárias e utópicas acarretam. Em nome do progresso, da inovação, de um mundo ideal, da perfeita liberdade e da igualdade completa, grandes planos teóricos são traçados. Isso implica, obviamente, a destruição integral do antigo regime, de todo o antigo enquadramento constitucional, de qualquer laço com o passado, a fim de se construir de raiz o sistema perfeito. Segue-se a hostilidade, a violência contra qualquer fuga a esse plano, contra qualquer projeto mais moderado que não pretenda a destruição total, contra qualquer ideia ligeiramente diferente. Inicia-se uma violência em massa e a dinâmica revolucionária acaba por engolir os inimigos, quer eles sejam reais ou imaginários, não por impedirem a realização do plano, mas porque é simplesmente impossível alcançar esse objetivo sem ter em conta os efeitos colaterais das ações humanas⁶⁸.

⁶⁶ Winston Churchill, «Monarchy versus Autocracy: The Moral of the "Willy-Nicky" Correspondence», in *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/39).

⁶⁷ «The British nation is the foe of tyranny in every form. That is why we fought kaiserism and that is why we would fight it again. That is why we are opposing Bolshevism.» Discurso proferido por Churchill no Aldwych Club Luncheon, Connaught Rooms, em Londres, a 11 de abril de 1919. Winston Churchill, «Bolshevist Atrocities», in Winston S. Churchill ed., *Winston Churchill's Speeches: Never Give In!* (Londres: Pimlico, 2006), 77.

⁶⁸ «No contempt has equalled that with which Lenin has saluted every group of philosophical Socialists, who base their hopes of establishing Utopia upon the processes of reason,

Tendo este argumento presente, Churchill começa não por atacar a ideologia, mas por alertar para o perigo do processo violento e cruel que uma doutrina revolucionária acarreta na generalidade. Assim, desde o primeiro momento denunciou o projeto de Lenine e Trotsky que, por detrás da aparência de salvadores do povo russo do Império Czarista, tinham derrubado a República Russa pela violência, abrindo as portas a um regime mais absoluto, mais cruel e mais tirânico do que o próprio governo dos Czares⁶⁹.

Churchill queria mostrar a verdade sobre o salvador Lenine, destruir a ideia daquele que «tinha quebrado os grilhões do czarismo» para passar a ser conhecido como aquele que levou a Rússia à miséria e ao despotismo⁷⁰.

De facto, Lenine aparece como o primeiro grande tirano contra o qual Churchill lutou, não por ser comunista, mas pelo terrível método utilizado por ele.

«Tomando o poder por meios sombrios e violentos, usando-o com ferocidade implacável, não de acordo com a vontade do seu próprio povo, mas apenas para satisfação das suas teorias, cometendo mais assassinatos e

free speech, and fair play. No disdain which any despotic monarch, even the most foolish or the most arbitrary, has ever felt for the opinions or wishes of the mass of the people can approach that with which Lenin and Trotsky and their associates regard the humble toiling millions, who form the raw material for their experiments. Power must be seized by force, force must be prepared in secret, power when gained must be exercised at the pleasure of those who have seized it, and they must exercise it in accordance with their theories undisturbed by the wishes, weakness, prejudices, or human sympathies of the prostrate masses subjected to their rule.» Winston Churchill, «The red fever: A way to deal with our bolsheviks: segregate them!» 25 de janeiro de 1920, *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/39).

⁶⁹ «He overthrew it not by argument and not by any appeal to the masses of the people, but by secret, sudden, violent and bloody means and enthroned himself in a dictatorship more absolute, more ferocious and for the purposes of tyranny, far more efficient than the Government of the Tsars.» Winston Churchill, «Could Labour Govern the Country: The Dilemma of “Democracy”», *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/37).

⁷⁰ «He has robbed his country of victory, peace, and freedom; and what has he given them in exchange? Russia, the great food producing centre of the world, wracked with famine; the towns depopulated to half their numbers; the workmen scattered, destroyed and the rest cowed or demoralised; hundreds of thousands of people driven to the woods, and mountains to form “Green Guards” like Robin Hood in the Middle Ages; the railways on which the whole economic civilisation of these great regions depend sinking hopelessly into absolute stagnation.» Winston Churchill, «Lenin’s Letter», 14 de junho de 1920, *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/36).

execuções a sangue-frio num mês do que Willy ou Nicky⁷¹ em todos os seus reinados, atropelando a religião, derrubando todas as instituições sem ter em conta a compaixão ou a decência humana, abandonando os seus aliados, traíndo o seu país e, finalmente, para prolongar a sua tirania, abandonando em grande medida até as teorias e doutrinas pelas quais todo este derramamento de sangue e tormento foi infligido.»⁷²

O tirano acaba por deixar de lado o plano inicialmente traçado por ser impossível de concretizar, perseguindo todos os que se opõem na realidade e todos aqueles, mesmo os seus braços direitos, que culpa pelo resultado imperfeito. Em função do poder, da concretização dos seus caprichos e desejos, a violência e o terror tornam-se os únicos instrumentos de manutenção da sua posição. É, portanto, incorreto afirmar que Churchill era inimigo daquilo que as ideologias de esquerda e de direita, que surgiram na primeira metade do século xx, preconizavam. Deve antes afirmar-se que ele era inimigo das teorias revolucionárias por compreender a grande correlação que existia entre elas e os sistemas e regimes tirânicos.

Num artigo de 25 de janeiro de 1920 publicado no *Illustrated Sunday Herald*, Churchill denunciou a violência exercida pelos bolchevistas como sendo o principal instrumento de propaganda da sua causa e de manutenção do seu poder⁷³. Mais do que isso, para Churchill a violência era uma característica intrínseca do bolchevismo, que só descansaria depois de submeter todas as nações ao seu jugo. «A revolução mundial é o objetivo

⁷¹ Referência aos nomes utilizados pelo Kaiser da Alemanha Wilhelm II (1859-1941) e pelo Czar Russo Nicholas II (1868-1918) na famosa correspondência por eles trocada no período da Primeira Guerra Mundial.

⁷² «Seizing power by dark and violent means, using it with merciless ferocity not in accordance with the will of his own people but solely in gratification of his own theories, committing more murders and cold blooded executions in a month than Willy or Nicky in all their reigns, trampling on religion, tearing down every institution without regard to human sympathy or human decency, deserting his allies, betraying his country, and finally, to prolong his tyranny, abandoning to a large extent even the theories and doctrines for the sake of which all this bloodshed and misery have been inflicted.» Churchill, «Monarchy versus Autocracy».

⁷³ «The Bolshevik is not an idealist who is content to promote his cause by argument or example. At the first favourable opportunity he helps it forward by the bullet or the bomb. The essence of Bolshevism, as opposed to many other forms of visionary political thought, is that it can only be propagated and maintained by violence.» Churchill, «The red fever».

bolchevique, que eles tentam alcançar tanto na paz como na guerra. Na verdade, a paz bolchevique é apenas uma outra forma de guerra.»⁷⁴

Churchill culpava os bolcheviques pela miséria e desgraça que se tinha abatido sobre a Rússia, devido à sua «tentativa de pôr em prática teorias selvagens»⁷⁵, afirmando que se tratava mesmo do «espetáculo mais terrível em toda a história do mundo». Os «fanáticos»⁷⁶ bolcheviques, como um «vampiro que suga o sangue da sua vítima»⁷⁷, cometiam «atrocidades indescritíveis, mantendo-se no poder pelo terrorismo numa escala sem precedentes, e pela negação dos mais elementares direitos de cidadania e liberdade»⁷⁸. «Eles estão a esforçar-se incessantemente por propagar as doutrinas do comunismo, pregando a revolução violenta, inflamando o descontentamento, para nos infetarem com a sua doença.»⁷⁹

Bolchevismo e jacobinismo

Churchill variadíssimas vezes comparou o bolchevismo com o jacobinismo, sobretudo na utilização da violência e do terror como forma de assegurar e manter o poder. No entanto, não é de todo surpreendente, visto Churchill ser um grande admirador e leitor muito atento de Edmund Burke e das suas críticas ao processo da Revolução Francesa.

De facto, Churchill compreendia desde cedo que a Revolução Francesa abriu as portas às ideologias totalitárias do século xx, tratando-se do

⁷⁴ Winston Churchill, «Poland in Peril», 28 de julho de 1920, in *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/36).

⁷⁵ «The attempt to carry into practice those wild theories can only be attended with universal confusion, corruption, disorder, and civil war. That has happened in Russia and every other country where the attempt has been made, and will happen, and out of the bloodshed and foment of this struggle there emerges not the ideal, visionary, communistic republic of my interrupting friend, but something quite different.» Discurso proferido no Victoria Hall, em Sunderland a 3 de janeiro de 1920. Winston Churchill, «The Agony of Russia», in Robert Rhodes James, ed., *Winston S. Churchill: His Complete Speeches 1897-1963*, vol 3: 1914-1922 (Londres: Chelsea House Publishers, 1974), 2920.

⁷⁶ *Ibid.*, 2918.

⁷⁷ Discurso proferido na Câmara do Comuns, a 25 de março de 1919. Churchill, «Russia», in *ibid.*, 2725.

⁷⁸ Cit. in Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 76.

⁷⁹ Discurso proferido no United Wards Club Luncheon, Cannon Street Hotel, em Londres a 4 de novembro de 1920. Winston Churchill, «Bolshevism and Imperial Sedition», in *The Churchill Centre Online*: <http://www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1915-1929-nadir-and-recovery/bolshevism-and-imperial-sedition>

primeiro caso de violência massificada não no contexto de guerra entre estados, mas no interior de uma nação em que o governo procurou arremessar uma nação inteira.

A 11 de abril de 1919, Churchill afirmou que «somente a estrutura militar está a crescer (...) e está a assumir uma forma agressiva e predatória, como o jacobinismo francês assumiu após a queda de Robespierre, e antes da ascensão de Napoleão»⁸⁰.

Num artigo de 25 de janeiro de 1920 publicado no *Illustrated Sunday Herald* sobre o desígnio diabólico de Lenine, intitulado «The red fever: a way to deal with our bolshevists: segregate them!», Churchill descreve a semelhança do método utilizado quer pelos bolcheviques, quer pelos jacobinos.

«Esta é a mesma força que perverteu as conquistas gloriosas da Revolução Francesa e, tendo tornado inúteis os sacrifícios que todas as classes fizeram para alcançar a modernização da França e da Europa, marchou por um turbilhão de carnificina para estabelecer uma ditadura militar.

É a mesma força que derrubou a República Russa há três anos (...) e que roubou ao povo russo a constituição livre que tinha finalmente conquistado, e a paz e a vitória que estavam quase ao seu alcance. É a mesma força que, neste momento, está a esforçar-se para derrubar a República Alemã e privar essa nação da sua oportunidade de autorredenção perante os Estados da Cristandade.»⁸¹

Neste mesmo artigo, Churchill dá mesmo a entender que bolchevismo e jacobinismo são uma e a mesma coisa, apenas com nomes diferentes, quando se refere «[a]os devotos do jacobinismo (ou do bolchevismo como

⁸⁰ Winston Churchill, «The bolshevik menace "an aggressive and predatory form"», 11 de abril de 1919, in Winston S. Churchill (neto) ed., *Winston Churchill's Speeches: Never Give In!* (Londres: Pimlico, 2006), 91.

⁸¹ «This is the same force as that which perverted the glorious achievements of the French Revolution, and, having rendered unavailing the sacrifices which all classes had made to accomplish the modernisation of France and of Europe, marched through a welter of butchery to the establishment of a military dictatorship. It is the same force which overthrew the Russian Republic three years ago (...) and which robbed the Russian people of the free constitution they had at last won, and the peace and victory which were almost within their grasp. It is the same force that at this moment is striving to overturn the German Republic and deprive that nation of its chance of self-redemption amongst the States of Christendom.» Churchill, «The red fever».

é agora chamado)»⁸². Eloquentemente, Churchill alerta para o grande perigo e para a facilidade de propagação desta força que produz «com certeza quase matemática os mesmos resultados sob determinadas condições»⁸³.

De novo, Churchill denuncia as teorias revolucionárias que tendem a percorrer o trilho, mais tarde sistematizado de forma muito eloquente por Ralf Dahrendorf na sua obra *Reflections on the Revolution in Europe*, obviamente inspirada no livro de Edmund Burke *Reflections on the Revolution in France*. Na sua obra, Dahrendorf descreve o processo revolucionário que, apesar de não ser inevitável, ocorre na maioria dos casos, terminando na violência em massa e no terror que condenam a sociedade à destruição e à desmoralização. Porém, como referido, o processo não é inevitável, nem em Burke, nem em Churchill, nem em Dahrendorf, por isso o combate deve permanecer com o objetivo de preservar a tradição ocidental, a liberdade e o Estado de Direito.

Sedução do discurso revolucionário

O tom acusatório ia aumentando, não apenas à medida que o tempo passava, mas à medida que Churchill percebia que o discurso revolucionário era cada vez mais atraente para as massas que não compreendiam o alcance das palavras fervorosas e efusivas que prometiam um futuro ideal, de igualdade, de acesso completo a todos os bens proporcionados por um Estado totalitário, centralizado e progressista. Assim, a 11 de abril de 1919, num discurso intitulado «The bolshevik menace “an aggressive and predatory form”», Churchill, novamente, tentava desmascarar o regime da violência que tomava posse da Rússia, afirmando que «de todas as tiranias da história, a tirania bolchevique é a pior, a mais destrutiva e a mais degradante. É uma completa farsa fingir que não é muito pior do que o militarismo alemão. As misérias do povo russo sob os bolcheviques superam tudo o que sofreu, mesmo sob o czar. As atrocidades cometidas por Lenine e Trotsky são incomparavelmente mais hediondas»⁸⁴.

Churchill estava certo de que, de facto, a revolução bolchevique atingiria uma igualdade, mas seria a igualdade na miséria, no terror, na escravidão.

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ Churchill, «The bolshevik menace...», 88.

Na sua opinião, o regime bolchevique era uma «abominável combinação de criminalidade e de animalidade»⁸⁵ que «completou a destruição anarquista da ordem social na própria Rússia. A vida política, económica, social e moral do povo da Rússia foi totalmente esmagada. A fome e o terror estão na ordem do dia.»⁸⁶

Defendia que os revolucionários não descansariam enquanto a revolução total e mundial não estivesse completa e não subjugassem todas as nações ao seu domínio. A doutrina bolchevique «destruiu a Rússia e mergulhou-a profundamente na miséria indescritível. Nunca devemos deixar de proclamar este facto como um aviso para as outras nações do mundo, e para a preservação do nosso próprio país. Os bolcheviques são responsáveis pela catástrofe.»⁸⁷

Ameaça à democracia parlamentar

O tom alarmista de Churchill, tantas vezes criticado, pode ser compreendido à luz da sedução que as ideias revolucionárias, de esquerda e de direita, despertavam no coração das massas na primeira metade do século xx. Mas também, segundo o próprio, à luz do que estaria em jogo: a preservação do mundo ocidental, da democracia parlamentar e dos valores democráticos. Não se tratava de um problema pessoal, de uma discordância das ideias, de uma antipatia por esses políticos ou pelos seus países. O que estava em causa era uma tradição milenar de liberdade, de poder da lei, de um Estado Liberal criado gradualmente, baseado nas tradições e nos costumes de povos que foram fazendo escolhas ao longo de centenas de anos. E o que qualquer regime tirânico põe em causa é precisamente a liberdade, o direito de escolha, a lei geral e abstrata. Por tudo isso, os discursos e as cartas refletem este pessimismo e alarmismo de Churchill.

A 22 de junho de 1919, num artigo publicado no *Weekly Dispatch*, Churchill afirmou que o bolchevismo visava «uma guerra contra a sociedade civilizada» e que os bolcheviques procuravam «como primeira condição

⁸⁵ *Ibid.*

⁸⁶ *Ibid.*, 91.

⁸⁷ Churchill, «Bolshevism and Imperial Sedition».

do seu ser a queda e a destruição de todas as instituições existentes e de todos os Estados e Governos»⁸⁸.

Churchill aceitava que, no início da revolução bolchevique, fosse difícil para o cidadão comum perceber o grande perigo que daí adviria⁸⁹, porém, depois de perceber a situação da Rússia qualquer um acreditaria que, após ter reduzido a sua nação à pobreza e à fome, Lenine teria vontade de condenar à mesma miséria todas as nações, a fim de que o caos encobrisse as suas práticas selvagens⁹⁰.

Num discurso intitulado «The Agony of Russia», proferido a 3 de janeiro de 1920, Churchill falou dos bolcheviques enquanto «inimigos declarados da civilização», que acabariam por destruir os parlamentos democráticos de que dependem as liberdades dos povos livres e por esmagar todo o «aparelho económico e científico» que sustenta milhões de vidas.

Nesse discurso, talvez um dos mais extraordinários destes anos, Churchill quis «mostrar quão enorme e intransponível é o abismo que os separa de nós» e fê-lo através de uma brilhante contraposição dos valores e dos princípios defendidos por ambos os lados.

Do lado da Grã-Bretanha, da civilização ocidental, do seu mundo, colocou a defesa do «Governo Parlamentar exercido de acordo com a vontade da maioria dos eleitores, determinada constitucional e livremente», parlamento que, na sua opinião, os bolcheviques pretendiam destruir pela violência⁹¹.

⁸⁸ «They too aim at a worldwide and international league, but a league of failures, the criminals, the unfit, the mutinous, the morbid, the deranged, and the distraught in every land; and between them and such order of civilisation as we have been able to build up since the dawn of history there can, as Lenin rightly proclaims, be neither truce nor pact.» Churchill cit. in Gilbert, *Churchill's Political Philosophy*, 75.

⁸⁹ «As long as Lenin remained immured in the Kremlin, presiding in calm seclusion over the vast work of destroying every Russian institution and every human institution within his reach, as long as he was known to us only as the remote embodiment of Terror and the promulgator of levelling decrees, it was perhaps difficult for the ordinary Englishman and the ordinary Labourist to size him up and see exactly where he stood» Churchill, «Lenin's Letter».

⁹⁰ «It is natural that a man who has ruined his own nation and country should wish to have other nations reduced to the same level of misery, in order that his own carnage may be covered in the general chaos.» *Ibid.*

⁹¹ «They seek to overthrow Parliament by direct action or other violent means (...) and then to rule the mass of the nation in accordance with their theories, which have never yet been applied successfully, and through the agency of self-elected or sham-elected caucuses

À defesa da propriedade privada⁹², Churchill contrapôs a vontade do bolchevismo de «erradicar a ideia de propriedade individual», e à ideia de «controlar os monopólios» a de «destruir o capital». À «liberdade de consciência e igualdade religiosa» opôs o desejo de «exterminar todas as formas de crença religiosa que têm dado conforto e inspiração à alma do homem». Ao patriotismo, à confiança, à honra, ao orgulho e ao amor à nação⁹³ confrontou a crença no «Soviete Internacional».

Contra um «sistema de governo livre» construído gradualmente ao longo de mais de mil anos, contra «a Comunidade Britânica, em que cada classe tem os seus direitos e em que cada classe tem o seu lugar, em que há um espaço para todos os tipos e condições de homens e onde todos por mérito podem subir da posição mais humilde à mais alta na vida pública ou privada», Churchill denunciou «todas as conspirações para estabelecer um governo de classe»⁹⁴.

À «autodeterminação», à «doutrina da vontade do povo», ao desejo de concessão a todos de «uma oportunidade justa, plena, livre e instruída a registar a sua opinião», Churchill contrapôs a realidade da Rússia, onde os bolcheviques «derrubaram a República Soviética», destruíram «o Parlamento Russo» e estabeleceram um «governo de minoria, governo que não tem consideração pela vontade ou pelos desejos da nação, nem é influenciado pela opinião pública – o governo dos homens que, na sua vaidade

of their own.» Winston Churchill, «The Agony of Russia», in James, *Winston S. Churchill: His Complete Speeches*, 2919.

⁹² «We seek to use the great mainspring of human endeavour as a means of increasing the volume of production on every side, and of sharing the fruits far more broadly and evenly among millions of individual homes.» *Ibid.*

⁹³ «We believe that patriotism, a sense of national honour, backed up by love of home and pride of race must still, for many hundreds of years, be an essential element in the maintenance of a noble and progressive State.» *Ibid.*

⁹⁴ «They seek to establish a class of government – and a class of government by no means the best instructed – to deal with the difficult of our community – they seek to establish a class of government of particular sections of organised manual labour. We are opposed to class government in every form, whether it be a government of aristocracy or of plutocracy, or of the military classes, or of the priest class, or of the trade unions. We are against the predominance – the undue predominance – in the State of any single class.» *Ibid.*

e presunção insanas, acreditam que têm o direito de dar às pessoas um governo que elas abominam e detestam, e em relação ao qual nunca são consultadas»⁹⁵.

A ideologia comunista

Só mais tarde Churchill formula e sistematiza a sua crítica contra o comunismo, porém, a sua luta contra o coletivismo era já muito anterior. Além das razões mais práticas pelas quais considerava que o comunismo era um inimigo declarado da tradição ocidental, visando um estado centralizado e controlador, ao pretender acabar com o capitalismo e com o mercado livre, o coletivismo era apreendido por Churchill como o maior inimigo da liberdade e da dignidade humana. «O argumento Comunista visa a padronização universal. O indivíduo torna-se uma função: a comunidade é o único interesse, os pensamentos de massa ditados e propagados pelos governantes são os únicos pensamentos considerados respeitáveis.»⁹⁶ «Só os comunistas têm um plano e um evangelho. É um plano fatal para a liberdade pessoal e um evangelho fundado no ódio.»⁹⁷

Churchill acrescenta ainda, no outro artigo publicado a 16 de novembro de 1919 no *Sunday Herald*, que o regime comunista funda-se na repulsa pelo homem comum, pelos seus sentimentos e ambições⁹⁸. É importante reforçar a importância deste ponto, pois o que Churchill faz é defender «as massas», o cidadão comum do vanguardismo comunista antipopular.

Neste aspeto, encontramos a crítica ao coletivismo brilhantemente sistematizada por Karl Popper na sua obra *The Open Society and Its Enemies*, onde argumenta que é mais uma porta aberta à tirania, uma vez que

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ Winston S. Churchill, «Mass Effects in Modern Life», in Churchill, *Thoughts and Adventures* (Londres: Thornton Butterworth, Ltd, 1934), 258-259.

⁹⁷ Winston S. Churchill, «Fifty Years Hence», in *ibid.*, 278-279.

⁹⁸ «The whole construction of a communistic world is based upon a fundamental repudiation of the ordinary feelings of the average man, and particularly of the average British trade unionist, to protect and build up his own home and family; to give the boys and girls a better chance than their father had; to make a provision better than that made by the thriftless and the idle for the after years of life; to belong to a great country and have a right to take a part in its affairs and make its interests prosper and endure; to be a self-reliant citizen of an immense, complex and varied community – these are the motive springs of his action.» Churchill, «Could Labour Govern the Country: The Dilemma of “Democracy”», 56.

o coletivismo, ao roubar a liberdade e a responsabilidade moral ao indivíduo, cria necessariamente espaço para o aparecimento de um déspota que fale em nome do todo e que esmague qualquer oposição individual.

A tradição ocidental

Os valores em que Churchill sempre acreditara e tanto preservava faziam parte de uma longa tradição liberal e constitucional em que encontramos também outros nomes, alguns já referidos, como os de Burke, Popper, Dahrendorf. Apesar de utilizarem raciocínios diferentes, conceitos distintos, os valores que preservavam eram os mesmos. Dahrendorf falava da Democracia Constitucional e de como domesticar o poder, Popper da Sociedade Aberta e de como despedir um mau governo, ou ainda Oakeshott e a sua política de ceticismo e a sua defesa da *civil association*.

Para Churchill, a memória da Revolução Gloriosa de 1688 deveria ser guardada como o maior exemplo de uma revolução bem conseguida ou bem evitada, testemunho da tradição do governo limitado e constitucional, da «vida política esclarecida e ativa na Grã-Bretanha», «de uma Constituição livre, (...) instrumento da reforma contínua e progressiva»⁹⁹.

Para ele, a liberdade, sobretudo a liberdade de expressão, era a base da saúde do seu país, pois além de permitir o desenvolvimento de todas as ciências humanas, era através dela que a sociedade podia escolher os seus governantes, elegê-los, responsabilizá-los, despedi-los e, gradualmente, realizar as mudanças necessárias com vista ao seu aperfeiçoamento.

«Temos sempre de nos lembrar que a glória da nossa civilização, entre os seus muitos defeitos, é a sua liberdade de expressão e de ação, a disponibilidade para considerar e beneficiar de novas ideias, e uma vontade de avançar resoluta e calmamente para uma era mais ampla e brilhante. Temos, portanto, de ser muito cautelosos, exceto em legítima defesa contra um perigo iminente que tenta restringir as atividades de longo alcance da mente humana. Os bolcheviques, quando obtêm poder em qualquer país, suprimem rigorosamente todas as formas de opinião, exceto a sua. (...) E a sua pior raiva e vingança está reservada não para o aristocrata ou para o burguês, mas para o socialista comum, o social-democrata, o

⁹⁹ Churchill, «Bolshevism and Imperial Sediton».

socialista-revolucionário, para os quais olham com aquela maldade acrescida que a intolerância religiosa, nos seus dias mais tenebrosos, reservava sempre mais para o herege do que para o pagão. (...) Temos de manter um país livre a funcionar sobre uma base ampla, onde milhões são consultados, onde os mais pobres e os mais ricos têm o direito à sua quota no Governo, têm o direito de escolher o seu Governo, de escrutinar o seu Governo e de mudar o seu Governo.»¹⁰⁰

¹⁰⁰ «We have always to remember that the glory of our civilization, among its many defects, is its freedom of speech and action, the readiness to consider and profit by new ideas, and a willingness to move forward resolutely and calmly into the conditions of a broader and brighter age. We have, therefore, to be very chary, except in self-defence against an imminent danger, of attempting to fetter the far ranging activities of the human mind. The Bolsheviks, when they obtain power in any country, rigorously suppress all forms of opinion except their own (...) And their worst rage and vengeance is reserved not for the aristocrat or the bourgeois, but for the ordinary Socialist, the Social Democrat, the Social Revolutionary, whom they regard with that added malevolence with which religious intolerance in its darkest days has always reserved for the heretic rather than the pagan. (...) We have got to keep a free country going on a wide basis where millions are consulted, where the poorest and the richest have a right to their share in the Government, have a right to choose their Government, to check their Government, and to change their Government.» Churchill, «The red fever».

Capítulo 4

A Mudança para o Partido Conservador: 1922-1924

Em outubro de 1922, uma crise política interna ameaçava acabar de vez com a coligação Conservadora-Liberal existente desde 1915. O Partido Liberal, cada vez com menos visibilidade na política britânica, estava profundamente dividido entre os que apoiavam a atual liderança de Lloyd George na coligação e os que preferiam o seu antecessor, Asquith, que fora o líder da bancada liberal desde 1908 e, conseqüentemente, líder da coligação até 1916. Além disso, os próprios conservadores estavam também divididos entre os que apoiavam a continuação da coligação sob a liderança de Lloyd George, como Austen Chamberlain e Balfour, e os que queriam o fim da coligação, como Stanley Baldwin e Bonar Law. O Partido Conservador estava ressentido com os anos de incapacidade política dentro da coligação e melindrado com algumas decisões e políticas levadas a cabo por esse governo¹⁰¹. Os conservadores, reunidos no dia 19 de outubro no Carlton Club, votaram o fim da coligação (185 votos contra 88). Em função da retirada do apoio Conservador à coligação, Lloyd George não teve outra alternativa a não ser demitir-se. Então Bonar Law, reeleito líder do Partido Conservador, tornou-se Primeiro-Ministro. O parlamento foi dissolvido no dia 26 por proclamação real e foram convocadas eleições gerais para dia 15 de novembro.

Churchill foi um forte defensor da continuação da coligação, porém, teve de passar todo o período da crise política e praticamente todo o tempo da campanha eleitoral na cama devido a uma operação ao apêndice. A 22 de outubro enviou uma carta a James Robertson, Presidente da

¹⁰¹ «No encontro de dia 19 de outubro no Carlton Club durante o discurso de Austen Chamberlain em defesa da manutenção da coligação “gritos de ‘Irlanda’, ‘Egipto’, ‘Índia’ e ‘Newport’ foram ouvidos”.» Churchill cit. in Martin Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 4: 1916-1922 (Londres: Heinemann, 1975), 867.

Associação Liberal de Dundee, círculo pelo qual iria concorrer, reafirmando a sua posição de liberal e de defensor do Comércio Livre, mas expressando a sua vontade e a extrema importância de preservar uma estreita cooperação com os conservadores como única forma de lutar contra a ameaça perigosa do comunismo e do socialismo¹⁰².

Numa mensagem eleitoral publicada no dia 28 de outubro no *The Times*, Churchill reafirmou o seu apoio a uma atuação conjunta necessária no combate aos perigos e inimigos comuns dos liberais e conservadores. A luta conjunta contra o socialismo deveria suprimir as diferenças e controvérsias entre eles, uma vez que estavam em jogo os interesses e a sobrevivência da nação britânica¹⁰³.

No dia 15 de novembro, o dia das eleições, nenhum candidato conservador se apresentou na corrida em Dundee, mas o mesmo não aconteceu com os liberais de Asquith que enviaram um candidato. Os resultados foram declarados no dia seguinte, tendo sido eleitos o candidato proibicionista independente com simpatias trabalhistas, com 32 578 votos¹⁰⁴, e o candidato trabalhista, com 30 292 votos. Em terceiro lugar ficou o candidato liberal nacional, colega de Churchill, com 22 244 votos, e o próprio só conseguiu o quarto lugar, com 20 466 votos. Atrás dele ficaram apenas o candidato liberal independente de Asquith, com 6681 votos, e o comunista, com 5906 votos. Em suma, as eleições em Dundee foram marcadas pela derrota do liberalismo e de Churchill, que era deputado desse círculo desde 1908. O liberalismo, com 42% dos votos, sofreu uma dura derrota

¹⁰² «I propose to stand as a Liberal and a Free-trader, but I shall ask the electors to authorize me to cooperate freely with sober-minded and progressive Conservatives in defending the lasting and central interests of this realm and its wide Empire against the very dangerous attacks now about to be levelled upon them by the Socialist and Communist forces» Cit. in *ibid.*

¹⁰³ «When we turn our eyes from thus newly-fledged Administration to the formidable Socialist attack which is gathering in the opposite quarter, we must see how great is the need for patriotic men and men of sincere goodwill to stand together. We cannot afford to be divided on minor issues when the whole accumulated greatness of Britain is under challenge. A predatory and confiscatory programme fatal to the reviving prosperity on the country, inspired by class jealousy and the doctrines by two candidates both of whom had to be shut up during the late war in order to prevent them further hampering the national defence.» Cit. in *ibid.*, 872. Churchill referia-se aos candidatos comunista e trabalhista.

¹⁰⁴ É interessante verificar a progressão deste candidato ao longo das eleições anteriores: 655 votos em 1908, 2000 votos em 1917, 10 000 votos em 1918.

tendo em conta que eram 3 os candidatos liberais e nenhum conservador se lhes opôs.

O resultado dessas eleições, a nível nacional, mostrou nitidamente as alterações que surgiam no sistema de partidos por detrás de uma coligação de 6 anos. Pela primeira vez desde 1905, os conservadores tinham ganho as eleições, ficando com 354 assentos; pela primeira vez os trabalhistas eram o segundo maior partido com 142 assentos; e os liberais estavam divididos a metade entre os apoiantes de Asquith (com 54 assentos) e os de Lloyd George (com 62 assentos).

O sistema bipartidário parecia ameaçado pela existência de 3 grandes partidos. Porém, era mais provável que o equilíbrio entre liberais e conservadores fosse substituído pelo equilíbrio entre trabalhistas e conservadores. De facto, o domínio do Partido Liberal, extremamente dividido e enfraquecido, tinha terminado; e, além disso, o Partido Trabalhista ocupava já um lugar dominante na política britânica, sendo o segundo maior partido.

Após 22 anos como deputado, Churchill afirmou na sua obra *Thoughts and Adventures*: «Num piscar de olhos, encontrei-me sem cargo, sem assento, sem partido e sem apêndice.»¹⁰⁵ Churchill tinha de repensar o seu lugar na vida política, mas as circunstâncias e as causas que iam marcar a ordem do dia tornaram essa reflexão mais fácil.

Entre dezembro de 1922 e maio de 1923, Churchill retirou-se para o Sul de França onde permaneceu em repouso, dedicado, sobretudo, à escrita das suas memórias da Primeira Guerra Mundial e à pintura. Durante esse período regressou a Inglaterra apenas duas vezes, para supervisionar a reconstrução de Chartwell que tinha comprado no fim de 1922 e para discutir questões técnicas das suas memórias de guerra. A vida política foi colocada totalmente de lado e mesmo as notícias que recebia sobre os assuntos políticos em Inglaterra eram escassas. No dia 8 de março, o seu irmão Jack preveniu-o para a eventualidade de um governo trabalhista vir a ser formado nos anos seguintes depois do sucesso do Partido Trabalhista em várias eleições intercalares. Segundo o seu irmão, era essencial reatar a coligação entre liberais e conservadores para enfrentar esse perigo. Outra carta de 14 de março de Sir James Stevenson, conselheiro

¹⁰⁵ Winston S. Churchill, «Election Memories», in Churchill, *Thoughts and Adventures*, 213.

pessoal de Churchill no Ministério das Colónias em 1921-22, alertava-o para a necessidade de uma liderança liberal forte que fizesse frente ao crescimento do Partido Trabalhista. Segundo o mesmo, Churchill era o homem ideal para liderar e angariar os votos dos que estavam indecisos mas eram antitrabalhistas¹⁰⁶.

Stanley Baldwin sucedeu a Bonar Law no cargo de Primeiro-Ministro em maio de 1923. Nesse mesmo mês Churchill regressou a Londres e, apesar de o verão de 1922 ser ainda calmo e dedicado à reconstrução de Chartwell, indícios sobre o seu futuro na política britânica começaram a surgir. Ainda no final de maio, Robert Horne sugeriu a Baldwin que convidasse Churchill para o governo, pois com a sua admirável capacidade oratória seria uma excelente aquisição. Sugestões como esta eram feitas pelos conservadores, também pelo receio de que essas características de Churchill fossem utilizadas na bancada da oposição. No dia 9 de junho, Churchill rejeitou um convite para ser candidato pela Associação Liberal de Caerphilly apesar de, segundo o próprio, apoiar todos os esforços para a criação de uma alternativa liberal ao socialismo¹⁰⁷.

Foi em novembro de 1923 que Churchill se viu obrigado a envolver-se na cena política e, de novo, em nome do Comércio Livre, como em 1904. No dia 25 de outubro, em Plymouth, Baldwin falou a favor da reintrodução do protecionismo como única forma de acabar com o desemprego, sobretudo na indústria. E no dia 13 de novembro, Baldwin convocou eleições gerais na tentativa de reunir o partido sob a bandeira do protecionismo. Churchill tinha de novo uma razão para lutar, a mesma que o levou a sair do Partido Conservador em 1904, demonstrando ser ainda um dos principais

¹⁰⁶ «Things are in a "melting pot". LG is playing what looks like a good game but it isn't. Nobody trusts him. They are sick of Simon and Asquith. They want a leader all right and if you would only formulate a programme and cast it on the breeze I am sure it would draw. There can only be two parties. That is the line of country to ride. There are hundreds of thousands who won't vote at all at present. They have no party. But they are anti labour.» Sir James Stevenson, in Martin Gilbert, *The Churchill Documents*, vol. 11: The Exchequer Years 1922-1929 (Michigan: Hillsdale College Press, 2009), 41.

¹⁰⁷ «I need scarcely say that my sympathies are wholly with you in your endeavours to present a constructive progressive Liberal alternative to the blighting doctrine of Socialism. I have not, however, since the General Election, addressed my mind to the question of attempting to re-enter the House of Commons, and I do not yet feel the time has come when I should do so.» Churchill in *ibid.*, 48-49.

defensores do Comércio Livre. Esta era também a oportunidade de os liberais procurarem de novo a união desde a queda de Asquith em 1916.

Numa carta de 11 de novembro publicada na imprensa, enquanto declinava o convite de Glasgow Central para ser o seu candidato liberal, Churchill defendeu o Comércio Livre utilizando argumentos muito próximos dos de 1904. Nessa carta Churchill defendeu acerrimamente o Comércio Livre como elemento essencial à recuperação da prosperidade britânica, quer do ponto de vista da eficiência económica, quer do da liberdade individual até ao das boas relações externas da Grã-Bretanha.

«Um ataque agressivo derrubou, de forma desnecessária e injustificada, as fundações do modo de vida das pessoas. Uma monstruosa falácia está erguida contra nós. Quase todas as indústrias do país estão sob a ameaça de prejuízos. Todos os negócios estão sujeitos a perturbações e incertezas desnecessárias e prolongadas. A nação, à qual se prometeu, apenas há um ano atrás, tranquilidade, está mergulhada num violento conflito internacional. O regresso da prosperidade deve ser adiado. As condições cruéis do inverno irão certamente agravar-se, e a influência do Império Britânico como agente de reconciliação no Continente da Europa ficará lamentavelmente, e durante algum tempo fatalmente, comprometida.»¹⁰⁸

Nos dias seguintes surgiram-lhe vários convites de Associações Liberais para o terem como seu candidato. Em Manchester a 16 de novembro no Free Trade Hall, Churchill atacou novamente o protecionismo e a decisão conservadora de o reintroduzir¹⁰⁹. E na tarde seguinte, no Manchester

¹⁰⁸ «An aggressive attack has been levelled needlessly and wantonly at the foundations of the people's livelihood. A monstrous fallacy is erected against us. Nearly all the trades of the country are threatened with injury. All business is subjected to unnecessary and prolonged disturbance and uncertainty. The nation, which was promised only a year ago tranquillity and recuperation, is plunged in violent international strife. The return of prosperity must be delayed. The cruel conditions of the Winter will certainly be aggravated, and the influence of the British Empire as an agent of reconciliation on the Continent of Europe and for a time fatally, impaired.» Cit. in Martin Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5 :1922-1939 (Michigan: Hillsdale College Press, 2009), 15-16.

¹⁰⁹ «It was quite untrue that foreign imports caused domestic unemployment, as Baldwin has stated at Plymouth. "I have studied the trade of Britain", Churchill said, "for more than 20 years, and I have never heard such a doctrine seriously propounded by any high and responsible authority before". Churchill went on to point out that one of Baldwin's Ministers,

Reform Club, Churchill apelou à unidade dos liberais sob a liderança de Asquith. No dia 19 aceitou o convite para ser candidato pela Associação Liberal de West Leicester. Durante a campanha, Churchill opôs-se fortemente quer ao protecionismo quer ao lançamento de um imposto sobre capital¹¹⁰, cujo principal defensor em Leicester era o candidato trabalhista, o seu maior oponente nessas eleições. Esta causa era partilhada por liberais e conservadores contra trabalhistas¹¹¹.

No dia 6 de dezembro realizaram-se as eleições gerais e Churchill, com 9236 votos, perdeu o lugar para o candidato trabalhista, com 13 634 votos, ficando o conservador em terceiro lugar, com 7696 votos. Apesar da derrota, Churchill recebeu imensas cartas congratulando-o pela extraordinária luta pelo Comércio Livre levada a cabo nos seus discursos, amplamente divulgados na imprensa, que contribuíram em muito para a derrota do protecionismo nessas eleições¹¹².

A convocação destas eleições tinha sido um enorme erro cometido pelos conservadores e apenas confirmava a grande mudança no sistema de partidos. O Partido Conservador tinha perdido cerca de 100 lugares, tendo ficado apenas com 258. Os liberais, com 158 assentos, e os trabalhistas, com 191, tinham ganho esses assentos. O Partido Conservador perdeu a maioria embora continuasse a ser o maior partido. Porém, se uma coligação Trabalhista-Liberal fosse formada seria o fim do Governo Conservador e a instauração do primeiro governo trabalhista da história britânica estaria para breve. Estas eleições marcaram a derradeira mudança no equilíbrio de partidos e o sistema bipartidário estava ainda em perigo pois, juntamente com a existência de três grandes partidos, a inexistência de uma maioria absoluta abria a porta a uma possível coligação.

Neville Chamberlain, had said that prices rises resulting from the tariff on foreign goods could be offset by higher wages. This was a very “reckless” argument, he warned: “Surely they had had enough of this mad race between a rise in wages and a rise in cost of living”.» *Ibid.*, 17.

¹¹⁰ Imposto especial sobre capital individual superior a 5000 libras.

¹¹¹ «The Government and the Liberal Party are equally fighting this principle and the Chancellor has himself repeatedly denounced the measure.» Churchill, *in* Gilbert, *The Churchill Documents*, 70.

¹¹² «Your brilliant fight for Liberalism and Free Trade resounded through the country even though it failed to counterbalance the deplorable lack of preliminary organisation which appears to have existed at Leicester.» H. A. L. Fisher *in* *ibid.*, 78. Uma carta entre tantas que, apesar da derrota, felicitavam Churchill pelos discursos e pela luta contra o protecionismo.

Asquith, numa declaração pública a 12 de dezembro, deixou claro que não ia apoiar os conservadores somente para deixar os trabalhistas de fora. Já Churchill pretendia que os liberais e os conservadores se coligassem para afastar a possibilidade de um governo trabalhista. Essa eleição seria a última a que Churchill concorreria como liberal e esses seriam mesmo os últimos dias em que responderia perante Asquith. Numa carta de 30 de dezembro, Clementine Churchill afirmou que, caso Asquith continuasse com a ideia da coligação com os trabalhistas, o Partido Liberal estava condenado, pois os seus membros acabariam por se juntar ao Partido Conservador ou ao Trabalhista¹¹³.

Numa carta de 28 de dezembro, endereçada à filha mais velha de Asquith, Churchill declarou que o eventual apoio liberal a um governo trabalhista acabaria por destruir por completo o próprio Partido Liberal, que seria responsabilizado e acusado por todas as desgraças causadas pelo governo socialista¹¹⁴. E numa outra carta de dia 8 de janeiro, também enviada à filha de Asquith, Churchill manifestou a sua indignação pelo apoio dos liberais aos trabalhistas, lamentado a impossibilidade de se «evitar a grande desgraça de ser formado um Governo Socialista» que acabaria por «minar as atividades comerciais e os negócios da nação». Porém, tinha a certeza de que, perante este perigo, alguns deputados liberais iriam certamente juntar-se ao Partido Conservador, o que «gradualmente ganharia força devido à reação que a aparição dessa monstruosidade Socialista causaria no país»¹¹⁵.

¹¹³ «The political horizon is indeed murky. If Mr Asquith does not think better of it, it seems to me he will ruin his party (to say nothing to damaging the country). I should think the result would be that half the liberals would eventually go labour & the other half would join the Tories.» Churchill in *ibid.*, 90.

¹¹⁴ «The installation of a Socialist Government in power will be a deep shock to the country; the effect of this shock will be a formidable Tory reaction. (...) The Liberals will be held to have taken an enormous responsibility in putting the Socialists in power; the blame for any mis-government and disturbance which may arise will be thrown upon them. They will be accused of having committed an act of faction without regard to the general interest of the country, which was tranquillity and steady recuperation. Many people in our fluctuating electorate will be unable to look upon them as any real defence against Socialism and manifestly their numbers prevent them from offering any independent alternative to it. If the Socialist Party plays their cards well – and think what cards have been put in their hands – I see no reason why they should not get the support of many Liberals, while others will be crushed out or fall back upon local arrangements with the Conservative.» Churchill in *ibid.*, 89-90.

¹¹⁵ Churchill in *ibid.*, 92-94.

No dia 18 de janeiro de 1924 foi publicada no *The Times* uma carta de Churchill a um correspondente. Aí Churchill denunciava a vontade de Asquith de apoiar os trabalhistas numa coligação contra os conservadores e reforçava o seu desejo de criar uma aliança antissocialista, como tinha sido o seu objetivo desde 1918. Na sua opinião, um Governo Socialista seria «um grande desastre nacional», uma ameaça à prosperidade, à tranquilidade política, à ordem e à lei e, em geral, a todas as formas de vida nacional.

«O estabelecimento de um Governo Socialista será uma grave desgraça nacional, como aquela que normalmente só acontece aos grandes estados após uma derrota na guerra. Atrasará o retorno da prosperidade: travará o empreendedorismo e prejudicará o crédito; abrirá um período de crescente confusão e perturbação política; colocará ambos os partidos, liberal e trabalhista, numa posição completamente falsa. (...)

Um as Eleições Gerais travadas sobre questões fundamentais para o existente estado da sociedade e presididas por um governo socialista que tenha, de facto, o poder nas mãos e seja a única garantia da lei e ordem serão um acontecimento terrível. Ao qual os cidadãos Britânicos seguros dos seus direitos constitucionais não devem eximir-se, se for inevitável. Mas é um evento que, enquanto pairar, lançará uma sombra obscura e perversa sobre quaisquer formas de vida e confiança nacionais e quaisquer perspectivas de recuperação do comércio. (...) Conflito e tumulto, ruína e obscurantismo, podem ser as únicas consequências do governo de minoria socialista.»¹¹⁶

Apenas dois meses antes de escrever esta carta, ele tinha sido uma voz muito importante nas eleições gerais na defesa do Comércio Livre e dos

¹¹⁶ «The enthronement in office of a Socialist Government will be a serious national misfortune such as has usually befallen great states only on the morrow of defeat in war. It will delay the return of prosperity: it will check enterprise and impair credit; it will open a period of increasing political confusion and disturbance; it will place both the liberal and labour parties in a thoroughly false position. (...)

A General Election fought on issues fundamental to the existing state of society and presided over by a socialist government actually holding the reins of power and the sole guarantee of law and order will be a formidable event. It is not one from which British citizens secure in their constitutional rights should shrink, if it is inevitable. But it is an event which while it impends will cast a dark and blighting shadow on every form of national life and confidence and on every prospect of trade revival. (...) Strife and tumult, deepening and darkening, can be the only consequence of minority socialist rule.» Churchill in *ibid.*, 94-96.

ideais liberais contra o protecionismo. Agora era a principal voz dentro do Partido Liberal que denunciava a decisão do partido de enfrentar os conservadores dando a mão à minoria socialista.

No dia 21 de janeiro, uma moção trabalhista com o apoio liberal derrubou o governo conservador, com 328 votos contra 256. Apenas dez liberais ficaram do lado dos conservadores, 60 abstiveram-se e 137, liderados por Asquith, apoiaram o voto trabalhista. Baldwin demitiu-se e o líder trabalhista, Ramsey MacDonald, tornou-se Primeiro-Ministro no dia seguinte. O primeiro Governo Trabalhista britânico da história estava edificado, mas era minoritário e dependente do apoio liberal.

A 5 de fevereiro de 1924, Churchill declinou o convite para concorrer como liberal por Bristol West afirmando não querer embarcar numa competição eleitoral intercalar contra os conservadores, não só porque este círculo era fortemente conservador, mas também, sobretudo, porque tal competição apenas dividiria os antissocialistas que, perante um Governo Socialista minoritário, deveriam estar unidos¹¹⁷.

A 23 de fevereiro, Churchill teve uma longa conversa com Baldwin, que demonstrou vontade em vê-lo regressar à Câmara dos Comuns em cooperação com o Partido Conservador na luta contra o Governo Socialista¹¹⁸. Baldwin tinha já abandonado a ideia de reintroduzir o protecionismo, o que retirava o único entrave a Churchill para voltar aos conservadores ou, pelo menos, para cooperar livremente com eles.

Entretanto, Churchill aceita um convite para ser candidato independente pela divisão da Abadia, em Westminster, um lugar conservador por excelência. A sua esperança era a de que nenhum candidato conservador ou liberal fosse colocado na corrida, para que conseguisse reunir em si os

¹¹⁷ «I should not, therefore, be prepared to embark upon a by-electoral contest against the Conservatives (...) Of course if it were possible for me to stand on a Liberal, Free Trade and Anti-Socialist platform without Conservative opposition, or as an Independent Liberal pledged against Protection and Socialism, and unopposed by the Conservatives, I should feel it very difficult to refuse.» Churchill in *ibid.*, 104.

¹¹⁸ «At Baldwin's suggestion I had a long talk with him yesterday of the friendship character. He evidently wants very much to secure my return & co-operation. Their eyes are fully open to the dangers that lie ahead. MacDonald is making a great impression on the country, & there is no doubt that he is gaining numerous adherents – mostly at the expense of the Liberals.» Churchill in *ibid.*, 114.

votos de ambos os partidos¹¹⁹. Existia na verdade um forte apoio à sua candidatura por parte da sede central do Partido Conservador pois a eventual eleição de Churchill era o momento ideal para a formação, sob a sua liderança, de um grupo de deputados liberais descontentes com a liderança de Asquith e com o seu apoio aos trabalhistas¹²⁰. O mais difícil era convencer a Associação Conservadora local a adotá-lo como seu candidato ou, pelo menos, a não enviar qualquer candidato próprio. No dia 26 de fevereiro, o *Glasgow Herald* declarou que Churchill estava definitivamente «a preparar o caminho de volta ao partido que deixara muitos anos antes»¹²¹.

Apesar do apoio e da vontade de Baldwin, Austen Chamberlain e de outros importantes conservadores de o verem concorrer à divisão da Abadia, não podiam forçar a Associação local a adotá-lo como candidato e só poderiam procurar outro círculo onde Churchill pudesse concorrer mais tarde¹²². De facto, no dia 28 de fevereiro foi escolhido um candidato conservador, mas as vozes de apoio e de incentivo a Churchill multiplicaram-se, o que o fez avançar como candidato independente antissocialista apesar da falta do auxílio de uma máquina partidária. Balfour, numa carta publicada no dia 15 de março, expressou o seu total apoio à candidatura de Churchill e o desejo de o ver voltar à Câmara dos Comuns¹²³.

¹¹⁹ «I made it clear I intended to stand as an Independent candidate with Liberal as well as Conservative supporters.» Churchill in *ibid.*, 113.

¹²⁰ «There are 30 Liberals in the House & at least another 30 candidates who wish to act with the Conservatives, & who the Cons are anxious to win as allies. The idea is that by making the gesture of giving me a seat, the whole of this movement will be focused around me.» Churchill in *Ibid.*

¹²¹ Cit. in Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5, 27.

¹²² «The Abbey Conservatives would be unwilling to adopt him [Winston Churchill] as an Independent anti-Socialist candidate. I [Austen Chamberlain] do not know whether the Central Office could force him upon them – probably not – but in any case this would involve a split and would not be in Winston's interest. (...) We cannot give him the Abbey seat, Baldwin will undertake to find him a good seat later on when he will have been able to develop naturally his new line and make his entry into our ranks much easier than it would be to-day.» Chamberlain in Gilbert, *The Churchill Documents*, 115.

¹²³ «These are inevitably, and I [Lord Balfour] think rightly, influenced by my strong desire to see you once more in the House of Commons – once more able to use your brilliant gifts in the public discussion of the vital problems with which the country is evidently confronted. (...) your absence from the House of Commons at such a time is greatly to be deplored.» Balfour in *ibid.*, 123.

No dia 2 de março numa declaração à rádio, Churchill falou das suas convicções para essas eleições. Segundo o próprio, os princípios e os ideais a que se mantinha fiel eram os mesmos que o tinham feito mudar para os liberais vinte anos antes, mas nesse momento crítico era preciso lutar contra o avanço do socialismo junto dos conservadores e dos liberais que, como ele, apoiavam essa causa.

Nas principais questões de política pública, afirmou, manteve-se na mesma posição que ocupou durante quase vinte anos, mas ao mesmo tempo desejava «trabalhar eficazmente com o partido conservador na resistência ao rápido avanço do socialismo». Tal posição, acrescentou, não era nem «solitária nem singular»; na verdade acreditava que existiam «centenas de milhares de liberais», em todo o país, que sentiam o mesmo que ele, e que desejavam «cooperar com o partido conservador» para derrubar o Governo Trabalhista. (...) «O atual sistema denominado tripartidário é doentio, contranatura e absurdo».¹²⁴

No seu último discurso antes das eleições, no dia 18 de março no Victoria Palace, Churchill apresentou a sua solução para combater o socialismo, uma coligação Conservadora-Liberal.

O único «passo prático», disse ele, era ter um Partido Conservador Unido «com uma ala Liberal». O Conservadorismo em si, repetiu, deveria mostrar que tinha «ideias construtivas», e que era capaz de lidar eficazmente com «os graves problemas da miséria social». Falando sobre o que os Liberais tinham feito antes de 1914, Churchill declarou: «Já tínhamos conseguido um bom acordo ao fornecer escadas àqueles que tinham a capacidade e a competência para subir.» Agora, acrescentou: «além das escadas, deve haver redes para apanhar aqueles que caírem». (...) Era essencial,

¹²⁴ «On the main questions of public policy, he asserted, he remained in the same position that he had occupied for nearly twenty years, but at the same time he wished “to work effectually with the conservative party in resistance to the rapid advance of socialism”. Such a position, he continued, was neither “solitary nor singular”; indeed he believed that there were “hundreds of thousands of liberals”, throughout the country, who felt as he did, and who wished to “cooperate with the conservative party” to bring down the Labour Government. (...) “The present so-called three-party system is unhealthy, unnatural and absurd.”» Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5, 31.

Churchill prosseguiu, que qualquer futuro Governo Conservador aceitasse «uma enorme reformulação» do sistema de seguros, especialmente no que diz respeito ao seguro de desemprego. Outra área em que é necessário progredir, disse ele, é na disponibilização de habitação «com apoio adequado do Estado», e argumentou que estas habitações poderiam ser construídas «com métodos e materiais inovadores, tal como o problema da neurose foi resolvido durante a guerra».¹²⁵

Churchill afirmou que a única solução para combater o socialismo residia num Partido Conservador unido com uma ala liberal. Esta ala liberal, mais do que a cooperação de parte da bancada, significava que o conservadorismo deveria incorporar em si princípios liberais como o da preocupação social com os mais pobres, com os doentes, os sem-abrigo e os desempregados. Esta ideia de compromisso entre liberalismo e conservadorismo esteve sempre presente, independentemente do lugar que Churchill ocupava na política, e a tentativa de conciliar os princípios das duas ideologias é uma das suas mais distintivas características.

As eleições realizadas no dia 19 de março foram ganhas pelo candidato conservador, com 8187 votos, mas por uma margem de diferença de apenas 43 votos para Churchill (8144 votos). Em terceiro lugar ficou o candidato trabalhista, com 6156, e em quarto o liberal, com apenas 291. Apesar da derrota, Churchill reconheceu que estas eleições tinham sido as mais entusiasmantes de sempre e que a pequena margem de 43 votos não poderia ser considerada uma grande derrota quando os concorrentes eram três grandes máquinas partidárias organizadas e com todos os meios ao seu dispor¹²⁶. Porém, certamente que esse sentimento de tranquilidade e

¹²⁵ «The only “practical step”, he said, was to have a United Conservative Party “with a Liberal wing”. Conservatism itself, he repeated, must show that it had “constructive ideas”, and that it was to grapple effectively with “the acute problems of social distress”. Speaking of what the Liberals had done before 1914, Churchill declared: “We had already achieved a good deal in providing ladders for those who had the capacity and ability to rise.” Now, he added, “besides the ladders, there must be nets to catch those that fall”. (...) It was essential, Churchill went on, for any future Conservative Government to undertake “an immense recasting” of the insurance system, especially as regards unemployment insurance. Another area in which progress must be made, he said, was in the provision of houses “with proper State assistance”, and he argued that these houses could be built “with novel methods and materials, in much the same way as the shell problem was solved during the war”.» *Ibid.*, 36.

¹²⁶ «The Election, of which you saw the first beginnings, proved the most interesting in

de alguma satisfação não seria o mesmo se não tivesse sido o candidato conservador a ganhar.

É interessante observar a reflexão de Churchill sobre este período da sua vida quando escreve, uns anos mais tarde, sobre estas duas memórias:

«Por vezes os nossos enganos e erros transformam-se em grandes êxitos. Quando os conservadores se lançaram repentinamente no protecionismo em 1923, uma dúzia de círculos eleitorais liberais pressionaram-me para que fosse o seu candidato. E Manchester claramente lutou. Ofereceram-me um assento lá, que, tendo em conta o que aconteceu, muito provavelmente eu teria ganho. Em vez disso, por algum complexo sombrio, escolhi sair e lutar contra um socialista em Leicester, onde, sendo também atacado pelos conservadores, fui naturalmente derrotado. Ao saber destes dois resultados tão contrastantes, poderia ter ficado a recriminar-me. No entanto, como se viu, foi o facto de estar fora do parlamento, livre de qualquer apego e ligação a um círculo eleitoral, que me permitiu fazer um julgamento independente e imparcial da situação quando os liberais, de uma forma muito imprudente e errónea, colocaram o governo de minoria socialista pela primeira vez no poder, selando assim a sua própria condenação.

Assim, encontrei-me livre uns meses depois para defender a causa antissocialista na eleição complementar em Westminster, e assim recuperando por algum tempo, pelo menos a boa vontade de todos aqueles fortes elementos conservadores, com quem partilho alguns dos seus mais profundos sentimentos que, em momentos críticos, posso expressar, embora eles nunca tenham gostado ou confiado em mim.»¹²⁷

which I have ever been concerned. I found myself opposed by the organisations of all three great Parties, and nevertheless succeeded in coming within fifty votes of victory. Although the result was not achieved, I am quite content with the manifestations of public and popular support which I obtained.» Churchill in Gilbert, *The Churchill Documents*, 135.

¹²⁷ «Sometimes our mistakes and errors turn to great good fortune. When the conservatives suddenly plunged into protection in 1923, a dozen liberal constituencies pressed me to be their candidate. And clearly Manchester have fought. A seat was offered me there, which, as it happened, I should in all probability have won. Instead, through some obscure complex I chose to go off and fight against a socialist in Leicester, where, being also attacked by the conservatives, I was of course defeated. On learning of these two results in such sharp contrast, I could have kicked myself. Yet as it turned out, it was the very fact that I was out of parliament, free from all attachment and entanglement in any particular constituency, that enabled me to make an independent and unbiased judgement of the situation when the

No dia 1 de abril, Churchill pediu a Baldwin que fosse tomada uma decisão pelo Partido Conservador para garantir o apoio de alguns liberais contra o Governo Trabalhista¹²⁸. Churchill acreditava que, pelo menos, 20 assentos trabalhistas poderiam ser ganhos por liberais nas eleições seguintes se concorressem como independentes; além dos 30 deputados liberais que, efetivamente, queriam já atuar com o Partido Conservador. Como contrapartida, Churchill pedia que nenhum candidato oficial conservador fosse apresentado contra esses liberais. A sua proposta teve uma receção favorável embora nenhum plano geral tivesse sido adotado para proteger esses liberais antissocialistas, mas ficou acordado que se chegaria a um compromisso com cada um individualmente¹²⁹.

No dia 7 de maio, em Liverpool, Churchill discursou no seu primeiro comício Conservador em 20 anos e para mais de cinco mil Conservadores sobre «Present Dangers of the Socialist Movement». Churchill aceitou esse convite, tendo presente, sobretudo, o seu dever de denunciar o socialismo, um inimigo comum a liberais e conservadores, e de mitigar as diferenças existentes entre os dois partidos para conjugar as suas forças nesta luta.

«Quaisquer que sejam as diferenças que possam existir atualmente entre nós, as diferenças são apenas de método ou de grau. Não são comparáveis ao fosso que separa as convicções daqueles que se preocupam com a grandeza da Grã-Bretanha e com o progresso social do povo, dos objetivos subversivos e ruinosos e do carácter retrógrado do Movimento Socialista.»¹³⁰

liberals most unwisely and wrongly put the socialist minority government for the first time into power, thus sealing their own doom.

Thus I found myself free a few months later to champion the anti-socialist cause in the Westminster by-election, and so regained for a time at least the good will of all those strong conservative elements, some of whose deepest feelings I share and can at critical moments express, although they have never liked or trusted me. But for my erroneous judgement in the general election of 1923 I should never have regained contact with the great party into which I was born and from which I had been severed by so many years of bitter quarrel.» Winston S. Churchill, «A Second Choice», in Churchill, *Thoughts and Adventures*, 18.

¹²⁸ Ver carta de 31 de março de 1924 endereçada a Stanley Baldwin in Gilbert, *The Churchill Documents*, 136.

¹²⁹ Ver carta de 3 de abril endereçada a Lord Balfour in *ibid.*, 138-140.

¹³⁰ «Whatever differences may exist at the present time between us are differences only of method or of degree. They are not comparable to the gulf which separates the convictions

Churchill começou o seu discurso lembrando que em dez dos 20 anos em que atuara como liberal tinha-o feito em estreita colaboração com muitos líderes conservadores. E foi sobretudo da necessidade de ultrapassar quezílias partidárias para salvação do país das «falsas doutrinas do socialismo» que Churchill falou nesse dia¹³¹. Ao longo do discurso atacou também ferozmente o Governo Trabalhista, acusando-o de ser «um grande monumento de fraude e mentira», de causar «o caos e a fome», de se manter no poder apenas por alimentar um jogo mesquinho de invejas e intrigas entre os outros dois partidos, de não ter quaisquer princípios e de ser oportunista. Mas, segundo o próprio Churchill, a sua acusação mais grave contra o Partido Trabalhista era a de que este estaria «deliberada e arbitrariamente a corromper o carácter da nação Britânica».

«Se o seu único objetivo é levar a cabo reformas práticas sem revolução ou desordem, qual é a necessidade e qual é o sentido de ensinar às grandes massas de corajosos ingleses a executarem as palhaçadas e trejeitos do Socialismo Continental, a declamarem as doutrinas desacreditadas de Karl Marx, a cantarem ou murmurarem aquele hino fúnebre da Internacional Socialista em vez do Hino Nacional – e a orgulharem-se da Bandeira Vermelha em vez da Union Jack? O mal que já foi feito é muito grande. Quase um terço do eleitorado foi reunido em torno destes padrões estrangeiros e

of those who care about the greatness of Britain and the social progress of the people from the subversive and ruinous aims and retrograde character of the Socialist Movement.» Churchill in *ibid.*, 142. Carta de 12 de abril endereçada ao Presidente da Associação Conservadora dos Operários de Liverpool, Sir Archibald Salvidge, aceitando o convite para discursar no Comício Conservador.

¹³¹ «How long are we going to continue to allow the artificially fomented jealousies and quarrels of Conservatives and Liberals to play into the hands of the Socialists? How long are the interests of the country to suffer from sterile party conflicts in the presence of an advancing peril? How long are the Liberals and Conservatives to paralyse each other so that both may be ruled by a Socialist minority? The deliberate policy of the Socialists is, of course, to prevent any common action between Liberals and Conservatives in order that Socialism may progress and devour the Liberals at leisure. All their tactics are conceived with this intention.» Discurso proferido em Liverpool, na Working Men's Conservative Association e na Women's Unionist Federation Joint Meeting a 7 de maio de 1924. Winston Churchill, «Present Dangers of the Socialist Movement», in *The Churchill Centre Online*: <http://www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1915-1929-nadir-and-recovery/present-dangers-of-the-socialist-movement>

ensinado a encarar as instituições, a história e a grandeza do nosso país e do Império como se fossem odiosos meios de opressão a repudiar ou erradicar o mais depressa possível.»¹³²

Churchill finalizou o seu discurso com a sua «proposta ou política» para derrotar o socialismo, que se baseava «num partido Conservador unido, forte e ativo com uma ala Liberal».

«Cooperação significa que devemos estabelecer causas comuns, que nos devemos manter juntos, e, deixando de lado todos os impedimentos, que devemos combater ombro a ombro com esforço, utilizando todos os meios aos nosso dispor para assegurar a derrota do Socialismo nas eleições. Tal cooperação envolveria também a adesão do partido Conservador à abrangente plataforma progressista de política pública, tal como os seus líderes adotaram agora claramente e proclamaram formal e definitivamente. Esse é o caminho para a Vitória, é o único caminho para a vitória da causa que temos no coração.»¹³³

Nos dias seguintes, muitos conservadores dirigiram-lhe palavras efusivas de agradecimento pelo discurso e de apoio na luta contra o socialismo. Durante o mês de maio, quatro Associações Conservadoras convidaram-no para ser o seu candidato, podendo-se candidatar como antissocialista, mas Churchill declinou. No dia 10 de maio informou Baldwin que pelo

¹³² «If their only object is to carry out practical reforms without revolution or disorder what is the need and what is the sense of teaching great masses of great-hearted English people to perform the antics and grimaces of Continental Socialism, to mouth the exploded doctrines of Karl Marx, to sing or drone that dreary dirge the Socialist International instead of the National Anthem [cheers], – and to be proud of the Red Flag instead of the Union Jack?

The harm that has been done already is very great. Nearly a third of the electorate has been marshalled around these foreign standards and taught to regard the institutions, the history, and the greatness of our country and Empire as if they were odious means of oppression to be repudiated or swept away at the earliest possible moment.» *Ibid.*

¹³³ «Co-operation means that we should make common causes, that we should stand together, and, laying aside every impediment, that we should fight shoulder to shoulder in the endeavour by every means in our power to secure the defeat of Socialism at the polls. Such co-operation would also involve the adherence by the Conservative party to the broad progressive platform of public policy such as their leaders have now definitely adopted and formally and definitely proclaimed. That is the road to victory, it is the only road to victory of the cause which we have at heart.» *Ibid.*

menos 20 deputados liberais estavam dispostos a votar com os conservadores numa moção antitrabalhista¹³⁴.

Em meados de junho, Churchill pensou mesmo em criar um grupo de liberais pro-conservadores que nas eleições seguintes aparecessem como um grupo independente apoiado pelos conservadores. Chegou a ser proposta para este movimento a designação de Liberal-Conservador¹³⁵.

Em julho, Baldwin comprometeu-se a conseguir um lugar seguro perto de Londres para Churchill nas eleições seguintes, onde ele poderia concorrer como candidato constitucionalista independente com o total apoio dos conservadores. O ideal seria que nesse círculo também não concorresse qualquer candidato liberal, para que o único alvo a abater fosse somente o candidato trabalhista e Churchill conseguisse congregiar o apoio conservador e liberal. Apesar de não ter regressado ao partido, a sua campanha iria girar em torno das causas declaradas pelos conservadores, que eram também as suas: a denúncia do Tratado Anglo-Soviético proposto por MacDonald, o empréstimo de 50 milhões de libras ao governo Soviético e o ataque ao socialismo¹³⁶.

No dia 11 de setembro, Churchill aceitou ser candidato constitucionalista por Epping, um lugar conservador seguro, a nordeste de Londres, mas onde teria de enfrentar a oposição liberal.

Entretanto, Churchill tinha obtido o apoio de Lloyd George para cooperar com os conservadores na base do desagrado comum pelo empréstimo à Rússia. Além disso, Lloyd George informou-o de que Asquith também se oporia ao Tratado com a Rússia¹³⁷.

¹³⁴ Ver carta de dia 10 de maio de 1924 endereçada a Stanley Baldwin in Gilbert, *The Churchill Documents*, 156.

¹³⁵ Ver carta de dia 18 de junho de 1924 endereçada a Sir Samuel Hoare in *ibid.*, 166.

¹³⁶ «I intend to do my utmost to secure a victory for the Conservative and Anti-Socialist forces at the General Election, and the programme now declared by the leaders of the Conservative Party has my fully concurrence.» Churchill in *ibid.*, 175.

¹³⁷ «He [Lloyd George] is quite ready to try to turn the Government out on the Russian Treaty, and to bring matters to a head as soon as Parliament reassembles. He does not expect that all Liberals will agree, but Asquith, Simon and Runciman have either committed themselves against or are opposed to the Treaty. (...) We had no right to lend British Money in such circumstances and on such security, when domestic and Imperial needs were so pressing. I asked him to let me have his own terms for a motion.» Churchill in *ibid.*, 190-91.

Num discurso a 25 de setembro, em Edimburgo, Churchill fez um dos ataques mais ferozes ao governo da Rússia Soviética.

«Julgado por todos os padrões que a história tem aplicado aos Governos, o Governo Soviético da Rússia é uma das piores tiranias que jamais existiu no mundo. Não concede quaisquer direitos políticos. Governa pelo terror. Pune as opiniões políticas. Suprime a liberdade de expressão. Não tolera quaisquer jornais para além dos seus. Persegue o Cristianismo com um zelo e uma astúcia sem precedentes desde os tempos dos Imperadores Romanos. Neste momento está empenhado em esmagar os povos da Geórgia e em executar centenas dos seus líderes.»¹³⁸

Churchill atacou sobretudo o empréstimo económico de MacDonald à Rússia Soviética, acusando o Partido Trabalhista de pactuar com ela e de a auxiliar nos seus crimes¹³⁹ e de desprezar o Império Britânico ao abdicar da base naval em Singapura, tornando impossível a ajuda a territórios distantes como a Austrália e a Nova Zelândia.

«Para os inimigos da Grã-Bretanha, da civilização, da liberdade, para aqueles que nos abandonaram nas crises da Guerra – sorrisos, elogios, carícias, dinheiro. Mas para o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul, que enviaram os seus homens corajosos para combater e morrer aos milhares, que nunca vacilaram e nunca se cansaram, que são osso dos nossos ossos e carne da nossa carne – para eles nada mais do que repulsa frígida.»¹⁴⁰

¹³⁸ «Judged by every standard which history has applied to Governments, the Soviet Government of Russia is one of the worst tyrannies that has ever existed in the world. It accords no political rights. It rules by terror. It punishes political opinions. It suppresses free speech. It tolerates no newspapers but its own. It persecutes Christianity with a zeal and a cunning never equalled since the times of the Roman Emperors. It is engaged at this moment in trampling down the peoples of Georgia and executing their leaders by hundreds» Cit. in Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5, 48.

¹³⁹ «We are to render these tyrannies possible by lending to their authors money to pay for the ammunition to murder the Georgians, to enable the Soviet sect to keep its stranglehold on the dumb Russian nation, and to poison the world, and so far as they can the British Empire, with their filthy propaganda. That is what we are asked to take upon ourselves. It is an outrage on the British name.» Cit. in *Ibid.*

¹⁴⁰ «To the enemies of Britain, of civilisation, of freedom, to those who deserted us in

No dia 2 de outubro, Churchill apresentou-se como um defensor do Comércio Livre e como antissocialista e explicou que as suas convicções políticas não tinham mudado desde 1904, ao invés das do Partido Conservador, sobretudo no que respeitava ao protecionismo.

«Vi o Partido Conservador mudar as suas orientações em quase todas as grandes questões, inclusive na Política Interna; e lembro-me das suas declarações sobre cerca de sete políticas diferentes em relação à Reforma Aduaneira. A presente plataforma é muito pouco diferente daquela que foi adotada por Lord Balfour em 1904. Eu apoiaria isso, se não tivesse sido confundida com a questão geral do Protecionismo. Essa questão geral do Protecionismo está agora formalmente excluída do programa Conservador. Eu não vejo em que é que as queixas contra mim por falta de estabilidade encontram justificações.»¹⁴¹

Se o Tratado Anglo-Soviético e o empréstimo à Rússia eram os grandes pontos de cisão com o Governo Trabalhista, o reconhecimento em fevereiro da União Soviética de Estaline pelo governo apenas agudizou o descontentamento, mas foi um pequeno incidente interno que despoletou uma moção liberal contra os trabalhistas. Semanas antes, o Primeiro-Ministro trabalhista tinha concordado em retirar a acusação contra um editor comunista que tinha incitado os soldados a não obedecer às ordens. Pronunciadamente, os liberais exigiram um inquérito parlamentar a este caso que foi apoiado pelos conservadores.

No dia 8, o Governo Trabalhista foi derrotado por uma moção liberal apoiada pelos conservadores, com 364 votos contra 198, e as eleições

the crises of the war – smiles, compliments, caresses, cash. But for Canada, Australia, New Zealand, South Africa who sent their brave men to fight and die by scores of thousands, who never flinched and never wearied, who are bone of our bone and flesh of our flesh – to them nothing but frigid repulsion.» *Ibid.*, 49.

¹⁴¹ «I have seen the Conservative Party change its views on almost every great question, including Home Rule; and I remember their declarations of about seven different policies in regard to Tariff Reform. The present platform is very little removed from that adopted by Lord Balfour in 1904. I would support this, if it had not been mixed up with the general question of Protection. That general question of Protection is now formally excluded from the Conservative programme. I do not see where the complaints against me for want of stability find their justifications.» Churchill *in* Gilbert, *The Churchill Documents*, 203.

gerais foram convocadas para 19 de outubro. No dia anterior, Churchill tinha endereçado uma carta à imprensa apoiando essa mesma moção e declarando que esta decisão do líder trabalhista se conciliava na perfeição com a política do seu governo de auxílio e rendição à Rússia Bolchevique¹⁴².

Numa carta de 7 de outubro enviada à imprensa, Churchill incitava ao voto contra os trabalhistas nas eleições seguintes, alegando que essa era a oportunidade de libertar a nação da desordem política assegurando a formação de um governo estável e ordeiro, que restaurasse o comércio e a indústria. Esse incitamento seguiu-se a um forte ataque à atuação do Governo Trabalhista que tinha estado cerca de nove meses no poder.

«Em vez de cumprirem o seu dever perante o país, têm bajulado os seus desonrosos amigos na Rússia. Em vez de seguirem o seu próprio julgamento, na pátria submeteram-se às ordens de um punhado de extremistas de mentalidade e inspiração estrangeiras. Mostram-se falidos de ideias. Falharam completamente no controlo do Desemprego. Geriram mal o Problema da Habitação. Dissiparam o *superavit* que o Governo Conservador tinha acumulado. Desprezaram as Colónias. Privaram a Marinha Britânica do poder de defender a Austrália e a Nova Zelândia. Intrometeram-se na administração clara e imparcial da justiça. É neste registo que estão a impor Eleições ao país.»¹⁴³

¹⁴² «There is in my opinion a very close connection between the conduct of the Government in stopping the Prosecution of this Communist Editor, and their surrender against their better judgement to the extremists of their Party and to the dictation of Moscow in the matter of the guaranteed loan to the Russian Bolsheviks. In both cases you see His Majesty's Socialist Ministers forced to go back upon their better judgement in consequence of subterranean, and possibly external, pressure. In both cases they recoiled from the clear, plain path of duty; and in both cases their recoil is acclaimed in Moscow as the result of the influence exerted upon a British Cabinet and British Ministers by a foreign organisation in London.» Churchill in *ibid.*, 215-216.

¹⁴³ «Instead of doing their duty by the country, they have fawned upon their disreputable friends in Russia. Instead of following their own judgment, they have submitted to the dictation of a handful of foreign-minded and foreign-inspired extremists at home. They have shown themselves bankrupt in ideas. They have utterly failed to deal with Unemployment. They have mis-managed the Housing Problem. They have dissipated the surplus which the Conservative Government had accumulated. They have flouted the Dominions. They have deprived the British Navy of the power of defending Australia and New Zealand. They have tampered with the clean and impartial administration of justice. It is upon this record they are forcing an Election on the country.» Churchill in *ibid.*, 216.

Numa carta endereçada a Balfour no dia 11 de outubro, Churchill afirmou ser «um liberal, em oposição aos líderes liberais oficiais que colocaram os socialistas no poder (...) trabalhando ombro a ombro com os Conservadores numa emergência nacional»¹⁴⁴.

No seu manifesto eleitoral de dia 12 de outubro, Churchill deu o seu total apoio ao Partido Conservador, alertando para o perigo que a tirania socialista representava para a Grã-Bretanha, «a casa da liberdade e do governo representativo».

«Conviva pacificamente com os Bolcheviques se conseguir; faça negócio com a Rússia se eles permitirem e se achar que irá ser pago pelo que vendeu, mas não degrade a humanidade da Grã-Bretanha levando aos seus ombros e aos ombros dos seus filhos uma partilha direta de responsabilidade por crimes que ensombraram a luz do sol.»¹⁴⁵

No dia das eleições, Churchill ganhou com 19 843 votos, o candidato liberal conseguiu 10 080 votos e o trabalhista apenas 3768. O resultado nacional foi uma completa vitória para os conservadores, que conquistaram 419 assentos, contra os 151 assentos trabalhistas e os 40 assentos liberais, tendo o próprio Asquith perdido no seu círculo eleitoral.

Ao desfecho das eleições seguiu-se, como habitual, alguma especulação sobre os nomes que iriam formar o governo, mas era o nome de Churchill que causava mais falatório. Churchill estava certo de que o governo seria constituído por «Conservadores impecáveis» e que muito provavelmente nenhum cargo lhe seria oferecido, pelo menos, nenhum importante. Porém, Baldwin estava disposto a arranjar-lhe um cargo e tinha pensado no Ministério da Saúde (esta seria também a escolha de Churchill caso lhe fosse dado a escolher). No dia 5 de novembro, Baldwin pediu para ver Churchill e acabou por oferecer-lhe o Ministério das Finanças¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Churchill in *ibid.*, 218.

¹⁴⁵ «Live peacefully with the Bolsheviks if you can; trade with Russia if they will allow you and if you think you will get paid for what you sell, but do not degrade the manhood of Britain by taking on your shoulders and on the shoulders of your children a direct share of responsibility for crimes which have darkened the light of the sun.» Cit. in Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5, 54.

¹⁴⁶ O Ministério das Finanças estava destinado a Neville Chamberlain, meio-irmão de Austen Chamberlain, que já tinha ocupado esse posto no primeiro governo de Baldwin.

Após uma ausência de 20 anos, regressou ao parlamento com o segundo cargo mais alto num governo Conservador, sem sequer ser ainda membro do partido.

Em suma,

Churchill nunca negou os princípios liberais que o fizeram mudar de partido em 1904, afirmando, em 1924, manter a mesma posição nas principais questões de políticas públicas. O socialismo era o verdadeiro e único inimigo e o proteccionismo tinha sido excluído do programa conservador. Churchill, que não tinha nada contra os liberais não podia pactuar com os crimes Soviéticos e com a propagação da «fraude Socialista» no seu país. Por isso, a sua solução ou política girou sempre em torno de uma coligação, de um grupo independente, de um Partido Conservador unido com uma ala liberal.

Churchill, ao longo das suas cartas e discursos, foi deixando indícios, não só de qual seria idealmente a sua posição no sistema partidário britânico, mas também no sistema das ideias políticas. Na verdade, Churchill não se limitou a falar de coligações, pois sugeriu também que o Partido Conservador incorporasse alguns princípios liberais, considerando essencial alargar o sistema nacional de seguros e subsídios, sobretudo a desempregados e sem-abrigo. É claro que esta ideia, mais do que uma sugestão, constituía parte do pensamento político de Winston Churchill, que chegou mesmo a referir que o Programa Conservador de 1924 era muito semelhante ao de Balfour em 1904, com o qual concordava à exceção da reintrodução do proteccionismo. Em 1924 nada o impedia de mudar novamente de partido sem trair os princípios e ideias em que acreditava e que sempre defendera. De facto, Churchill não compreendia como o podiam acusar de ser inconsistente e incoerente.

Como afirmou Jeremy Havardi:

«Mas seria um erro pensar que os motivos de Churchill para mudar de partido foram puramente ideológicos. Revelando-se sempre um político astuto,

Porém, Neville preferiu ficar como Ministro da Saúde, cargo também desempenhado anteriormente.

era sensível à mudança no destino dos partidos políticos e percebeu que os liberais eram uma força gasta em 1924. Se queria satisfazer a sua sede de um cargo político e evitar definhar na oposição, teria de deixar os liberais e voltar ao seu antigo partido. Não era pelo poder em si, mas pelo poder para lutar pelas causas que lhe eram queridas, acima de tudo derrotar o socialismo. Como sempre para Churchill, «ego» e «causa» andavam de mão dada.»¹⁴⁷

Na verdade, a par das razões ideológicas, é preciso ter também em conta os motivos pessoais por detrás da mudança de 1924. Depois do fim da coligação Liberal-Conservadora em 1922 era evidente que o lugar dos partidos no quadro da política britânica se tinha alterado e, definitivamente, o Partido Liberal, dividido e enfraquecido, perdera o lugar preponderante. Claro que esta percepção teve importância na tomada de decisão de Churchill. Apesar disso, não é claro que possa falar-se de oportunismo. Os adeptos dessa hipótese têm apenas um forte argumento, o de que o Partido Conservador esteve 20 anos sem ganhar eleições, de 1904 a 1924, precisamente os mesmos anos em que Churchill se juntou ao Partido Liberal. Porém, foi justamente nesses anos que os partidos decidiram alterar profundamente os seus programas, o Partido Conservador em 1904, através da introdução do proteccionismo, e o Partido Liberal em 1924, pelo apoio ao Governo Trabalhista minoritário.

Churchill não era um político de partido, era antes um político de princípios e causas. Nessa medida era consistente, não por se sentar junto dos mesmos, mas por defender os mesmos princípios.

¹⁴⁷ «But it would be a mistake to think that Churchill's motives in switching parties were purely ideological. Ever the astute politician he was sensitive to the changing fortunes of political parties and realised that the liberals were a spent force by 1924. If he was to satisfy his thirst for office and avoid languishing in opposition, he would need to leave the liberals and rejoin his old party. This was not power for its own sake but power for the sake of pursuing the causes he held dear, none more so than defeating socialism. As always for Churchill, "ego" and "cause" went in hand.» Havardi, *The Greatest Briton*, 122.



Reference: BRDW I Press 24
Image © Churchill College, Cambridge
& content © the copyright owner, 2003

Capítulo 5

A Teoria Política de e por Winston S. Churchill

Ao longo deste capítulo serão analisados alguns textos de Winston Churchill, alguns dos quais não chegaram sequer a ser publicados, onde é possível encontrar, através das palavras do próprio, as suas principais ideias políticas, o que defendia e o que atacava. Por fim, serão ainda examinadas algumas considerações de Churchill sobre o significado de consistência política, pela sua relevância para a presente tese.

Num excepcional artigo intitulado «The Truth About Myself», publicado no *Strand Magazine* em 1936, Churchill tenta contar aos leitores quem é Winston Churchill percorrendo a sua história, refletindo sobre os adjetivos que o poderiam qualificar, desconstruindo muitos dos «mitos» ou das características caricaturais que lhe eram vulgarmente atribuídas. Este texto é, de facto, uma preciosidade, pois é único. É verdade que Churchill escreveu muitos livros, muitos deles até de cariz autobiográfico, mas nunca com o objetivo de se dar a conhecer, preferindo dar ênfase às histórias e às memórias. Nunca outro exercício de autoanálise, de reflexão sobre si próprio fora feito por Churchill.

A primeira frase que Churchill usa para se descrever é absolutamente explicativa, incisiva e de uma eloquência e perspicácia que Churchill sempre mostrou deter: «Tendo nascido e sido criado num país vitorioso com uma monarquia constitucional e um Parlamento livre (...) sempre me ensinaram que “o poder de um só homem” é detestável para a nação Britânica, e que os ministros e funcionários de todos os tipos são os servos e não os senhores do Estado.»¹⁴⁸

Nesta acutilante frase Churchill caracteriza, mais do que a sua personalidade, caracteriza as suas ideias, sobretudo as suas ideias políticas. Como

¹⁴⁸ Winston Churchill, «The Truth about Myself», 23 de novembro de 1935, in *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/544).

foi referido anteriormente, o bastião da sua vida, a razão que o manteve vivo tantos anos, foi precisamente a luta contra a tirania, através da preservação das instituições da Grã-Bretanha, desses baluartes construídos ao longo de séculos com a função primordial de preservar a liberdade individual. Nesta pequena frase, Churchill consegue descrever a herança do mundo ocidental que deve ser preservada, as instituições que a constituem e sustentam e tudo aquilo que deve ser evitado e atacado, a tirania.

Churchill, novamente de forma enfática, explica qual é a força que o move, o seu maior objetivo, o seu princípio mais essencial: «Enquanto a vida bater dentro do meu peito, espero manter todas as Ditaduras longe da nossa terra natal.»¹⁴⁹

Continuando a explicar o que significa viver e crescer na Grã-Bretanha, Churchill escreve sobre a importância do império da lei, de «leis bem comprovadas estabelecidas pelos nossos antepassados», e sobre o primeiro princípio que deve ser preservado numa sociedade livre, a «liberdade política e pessoal».

É de frisar a importância que o império da lei tinha no seu pensamento político, notória logo na primeira frase, quando refere que quer os governantes quer os funcionários do Estado têm de estar ao serviço da nação e não ser a nação a servir os seus interesses. É claro que isso só é possível, não escolhendo pessoas perfeitas ou incorruptíveis, mas através do limite da lei, acima do qual ninguém possa estar.

Mas além disso, detestando a «uniformidade totalitária», Churchill defendia que a lei deve ser dirigida, apenas, para a preservação do maior bem que a sua nação lhe deu a conhecer, a «liberdade individual», da qual, segundo o próprio, «depende tudo o que faz a vida valer a pena». Assim, a lei só pode ser geral e abstrata, a fim de cumprir esse objetivo.

Uma das liberdades que Churchill mais admirava era a liberdade de opinião e de expressão, que era igualmente uma importante ferramenta contra a tirania, criando a possibilidade de um qualquer cidadão, independentemente da sua condição social e económica, poder criticar o mais poderoso e rico governante. É óbvio que, segundo Churchill, em grande medida essa liberdade é uma condição básica para a existência de uma vida partidária saudável e de uma imprensa intensa.

¹⁴⁹ *Ibid.*

Porém, apesar de viver ardentemente a vida partidária, Churchill expressava o seu contentamento por as instituições fundamentais estarem muito acima «dos conflitos partidários ou das paixões e ambições do indivíduo», bem como por ser amplamente aceite que «nenhum partido ou facção tem o monopólio da sabedoria ou da virtude, e que não só a felicidade, mas também a dignidade da comunidade, depende da liberdade de escrever e falar, em público e em privado»¹⁵⁰.

Seguidamente apresentarei alguns exemplos daquilo que Churchill defendia e atacava, numa tentativa de apresentar as linhas gerais do seu pensamento. Escolhi expor o seu pensamento sobre a importância do parlamentarismo, não só porque é algo que claramente ocupa um lugar de destaque no que era defendido por Churchill, mas também porque a forma como o faz é, realmente, singular e cativante. Depois, escolhi apresentar o seu argumento contra o socialismo, não só porque, de facto, Churchill invariavelmente o criticou duramente e ao longo de toda a sua vida, mas também, pela preciosidade de textos não publicados a que tive acesso no Churchill Archives Centre em Cambridge.

Por fim, sem se tratar de um princípio político ou de uma ideia ou causa que Churchill defendeu, mostrarei qual é o conceito de consistência política de Churchill e que ideias nutria sobre a posição que esse mesmo conceito deve ocupar na vida dos políticos e de que forma esteve na sua própria vida.

Parlamentarismo

A instituição que Churchill mais admirava e estimava era o parlamento, mais propriamente a Câmara dos Comuns. Considerava-a simultaneamente o reservatório da tradição britânica e o expoente máximo da manifestação da liberdade de expressão e de opinião, sendo ainda o maior e melhor defensor da liberdade individual, um pilar essencial em qualquer sociedade livre.

Em dois artigos de jornal publicados em dezembro de 1923 e janeiro de 1924 no *Pearson's Magazine*, intitulados «Memories of the House of Commons», Churchill conta as suas recordações da Câmara dos Comuns e, acima de tudo, escreve sobre a sua importância.

¹⁵⁰ *Ibid.*

De uma forma muito peculiar, Churchill apresenta a Câmara dos Comuns, a sua história e importância. Partindo da estrutura física da sala que a acolhe, Churchill descreve as particularidades do parlamentarismo britânico, que muito foi influenciado, como o próprio explica, pela pequena sala retangular.

«Moldamos os nossos edifícios e mais tarde os nossos edifícios moldam-nos a nós. Nada influenciou mais o caráter das instituições parlamentares britânicas do que as pequenas dimensões e a forma retangular da sala da Câmara dos Comuns. À sua pequenez devemos o facto de o modo informal de debate ter sido sempre considerado o melhor estilo parlamentar. Da sua estrutura retangular dependeu em grande parte o sistema de governo dos dois grandes partidos históricos.»¹⁵¹

Churchill afirma que a estrutura pequena e retangular está intimamente ligada ao estilo de debate e à estrutura bipartidária que o parlamento britânico assumiu ao longo dos séculos. Mais do que isso, de uma forma irónica, Churchill afirma que, numa altura em que a Europa estava a ser invadida por teóricos e filósofos que apresentavam grandes teorias baseadas na suposta racionalidade, a construção da sala dos Comuns nada teve de racional e lógico, antes pelo contrário.

«A lógica sem dúvida teria ditado em Inglaterra, como em quase todos os países, uma Câmara semicircular, suficientemente grande para acomodar todos os seus membros num único momento, oferecendo um lugar certo a cada um deles, e em cujos bancos cada homem e cada grupo, da extrema-direita à extrema-esquerda, poderia encontrar a sua posição política exata.

¹⁵¹ «We shape our buildings, and afterwards our buildings shape us. Nothing has influenced the character of British Parliamentary institutions more than the small size and oblong form of the Chamber of the House of Commons. To its smallness we owe the fact the conversational manner of debate has always been considered in England the best Parliamentary style. Upon its oblong structure the system of government by two great historic parties has largely depended.» Winston Churchill, «Memories of the House of Commons», dezembro de 1923, *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/51).

A lógica teria ainda elevado o orador do momento a um púlpito ou a uma tribuna, de cuja imponente eminência o alcance sonoro da sua retórica e o vigor ou a aptidão dos seus gestos podiam ser admirados por todos os observadores.»¹⁵²

Num tom um pouco irónico, mas de genuíno contentamento, Churchill conclui que a lógica teve muito pouca influência na fundação e no desenvolvimento do sistema parlamentar britânico. O que, na sua opinião, é um grande motivo de felicidade, não fosse o resultado da evolução gradual desta instituição não ter superado largamente as expectativas dos seus criadores. Ou seja, segundo Churchill, se o parlamento tivesse sido desenhado segundo os ditames da razão, com base no que seria mais eficiente, o sistema bipartidário muito provavelmente não existiria na Grã-Bretanha, nem a nação teria acesso às vantagens que daí advêm, sobretudo «a um Governo experiente e a uma Oposição responsável».

«Nunca foi um objetivo conscientemente visado por aqueles que construíram as Casas do Parlamento que os homens se alinhassem, a si e às suas ideias, em dois blocos principais, confrontando-se um ao outro com modos de pensamento e órgãos de doutrina alternativos, oferecendo ao Estado um Governo experiente e uma Oposição Responsável. Mas foi um objetivo que certamente alcançaram ao longo de um extenso e esplêndido período da história Parlamentar.»¹⁵³

É esta mesma razão que torna a mudança de partido na Grã-Bretanha muito mais chocante do que numa câmara semicircular, pois não basta deslocar-se para um lugar mais ao lado, ou mudar-se para um partido com

¹⁵² «Logic would no doubt have dictated in England, as in almost every country, a semi-circular Chamber, large enough to contain all its Members at a single moment, affording a regular place to every one of them, and on whose benches every man and every group, from extreme Right to extreme Left, could find their exact political station. Logic would further have raised the orator of the hour into a pulpit or a tribune, from which commanding eminence the sonorous sweep of his rhetoric and the vigour or aptness of his gestures might be admired by all beholders.» *Ibid.*

¹⁵³ «That men should range themselves and their opinions into two main blocks, confronting each other with alternative modes of thought and bodies of doctrine, offering to the State both an experienced Government and a responsible Opposition, was an object never consciously aimed at by those who built the Houses of Parliament. But it was an object which, over a long and splendid period of Parliamentary history, they certainly attained.» *Ibid.*

a qual outrora se havia coligado, é preciso atravessar o estreito corredor que separa as duas bancadas, passando do governo para a oposição, ou vice-versa, substituindo os seus colegas de partido pelos que anteriormente eram os seus inimigos.

Além disso, o facto de cada deputado ter de se fazer ouvir do seu lugar, sem recorrer a uma posição superior à vista de todos, agradava muito a Churchill, pois desta forma as intervenções teriam de ser certas e concisas, além de valorizar a originalidade e a força dos argumentos que conseguissem mais facilmente captar a atenção da audiência.

«A proximidade entre os dois Bancos da Frente, separados apenas por uma mesa estreita mas sólida, a regra de que os Deputados podem falar de qualquer lugar que ocupem na Câmara nesse momento, o costume de escolher lugares para falar habitualmente ao fundo da Câmara, mais perto da Cadeira, encarregaram-se de excluir da Casa do Comuns, ou de tornar muito mais difíceis, essas exhibições de eloquência deliberadas que foram e ainda são tão admiradas noutras terras. (...) O que a Casa dos Comuns gosta é de um bom argumento bem pensado, proferido de forma clara e simples e, se possível, breve. Se o desenvolvimento deste argumento puder ser aligeirado por felizes reviravoltas, perspicazes e imaginativas, e iluminado por brilhantes episódios de retórica, tanto melhor. Mas um argumento sólido, engenhoso ou original pode salvar um homem, mesmo com uma linguagem comum e uma elocução hesitante.»¹⁵⁴

No segundo artigo que Churchill escreveu sobre a Câmara dos Comuns, refletiu as suas preocupações sobre os perigos que ameaçavam o parlamentarismo no seu tempo.

¹⁵⁴ «The proximity of the two Front Benches to each other, separated only by a narrow but substantial table, the rule that Members may speak from any place they may happen to occupy in the Chamber at the time, the custom of choosing places to speak from usually at the end of the Chamber nearest the Chair, have all tended to exclude from the House of Commons, or make far more difficult, those deliberate exhibitions of eloquence which have been and are still so greatly admired in other land. (...) What the House of Commons likes is a good argument well thought out, plainly and simply and, if possible, shortly stated. If the course of this argument can be relieved by happy turns of wit and fancy, and illuminated by flashing episodes of rhetoric, so much the better. But an argument sound, ingenious, or original would carry a man through, even in spite of commonplace language and halting elocution.» *Ibid.*

O tempo que presenciava era de «desvalorização das instituições parlamentares», à medida que mais cidadãos tinham adquirido o direito de voto e a menos era negado. «É um facto lamentável que o voto, como tantas outras coisas, se tenha revelado “menos aprazível quando possuído”.»¹⁵⁵ Infelizmente, o que Churchill observava era que, quando finalmente o sufrágio era praticamente universal em quase todos os países, o difícil era convencer as pessoas a fazer uso de um direito que durante tanto tempo tentaram conquistar.

Seguidamente, Churchill escreve sobre a relação que existia entre o crescimento e a difusão dos meios de comunicação e o desenvolvimento das instituições parlamentares. «A Imprensa, primeiro a humilde protegida, depois a efetiva aliada, agora a arrogante rival, (...) tem crescido em poder com a difusão da riqueza e com a educação barata ou gratuita.»¹⁵⁶ Churchill criticava a forma como a imprensa se tinha desenvolvido, por um lado, publicando cada vez menos debates parlamentares e dando cada vez menos visibilidade ao que se passava dentro da sala dos Comuns, por outro, sendo usada pelos partidos para campanhas eleitorais cada vez mais desprovidas de ideias políticas. Além da imprensa, Churchill alertava para o facto de o cinema e a rádio terem já um papel decisivo na construção das opiniões das massas, apesar de estarem «cada vez mais sob o controlo de alguns indivíduos que forçosamente possuem grande riqueza e nenhuma responsabilidade política»¹⁵⁷.

Outra grande ameaça na Grã-Bretanha era a dos partidos socialistas, que pretendiam destruir as instituições parlamentares por entenderem que se tratavam apenas de «obstruções antiquadas no caminho do progresso que a ação revolucionária não pode hesitar em varrer novamente»¹⁵⁸.

Mas Churchill não fica por aqui e questiona os leitores sobre os perigos que poderiam abater-se, e que na verdade já se abatiam, sobre o resto do continente europeu, onde as instituições não estavam tão bem fundadas e consolidadas como na Grã-Bretanha, ilustrando terríveis exemplos que faziam tremer e aniquilavam os parlamentos um pouco por toda a Europa.

¹⁵⁵ Winston Churchill «Memories of the House of Commons», janeiro de 1924, *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/51).

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *Ibid.*

«A Rússia, que há vinte anos estendia as mãos em direção a uma Duma primitiva, é agora governada por uma oligarquia mais despótica do que alguma vez foi o governo dos Czares.

A Alemanha, sob as suas terríveis tensões, recaiu na Ditadura. A Itália e a Espanha aclamaram avidamente ditaduras assentes em sociedades secretas ou em intrigas militares.

Em França, a Câmara tenta governar sozinha, mas sob condições tão especiais e complexas que tornam a prática completamente diferente da teoria.»¹⁵⁹

Churchill, acima de tudo, temia as ideologias revolucionárias que se espalhavam pela Europa, que com a sua forte propaganda jornalística e panfletária conquistavam as massas com promessas de uma vida melhor, distanciando-se simultaneamente do discurso parlamentar, no qual as pessoas já tinham perdido o interesse.

«Por todo o mundo as massas mostram-se cada vez mais despreocupadas com os seus direitos Parlamentares, cada vez mais ativas ou indiferentes perante os seus representantes Parlamentares. Em toda a parte, homens e mulheres estão absorvidos na luta pela vida ou pelo bem-estar material, atordoados pela Grande Guerra. Corporações, hierarquias, organizações de classes apresentam-se com muitas atrações para a mente consciente e subconsciente da multidão. Pode ainda alegar-se, sujeito às minhas fraquezas, que o poder da opinião pública ainda está a crescer e que, a nível mundial, as nações são ainda senhoras do seu destino.»¹⁶⁰

¹⁵⁹ «Russia, which twenty years ago was stretching its hands towards some primitive Duma, is now governed by an oligarchy more despotic than was ever the rule of the Czars.

Germany, under her terrible stresses, has relapsed into a Dictatorship. Italy and Spain have eagerly acclaimed Dictatorships based on secret societies or military intrigue.

In France alone the Chamber essays to govern, but under conditions so special and complex as to make the fact wholly different from the form.» *Ibid.*

¹⁶⁰ «All over the world the masses show themselves increasingly careless of their Parliamentary rights, increasingly disdainful of or indifferent to their Parliamentary representatives. Everywhere, absorbed in the struggle for life or material well-being, stunned by the great War, men, and women. Guilds, hierarchies, class organisations present themselves with many attractions to the conscious and subconscious mind of the multitude. It may yet be claimed, subject to my abatements, that the power of public opinion is still growing and that, the wide world over, the nations are still the masters of their fate.» *Ibid.*

Socialismo

Tentando descortinar um pouco mais da teoria política de Churchill é impossível não refletir sobre a sua crítica ao socialismo, que, como foi referido anteriormente, era considerada uma das principais ameaças às instituições parlamentares e um perigo direto para a liberdade individual.

É essencial, portanto, mencionar um livro que Churchill tinha ideia de publicar sobre o socialismo que iria intitular-se *The Creed of failure*. Porém, isso nunca se concretizou, mas as notas deixadas sobre cinco dos catorze capítulos pensados revelam um pouco do que, infelizmente, nunca chegou a ser o único livro de Churchill exclusivamente dedicado à teoria política¹⁶¹.

No primeiro capítulo, «Our Island home»¹⁶², Churchill pretendia exaltar a nação britânica como sendo «a principal comunidade no mundo moderno» e «a mais livre que alguma vez existiu». Conclui que essas condições só se verificavam porque a sociedade britânica era altamente dependente do «comércio externo» e do «crédito a nível mundial», o que tornara a sua estrutura económica «a mais complexa e a mais artificial». Churchill desenvolve o argumento da extrema fragilidade e dependência a que o seu país estava sujeito e o quão perigoso seria para os cidadãos se esse sistema colapsasse, um argumento muito utilizado pelos socialistas para atacar o capitalismo. Churchill afirmou mesmo que, se essas estruturas fossem destruídas, «pelo menos um terço dos habitantes da Grã-Bretanha teria de emigrar ou morreria». Churchill tentou demonstrar que a sua nação ocupava, no mundo, a posição mais imponente e, simultaneamente, a mais precária, e mesmo assim isso era desejável. A mesma estrutura que tornava a nação britânica a principal e a mais poderosa era a mesma que a podia expor a uma catástrofe irreparável, se essa mesma estrutura ruísse. Churchill comparava a dependência britânica pelos instrumentos económicos à dependência do Egipto pelo Nilo, da Holanda pelos seus diques, ou de Veneza pelas suas estacas, embora a da sua nação fosse incomparavelmente maior.

¹⁶¹ Índice de «The Creed of Failure»: I. Our Island Home; II. The Inheritance; III. Government by Parliament; IV. Capital in Harness; V. Powers Divided; VI. Ladders; VII. The Philosopher of Death; VIII. The State-God; IX. Excessive Pretensions; X. The Proven Failures; XI. The Grand Repudiation; XII. Against Nature; XIII. The High Controls; XIV. Reconciliation. Winston Churchill, «The Creed of Failure», in *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/266).

¹⁶² *Ibid.*

Com o segundo capítulo, «The inheritance»¹⁶³, Churchill queria destacar a magnífica herança, material e moral, da nação britânica, mostrando também as vantagens adquiridas por todas as possessões do império e pelas ligações comerciais, e a importância que o comércio externo tinha na vida dos habitantes da Grã-Bretanha. Neste capítulo seria ainda demonstrado o valor para o Estado, para o tesouro público, e conseqüentemente para as classes assalariadas, dos investimentos estrangeiros na Grã-Bretanha, do facto de Londres ser o centro financeiro do mundo, e dos lucros provenientes da bolsa, da banca, dos seguros e afins. Churchill, ainda neste capítulo, iria explicar porque sentiu a necessidade de escrever esta obra.

«Nunca houve uma geração em nenhum país que devesse tanto ao Passado, ou que tivesse tanto a perder, ou mesmo que pudesse tão facilmente, por loucura, deitar tudo a perder. Nunca houve uma nação que pudesse sofrer mais com uma diminuição geral das condições de vida para a média comum em todo o mundo.»¹⁶⁴

No terceiro capítulo, «Government by Parliament»¹⁶⁵, Churchill refletiria sobre a importância dos parlamentos, dos partidos e sobre a superioridade britânica enquanto «berço e cidadela» do sistema parlamentar. Em segundo lugar, alertaria para a ameaça fatal que o socialismo representava para essa instituição, através dos «intelectuais» que proclamavam uma forte reação contra os parlamentos. Neste capítulo iria ainda debruçar-se sobre os efeitos da extensão dos direitos políticos no desenvolvimento do parlamento e sobre a influência da mulher.

No quarto capítulo, «Capital in Harness»¹⁶⁶, dedicado mais à área económica, Churchill pretendia «mostrar como o sistema de alta tributação de

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ «There has never been a generation in any country which owes so much to the Past, or had so much to cast away, or could so easily by folly cast it away. There never has been a nation which would suffer more from a general levelling-down of conditions to the common average throughout the world.» *Ibid.*

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

capital é plenamente aproveitado ao serviço da nação» e apresentar a «impossibilidade de substituir a ação estatal pela empresa privada». Por um lado, queria explicar como os negócios privados são normalmente criados, «frequentemente um em cima das ruínas de outro», por outro lado, queria mostrar como toda a sociedade e o próprio Estado tinham a ganhar com o fomento da iniciativa privada: «quando o fracasso acontece é suportado pelos indivíduos, mas o sucesso é partilhado através da tributação pelo Estado»¹⁶⁷. Defendia que, de facto, o capital era uma forma de controlo, mas «a mais tolerável e flexível», sendo «a única forma de aproximar automaticamente o valor dos serviços individuais»¹⁶⁸.

No quinto capítulo, «Powers divided»¹⁶⁹, Churchill «demonstraria como a liberdade do indivíduo depende da divisão de poderes entre os governantes» e «como os ingleses têm sido sempre guiados pelos seus instintos a trabalhar para a divisão de poderes e fiscalização mútua». Churchill escreveria ainda sobre a função crítica do parlamento. E terminaria refletindo sobre os perigos de todos os poderes do Estado estarem unidos e combinados com todos os poderes do patronato.

Continuando a procurar as razões da sua crítica ao socialismo, num outro texto, sem título, mas que podia muito bem ser intitulado «A farsa do Socialismo», Churchill, num grande exercício de retórica com um toque de ironia, desconstrói alguns dos mais conhecidos argumentos socialistas.

Muitas vezes, Churchill utilizava a palavra «farsa» para caracterizar o socialismo, pois as ideias apregoadas pelo seu forte e incessante aparelho de propaganda tornavam-se débeis na prática governativa, incapazes de serem seguidas na governação diária. Porém, uma vez concretizadas, poriam em risco as sociedades livres.

Nesse perspicaz e claríssimo texto, Churchill procura mostrar a farsa e a mentira que se encontram por detrás das ideias que no seu tempo mobilizavam massas. Começa por afirmar ironicamente que ser orador socialista é fácil, pois, no fundo, basta responsabilizar o capitalismo por todos os males, injustiças e desigualdades do mundo. A pobreza, o desemprego, a

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ *Ibid.*

¹⁶⁹ *Ibid.*

fome, a doença, o sofrimento e a ansiedade que se abatiam sobre os lares eram apenas os resultados naturais do capitalismo.

«O método é tão simples; o assunto, tão superficial e diverso. Tomando o mundo como ele é hoje – que foi dolorosa e gradualmente construído desde a barbárie – pegam em cada mal, em cada injustiça, em casa desigualdade, em cada infortúnio que capte a atenção. Estes, dizem, são os frutos do capitalismo.»¹⁷⁰

Segundo Churchill, aquilo de que o socialismo se esquecia era que muitos milhões de pessoas não poderiam viver na Grã-Bretanha ou sequer existir se não fosse o capitalismo. O facto de estes milhões permanecerem vivos apenas devido ao comércio internacional, ao capital em massa e ao crédito estabelecido, era completamente omissos e um novo mundo perfeito, igual, fraterno, virtuoso, livre de interesses privados era prometido.

«A audiência é convidada a desviar os seus olhos deste mundo de pecado e aflição para a imagem prazenteira de um novo mundo e de uma Nova Ordem onde todos receberão mais e darão menos, onde a sabedoria transcendente e a eficiência divina inspirarão os governantes, onde o interesse próprio, o lucro pessoal, a posse privada não terão papel algum na ação humana e onde todos viverão juntos, lado a lado, em perfeita igualdade e fraternidade.»¹⁷¹

Depois de Churchill apresentar de forma irónica os argumentos que o socialismo pretendia espalhar pelo mundo a fim de conquistar as massas, explica claramente a razão pela qual qualquer pessoa acaba por perceber

¹⁷⁰ «The method is so simple; the theme, so vain and varied. You take the world as it is today – this is that has been painfully and gradually built up from barbarism – from this you pick every evil, every injustice, every inequality, every misfortune that catches the eye. These, you say, are the fruits of capitalism.» Winston Churchill, artigo sem nome nem local e data de publicação, *in* The Churchill Papers, «Literary: Articles» (CHAR 8/200 A-B)).

¹⁷¹ «The audience is invited to turn its eyes from this world of sin and woe to the delectable picture of a new world and a New Order where everyone will receive more and give less, where sublime wisdom and God-like efficiency will inspire the rulers where self-interest, personal profit, private possession will play no part in human action, and where all will dwell together side by side in perfect equality and brotherhood.» *Ibid.*

a grande farsa. Como Churchill explicou, de forma concisa e clara, é impossível redistribuir mais dinheiro quando ele não existe e, sobretudo, quando o programa visado pelos socialistas geraria ainda menos receitas para redistribuir pelos cidadãos¹⁷². Além disso, Churchill chama a atenção para o facto de os socialistas não serem seres humanos perfeitos, mais eficientes, mais inteligentes, mais altruístas ou mais virtuosos do que um outro qualquer cidadão, contrariamente ao postulado pela propaganda socialista¹⁷³.

De seguida, Churchill refere inúmeros exemplos de incongruências que podiam ser comprovadas por qualquer cidadão e que provariam que um governo baseado nestes pressupostos jamais seria confiável e credível.

«Os grandes Sindicatos usam o seu monopólio, poder e força combinada para extrair salários, à custa da comunidade, muito maiores do que podem ser obtidos pela grande massa de trabalho desorganizado. Homens não qualificados e bem organizados, com influência no mercado de trabalho, pregam o Socialismo e a fraternidade enquanto extraem para si salários mais elevados do que os recebidos por engenheiros qualificados. Evidentemente, o egoísmo, o individualismo e o interesse próprio não foram completamente eliminados, nem sequer das fileiras dos eleitos. Um sistema industrial onde milhares de qualificações e distinções são tenazmente sustentados por grupos e que classifica os homens, a partir do qual o trabalho mais penoso e desagradável é muitas vezes o menos bem pago – tal sistema só com grande dificuldade se renderia à regra da justiça perfeita e da igualdade absoluta. Mesmo os líderes do movimento Socialista dificilmente conseguiram libertar-se de considerações pessoais.»¹⁷⁴

¹⁷² «If there is to be less work, shorter hours, longer holidays, they do not understand why there should be more to distribute.» *Ibid.*

¹⁷³ «They don't see where the brains are to come from to manage everybody's affairs and regulate everybody's life in a satisfactory manner by Government Departments. They don't remember often to have met men and women in their daily lives who were entirely superior to personal interests or to the interest of those whom they love and cherish. Even Socialists, they see, have private interests and hold very tenaciously to them.» *Ibid.*

¹⁷⁴ «The great Trade Unions use their monopoly, power and combined force to extract wages at the cost of the community far higher than can be obtained by the great mass of unorganised labour. Unskilled men well organized and with a pull on the labour market preach Socialism and brotherhood while they are extracting for themselves wages higher than can be gained by the skilled engineers. Evidently selfishness, self-seeking, self-interest have not been wholly eliminated even from the ranks of the elect. An industrial system where a

Atacando depois o socialismo nos seus pressupostos teóricos mais abrangentes, pressupostos esses partilhados por todas as teorias revolucionárias, Churchill denuncia todos os planos racionais, desenhados artificialmente, com o objetivo de implantar uma Nova Ordem Mundial, de atingir a sociedade racional perfeita.

Em primeiro lugar, reconhecendo a imperfeição humana, até os socialistas deveriam perceber a grande falácia do seu argumento, ao afirmarem que homens imperfeitos podem criar teorias perfeitas e pô-las em práticas. Não só é um argumento fraudulento como é, também, o argumento mais perigoso para a liberdade individual, pois tudo fica sujeito ao plano, à eficiência, à racionalidade, incluindo a própria liberdade.

O que os socialistas, ou as teorias revolucionárias em geral, procuravam era construir um plano perfeito para o governo dos homens que deixasse para trás as «imperfeições» da natureza humana, como a afeição e os interesses privados.

Para isso, era obviamente necessário erradicar todas as instituições e estruturas sociais, políticas e económicas existentes para construir do zero o plano desenhado racionalmente. Churchill critica duramente estas teorias que pretendiam arrasar as leis e instituições que foram gradualmente construídas, ao longo de séculos, sobre as quais a cultura e a civilização ocidental foram emergindo e que não foram inventadas, do dia para a noite, por um conjunto de homens reunidos numa assembleia de teóricos e moralistas.

«Cresceram ao longo de centenas e até milhares de anos pela interação das forças e das obras da natureza humana. São sem dúvida imperfeitas; são certamente capazes de grandes e progressivas melhorias; mas representam, de facto, uma tentativa consistente de permitir liberdade de ação à natureza humana e de atender às suas exigências primordiais dentro de limites não destrutivos dos direitos dos outros. O princípio essencial é a

thousand grades and distinctions are strenuously insisted upon by groups and classes of men, from which the most laborious and disagreeable work is often the least well paid – such a system would only yield itself with great difficulty to the rule of perfect justice absolute equality. Even the leaders of the Socialist movement have hardly succeeded in shaking themselves free from personal considerations.» *Ibid.*

liberdade pessoal, o direito do indivíduo para se tornar o melhor de si, ou, dentro dos limites, o pior de si se assim o escolher.»¹⁷⁵

O ideal socialista é, precisamente, destruir tudo, não deixar pedra sobre pedra, como se lançassem uma bomba nuclear sobre as instituições humanas para não existirem mais obstáculos à perfeição, à virtude, à superioridade dos sonhos socialistas. Porém, «quando esses sonhos são reduzidos à prática, mesmo só no papel, o resultado é absurdo»¹⁷⁶.

Seguidamente, Churchill descreve o plano específico dos socialistas para a Grã-Bretanha. Em primeiro lugar, pretendiam «fazer desaparecer a nossa Constituição, que as nações estrangeiras tanto têm admirado e frequentemente se esforçam por imitar»¹⁷⁷, só a Coroa se manteria, apesar de inerte, quando fosse útil aos propósitos do socialismo. Tudo o resto seria destruído.

No lugar das instituições que existiam anteriormente seriam erigidos dois Parlamentos, com poderes iguais que coexistiriam no poder, um Social e um Político. O Político ficaria encarregado dos negócios estrangeiros, da defesa nacional e dos assuntos morais e cívicos. O Social ficaria responsável por organizar toda a indústria, os meios de produção, de distribuição e troca. Os seus membros teriam de definir as quantidades que deviam ser produzidas de cada bem e mercadoria, como e quando deveriam ser comercializadas no estrangeiro ou ser distribuídas internamente.

«Estes Membros do Parlamento estabeleceriam de ano para ano, de mês para mês, ou de semana para semana, a vida e o trabalho de cada cidadão: o que tinha de fazer; onde devia fazê-lo; o que receberia por fazê-lo; onde

¹⁷⁵ «They have grown up over hundreds, and even thousands, of years by the interplay of forces and the workings of human nature. They are no doubt imperfect; they are certainly capable of great and progressive improvement; but they do represent a consistent attempt to allow free play to human nature and to meet its primordial demands within limits not destructive of the rights of others. The essential principle is personal freedom, the right of the individual to make the best of himself or, within limits, the worst of himself if he chooses.» *Ibid.*

¹⁷⁶ *Ibid.*

¹⁷⁷ *Ibid.*

tinha de viver; sob que condições poderia mudar o seu emprego ou a sua habitação. Nada seria omitido do seu controlo.»¹⁷⁸

Desta forma, através deste plano fatal, a vida de cada cidadão seria completamente controlada, e a derradeira consequência era a destruição total da liberdade individual, o que mergulharia a nação britânica em confusão, violência, fome, desespero e escravidão.

Consistência Política

Churchill dedica parte do seu artigo «The Truth about myself» ao tema da consistência política. Muito criticado por ter mudado de partido duas vezes, Churchill apresenta-se aí como «o mais consistente dos políticos»¹⁷⁹.

Depois da análise e do levantamento das razões que levaram Churchill a mudar de partido em 1904 e em 1924, bem como de alguns princípios e causas que invariavelmente defendeu, depois de se perceber a importância e o maior impacto causado por uma mudança de partido na Grã-Bretanha do que no Continente, é compreensível que Churchill dedique algumas palavras explicativas às suas decisões enquanto deputado da Câmara dos Comuns e, por outro lado, queira esclarecer e responder às inúmeras acusações de incoerência, deslealdade, desonestidade, traição, oportunismo e ganância. Assim, o final deste capítulo destinar-se-á a refletir sobre o conceito de consistência política segundo Churchill e, acima de tudo, a perceber porque Churchill se considerava um dos políticos mais consistentes.

Num artigo intitulado «Consistência em Política», escrito em 1925, mais tarde inserido na sua obra *Thoughts and Adventures*, Churchill procurou definir consistência na política através da sua experiência pessoal, do seu conhecimento histórico e do que observava na política britânica do seu tempo. Esse ensaio, a par dos outros 22 reunidos nesta obra publicada em 1932, muito mais do que uma coleção de artigos de jornal é um conjunto

¹⁷⁸ «These Members of Parliament would prescribe from year to year, from month to month, or from week to week, the life and labour of every single citizen: what he was to do; where he was to do it; what he was to receive for doing it; where he was to live; under what conditions he could change his employment or his habitation. Nothing would be omitted from their control.» *Ibid.*

¹⁷⁹ Churchill, «The Truth about Myself».

de reflexões sobre exemplos da prática política, recordações pessoais, analogias históricas, exemplos de políticos que admirava, de situações e de acontecimentos que o levaram a questionar-se.

Ao longo do seu raciocínio sobre consistência política, Churchill vai discutir algumas tentativas de definir o conceito. E as perguntas principais são: Consistente com o quê? Com a opinião da maioria, do partido, dos eleitores? Com os princípios e convicções políticas? Com as circunstâncias?

Churchill começa esse artigo por citar Ralph Waldo Emerson¹⁸⁰, afirmando que jamais alguém tinha escrito sobre o assunto de forma tão corajosa e que essas considerações deviam ser tidas em conta por estimularem a discussão em torno do assunto.

«Mas porquê manter a cabeça sobre os ombros? Porquê arrastar este cadáver da tua memória para não contradizeres algo que afirmaste neste ou naquele lugar público? Suponhamos que tens de te contradizer, e então? (...) Uma consistência insensata é o fantasma das mentes pequenas, adorada pelos estadistas, filósofos e teólogos insignificantes. (...) Diz o que pensas hoje com palavras fortes, e diz o que pensas amanhã com palavras fortes novamente, mesmo que contradiga tudo o que disseste hoje.»¹⁸¹

Churchill, de imediato, traça o perfil de um político que seria comumente acusado de inconsistência concluindo depois que aí reside a «verdadeira consistência»¹⁸². Churchill argumenta metaforicamente que «um Estadista a par do movimento atual dos acontecimentos e ansioso por manter o navio em equilíbrio e conduzi-lo por um rumo estável e seguro

¹⁸⁰ Ralph Waldo Emerson (1803-1882), filósofo e poeta americano.

¹⁸¹ «But why should you keep your head over your shoulder? Why drag about this corpse of your memory, lest you contradict somewhat you have stated in this or that public place? Suppose you should contradict yourself; what then? (...) A foolish consistency is the hobgoblin of little minds, adored by little statesmen and philosophers and divines. (...) Speak what you think now in hard words, and to-morrow speak what to-morrow thinks in hard words again, though it contradict everything you said to-day.» Winston S. Churchill, «Consistency in Politics», in Churchill, *Thoughts and Adventures*, 39.

¹⁸² *Ibid.*

pode inclinar todo o seu peso para um lado e depois para o outro»^{183, 184}. Através desta ilustração, Churchill pretende explicar que um estadista pode ter necessidade de mudar o rumo ou a direção das suas ações, das suas políticas, nunca perdendo de vista o seu objetivo de manter o navio em segurança e em equilíbrio, sendo um exemplo de consistência e de coragem e não o oposto, como é vulgarmente considerado. «Os seus propósitos, os seus desejos, a sua perspetiva podem ter permanecido inalterados; os seus métodos podem ser verbalmente inconciliáveis»¹⁸⁵.

«A única forma de um homem permanecer consistente no meio da mudança de circunstâncias é mudar com elas preservando o mesmo propósito dominante»¹⁸⁶. Este primeiro passo dado por Churchill é revelador, mas também um pouco difícil de compreender, pois se as circunstâncias parecem ocupar um lugar muito importante, o propósito parece ser primordial, porém, não é adiantado muito sobre o que pode ser incluído nesse conceito de propósito. Churchill parece estar a dizer que o que resta ao político é procurar o melhor nas circunstâncias, na linha de Oakeshott, e não o ideal desligado da realidade.

Churchill, de forma muito própria, parece sempre procurar um meio-termo, uma solução de compromisso entre o respeito pelos princípios e a consideração pela mudança. O ideal de político aqui parece estar representado pelo homem ponderado, prudente, com capacidade de discernir e de antever a mudança em cada situação de forma a adaptar-se a ela, nunca perdendo de vista o seu fim último que será sempre o que o conduz no seu caminho. Porém, é preciso perceber a que respeita o propósito: aos princípios, à opinião pública, ou ao oportunismo do político? É algo que varia muito ou é constante ao longo da vida?

¹⁸³ *Ibid.*

¹⁸⁴ É interessante verificar a semelhança com a última frase de Burke na sua obra *Reflections on The Revolution in France*: «[O]ne who wishes to preserve consistency, but who would preserve consistency by varying his means to secure the unity of his end, and, when the equipoise of the vessel in which he sails may be endangered by overloading it upon one side, is desirous of carrying the small weight of his reasons to that which may preserve its equipoise.» Edmund Burke, *Reflections on the Revolution in France* (Londres: J. Dodsley, 1790), 356. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k111218p/f360.image.r=.langEN>

¹⁸⁵ Churchill, «Consistency in Politics», 39.

¹⁸⁶ *Ibid.*

Churchill, de forma a exemplificar melhor a que se estava a referir, cita Lord Halifax¹⁸⁷, conhecido como *The Trimmer* precisamente por advogar uma política de compromisso, de meio-termo entre os extremos: «I trim as the temperate zones trim between the climate in which men are roasted and the climate in which they are frozen.»¹⁸⁸ Em seguida, Churchill apresenta Edmund Burke como o melhor exemplo de consistência. Esta é uma referência muito importante para Churchill, não só ao nível da prática política mas também da teoria, reportando-se a Burke como um «um grande pensador político»¹⁸⁹. «Ele foi possivelmente o maior homem que a Irlanda criou. Os mesmos dons, com uma pitada de indolência e ironia Inglesa (...) poderiam tê-lo tornado no maior estadista Britânico.»¹⁹⁰

Churchill refere-se ao seu legado escrito, por um lado, como o «principal e mais duradouro arsenal da opinião liberal em todo o mundo de língua Inglesa», mas por outro, como um importante reservatório capaz de «equipar os conservadores de todos os tempos com uma admirável matriz de armas opostas»¹⁹¹.

¹⁸⁷ «We watch the Great Trimmer turning from side to side, from faction to faction, from Monmouth to William, or back again to James, yet always pursuing his aim of sobriety and appeasement at home and of marshalling all the best in England against Popery, autocracy, and France.» Winston S. Churchill, *Marlborough: His Life and Times*, vol. 1 (Chicago: The University of Chicago Press, 2003), 174.

«Through all these baffling changes, of which only the barest outline can be realized by posterity, Halifax seems to have threaded his way with truer hold upon the essential interest of England than any other figure of whom we have record. We have seen him a Protestant opponent of the Exclusion Bill and a Minister of James II. We have seen him an opponent of James II. We have seen him harshly conducting that fallen sovereign to Rochester. We have seen him the trusted counsellor of William II. We shall soon see him reopening his relations with the exiled James. No one but a blind partisan of the Whig or Tory factions of those vanished days would find it impossible to vindicate all these successive and superficially inconsistent actions of Halifax as being both sincere and in the public interest.» *Ibid.*, 298.

¹⁸⁸ *Ibid.*, 40. Citação retirada da obra de Sir George Savile, 1.º marquês de Halifax, *The Character of a Trimmer* (1684-85).

¹⁸⁹ «Viewing English politics and the English character with something of the detachment of an alien, he was able to diagnose the situation with an imaginative insight beyond the range of those immersed in the business of the day and bound by traditional habits of mind.» Winston S. Churchill, «The Quarrel with America», in Churchill, *A History of the English-Speaking Peoples: The Age of Revolution*, vol. 3 (Londres: Cassel and Company, Ltd, 1958), 142.

¹⁹⁰ *Ibid.*, 144.

¹⁹¹ Churchill, «Consistency in Politics», 40.

Segundo Churchill, apesar desta dualidade que Burke apresenta, sendo por um lado «um apóstolo principal da liberdade» e, por outro, «um temível defensor da autoridade», seria «mesquinho e insignificante» conotar a sua vida como inconsistente. Pois se as armas e os métodos utilizados foram diferentes ao longo do tempo, o alvo da sua luta foi sempre o mesmo, a tirania. Burke pode ter mudado de partido, mas era um homem de causa e de princípio, defendendo sempre a liberdade e os direitos dos indivíduos, quer na França, na Inglaterra, na América, na Irlanda ou na Índia, contra a tirania, contra o poder real desenfreado, a favor da ascensão dos partidos políticos na manutenção de uma oposição de princípios¹⁹².

«Ninguém pode ler o Burke da Liberdade e o Burke da Autoridade sem reconhecer que aí estava o mesmo homem perseguindo os mesmos fins, buscando os mesmos ideais de sociedade e Governo, e defendendo-os dos ataques, ora de um extremo, ora do outro.»¹⁹³

É muito interessante observar a influência de Burke no pensamento político de Churchill, sobretudo na *History of the English-Speaking Peoples*, no capítulo sobre a Revolução Francesa.

«A convulsão que abalou a França em 1789 foi totalmente diferente das revoluções que o mundo tinha visto antes. A Inglaterra no século xviii

¹⁹² «Burke's aim was to create (...) an effective political party. (...) He had to overcome the notion, widely prevalent, that party was in itself a rather disreputable thing, a notion which had been strengthened by Pitt's haughty disdain for party business and organisation. It was an old tradition that politicians not in power need not bother to attend Parliament, but should retire to their country estates and there await the return to royal favour and a redistribution of the sweets of office. (...) A consistent programme, to be advocated in Opposition and realised in office, was Burke's conception of party policy (...) On Ireland, on America, on India, Burke's attitude was definite. He stood, and he brought his party to stand, for conciliation of the colonies, relaxation of the restraints on Irish trade, and the government of India on the same moral basis as the government of England. At home he proposed to deliver Parliament from its subservience to the Crown by the abolition of numerous sinecures and the limitation of corruption.» Winston S. Churchill, «The Quarrel with America», in Churchill, *A History of the English-Speaking Peoples: The Age of Revolution*, 143.

¹⁹³ «No one can read the Burke of Liberty and the Burke of Authority without feeling that here was the same man pursuing the same ends, seeking the same ideals of society and Government, and defending them from assaults, now from one extreme, now from the other.» Churchill, «Consistency in Politics», 40.

testemunhara uma violenta mudança de poder entre a Coroa e o Povo; mas as instituições basilares do Estado foram deixadas intactas, ou pelo menos foram rapidamente restauradas. Em Inglaterra ainda não tinha havido qualquer ampliação da soberania popular no sentido do sufrágio universal. As liberdades do inglês comum estavam bem compreendidas e tinham muitas vezes sido invocadas. Ele não podia reivindicar igualdade. A falta não era sentida como uma queixa muito grave, uma vez que as classes se misturavam e a transição de uma para outra era, se não fácil, pelo menos possível e muitas vezes alcançada. A América na sua Revolução proclamara os direitos mais amplos da humanidade. Do outro lado do Atlântico brilhou um nobre exemplo de liberdade que, no final, exerceria uma influência extraordinária sobre o mundo. Mas, no final do século XVIII, o futuro dominante da América mal se antevia, até mesmo pelos seus próprios estadistas. Na Europa, o impulso para a liberdade, igualdade e soberania popular teve de vir de outro lugar. Veio de França. A Revolução Inglesa fora inteiramente um assunto interno. Assim, os americanos tinham o essencial. Mas a Revolução Francesa acabaria por se espalhar de Paris pelo Continente inteiro. Deu origem a uma geração de conflitos, e os seus ecos ressoaram durante muito tempo pelo século XIX e seguintes. Todos os grandes movimentos populares ou nacionais, até à reviravolta nos acontecimentos que os Bolcheviques provocaram em 1917, se destinavam a invocar os princípios estabelecidos em Versalhes em 1789.»¹⁹⁴

¹⁹⁴ The convulsion which shook France in 1789 was totally different from the revolutions that the world had seen before. England in the seventeenth century had witnessed a violent shift in power between the Crown and the People; but the basic institutions of State had been left untouched, or at any rate had soon been restored. Nor as yet had there been in England any broadening of popular sovereignty in the direction of universal suffrage. The liberties of the ordinary Englishman were well understood and had often been asserted. He could not lay claim to equality. The lack was not felt to be a very serious grievance, since the classes mingled together and the transition from one class to another was, if not easy, at least possible, and quite often achieved. America in her Revolution had proclaimed the wider rights of mankind. Across the Atlantic shone a noble example of freedom which in the end was to exercise a formidable influence upon the world. But in the late eighteenth century America's commanding future was scarcely foreseen, even by her own statesmen. In Europe the impulse towards liberty, equality, and popular sovereignty had to come from elsewhere. It came from France. The English Revolution had been entirely a domestic affair. So in the main had the American. But the French Revolution was to spread out from Paris cross the whole Continent. It gave rise to a generation of warfare, and its echoes reverberated long into the nineteenth century and afterwards. Every great popular or national movement, until the Bolsheviks gave a fresh turn to events in 1917, was to invoke the principles set forth at

Nesta mesma obra louva a extraordinária perspicácia com que Burke em Inglaterra percebeu o rumo que a Revolução Francesa tomava, melhor do que aqueles que se encontravam em Paris.

«O Embaixador Britânico em Paris expressou uma visão habitual quando relatou que “a maior revolução de que temos conhecimento teve como resultado a perda de muito poucas vidas; a partir deste momento, podemos considerar a França um país livre”. Burke, meditando em Inglaterra, foi mais clarividente. Nas suas *Reflections on the French Revolution*, que seriam publicadas pouco depois, distinguiu a forma de coisas que aconteceriam. A convulsão em França, como ele eloquentemente assinalou, não era uma mudança digna e ordeira, levada a cabo com o devido respeito pela tradição, como a Revolução Inglesa de 1688. Uma rutura completa com o passado fora feita. A monarquia teria de sobreviver durante mais dois anos enquanto a Assembleia deliberava sobre a constituição ideal sob a qual vinte e cinco milhões de Homens e Mulheres franceses poderiam prosseguir livremente os seus assuntos. Mas, em nome da razão, ficaram à solta forças irracionais. Estas não seriam facilmente apaziguadas. A França estava condenada a passar por todas as formas de experiência revolucionária. O padrão repetiu-se noutros países, em momentos posteriores, mas com resultados pouco diferentes. A França foi o caldeirão em que todos os elementos modernos da Revolução se misturaram pela primeira vez.»¹⁹⁵

Versailles in 1789. Winston S. Churchill, «The French Revolution», in Churchill, *A History of the English-Speaking Peoples: The Age of Revolution*, 217.

¹⁹⁵ «The British Ambassador in Paris put a common view when he reported that “the greatest revolution that we know anything of has been effected with the loss of very few lives; from this moment we may consider France a free country”. Burke, meditating in England, was more far-sighted. In his *Reflections on the French Revolution*, soon to be published he discerned the shape of things to come. The convulsion in France, as he eloquently pointed out, was not a dignified, orderly change, carried out with due regard for tradition, like the English Revolution of 1688. A complete break with the past had been made. For two years further the monarchy was to survive while the Assembly deliberated upon the ideal constitution under which twenty-five million Frenchmen and Woman might freely pursue their affairs. But in the name of reason irrational forces had been let loose. These were not easily to be assuaged. France was fated to undergo every form of revolutionary experience. The pattern has been repeated in other countries, at later times, but with not very different results. France was the crucible in which all the modern elements of Revolution were first put to the rest.» *Ibid.*, 225.

Churchill, tentando novamente aproximar-se da definição de consistência, prossegue estabelecendo um paralelo entre as mudanças que ocorrem na ação do político e as mudanças dos acontecimentos. Aqui, Churchill tenta mostrar que muitas vezes o político é obrigado a abandonar determinadas políticas ou a implementar novas como consequência do curso dos acontecimentos. Adiantando mais, afirma que estas mudanças são frequentes, inevitáveis e que, apesar de representarem uma inconsistência real mais do que verbal, devem ser «corajosamente declaradas».

Muitas vezes novos factos ou novas dificuldades mostram que uma política não pode ser continuada ou está obsoleta, e é necessário adotar uma diferente, algumas vezes no sentido oposto. Esta, mais do que uma necessidade de um político, governo ou partido, deve ser entendida como sendo o seu dever. Uma pergunta poderia colocar-se neste ponto a Churchill: Serão os partidos e os governos suficientemente flexíveis para se ajustarem à velocidade da mudança, ou as ideologias e as divisões doutrinárias são demasiado rígidas para isso?

Como exemplo do que Churchill afirma é apresentado o caso de Gladstone, que começou a sua carreira política no parlamento em 1832 como conservador, em 1855 mudou para o Partido Liberal e terminou a sua vida política em 1894 com a renúncia ao cargo de Primeiro-Ministro, tendo ficado conhecido como liberal mais famoso do século¹⁹⁶.

¹⁹⁶ «When Gladstone became Prime Minister in 1868 he was deemed a careful and parcimonious administrator who had become a sound Liberal reformer. But this was only one side of his genius. What gradually made him the most controversial figure of the century was his gift of rousing moral indignation both in himself and in the electorate. In two great crusades on the Balkans and on Ireland his dominant theme was that conscience and the moral law must govern political decisions. Such a demand, strenuously voiced, was open to the charge of hypocrisy when, as so often happened, Gladstone's policy obviously coincided with the wellbeing of the Liberal Party. But the charge was false; the spirit of the preacher breathed in Gladstone's speeches. He was willing to break his party rather than deny his conscience. Soon after his conversion to Home Rule for Ireland he said to his lieutenant, Sir William Harcourt, "I am prepared to go forward without anybody". It was a spirit which was to mismanage men and split the Liberals, but it won him a place in the hearts of his followers of which Britain has never seen the like.» Winston S. Churchill, «Gladstone and Disraeli», in Churchill, *A History of the English-Speaking Peoples: The Great Democracies*, vol. 4 (Londres: Cassel and Company, Ltd, 1958), 224.

Em 1868, ao tornar-se Primeiro-Ministro, Gladstone afirmou que a sua missão era «pacificar a Irlanda»¹⁹⁷ através do combate à violência e da reforma das leis agrárias. Assim, em março de 1881 na Lei da Coerção, a providência de *Habeas Corpus* foi suspensa temporariamente para que qualquer suspeito fosse detido sem julgamento.

Durante o período entre a queda do governo de Gladstone em 1885 e o seu recomeço em 1886, um Governo Conservador ocupou o poder com o apoio do voto irlandês. Foi dado a entender que esse Governo Conservador poria fim às políticas liberais de coerção, o que levou as pessoas a pensarem, apesar de erroneamente, que os conservadores procuravam uma solução para o problema irlandês baseada na autonomia. Gladstone percebeu nessa altura que a política de coerção tinha falhado e já não era viável, tendo de ser substituída por uma política de conciliação que favorecesse a autonomia da Irlanda.

Ainda em 1885, Gladstone percebeu que a coerção só iria aumentar a violência na Irlanda enquanto as suas reivindicações não fossem tidas em conta. Porém, Gladstone estava enganado, pois o Partido Conservador jamais levaria a cabo uma política de autonomia. O voto irlandês tinha sido apenas usado como uma manobra política contra os liberais. Com a sua mudança, os conservadores afastaram-se muito mais da política de conciliação com a Irlanda tentando cativar os liberais descontentes com a mudança de Gladstone. Em janeiro de 1886, o Governo Conservador anunciou que iria introduzir um Projeto de Lei da Coerção muito rigoroso. Os deputados irlandeses que tinham apoiado os conservadores sentiram-se traídos.

Em março, já no poder, Gladstone anunciou formalmente que apoiava a autonomia com base em argumentos de justiça para a Irlanda e de liberdade para os irlandeses. Em abril, o Projeto de Lei para a Autonomia da Irlanda foi apresentado, sendo a principal proposta a criação de um parlamento e de um governo separado em Dublin. Este parlamento controlaria

¹⁹⁷ «He began with Ireland. "My mission", he had said when the summons from the Queen reached him at his country home in Hawarden, "is to pacify Ireland", and, in spite of bitter opposition and in defiance of his own early principles, which had been to defend property and the Anglican Church faith, he carried, in 1869, the disestablishment of the Protestant Church of Ireland. This was followed next year by a Land Act which attempted to protect tenants from unfair eviction. But Ireland was not so easily to be pacified.» *Ibid.*, 226.

todos os assuntos irlandeses, à exceção das questões de defesa, das relações exteriores, do comércio, das alfândegas e dos impostos. Dois meses depois, o projeto de lei foi derrotado no parlamento por 30 votos e 93 liberais votaram contra.

Gladstone dissolveu o governo e uma nova eleição geral foi ganha pelos conservadores. Através deste erro de cálculo, Gladstone entregaria o poder aos conservadores por praticamente 20 anos. Apesar disso, Churchill conclui que, muito possivelmente, o julgamento da história iria declarar que Gladstone estava certo, quer na sua resistência à autonomia até um certo ponto, quer na sua adoção depois¹⁹⁸.

À parte desta mudança no plano da ação, impulsionado pela mudança exterior dos acontecimentos, Churchill escreve ainda sobre um outro tipo de mudança: de humor, ou de coração. Segundo Churchill, poucos homens conseguem evitar este tipo de mudança e menos ainda conseguem escondê-la. «Geralmente, a juventude está para a liberdade e para a reforma, a maturidade para o compromisso sensato e a velhice para a estabilidade e para o repouso. A progressão normal é da esquerda para a direita e, frequentemente, da extrema-esquerda para a extrema-direita.»¹⁹⁹ Se, de facto, esta é uma verdade empírica, interessa perceber se Churchill considera este tipo de mudança inconsistente ou se, dada a sua natureza intrínseca ao homem, ela deve ser tida em conta mas sem ser julgada de incoerência.

Segundo Winston Churchill, Gladstone foi o melhor exemplo de uma notável progressão na direção oposta, tendo mudado do Partido Conservador para o Partido Liberal, tornando-se «o maior estadista Liberal do século XIX»²⁰⁰ e o maior representante de quase todo o sempre do espírito popular liberal, sem que a sua integridade e a sua consistência tivessem sido postas em causa.

¹⁹⁸ «His career had been the most noteworthy of the century, leaving behind innumerable marks on the pages of history. He was the greatest popular leader of his age, and he has hardly been equalled in his power to move the people on the great moral issues. He stands, too, in the very front rank of House of Commons figures.» Winston S. Churchill, «Lord Salisbury's Governments». *Ibid.*, 285.

¹⁹⁹ Churchill, «Consistency in Politics», 42.

²⁰⁰ *Ibid.*

«Gladstone sempre disse que o seu Gabinete de 1868 a 1874 foi “um dos melhores instrumentos de governo que alguma vez foi construído”. Impulsionado pela sua energia sem limites, pôs em prática uma avalanche de reformas há muito adiadas. Esta foi a Idade do Ouro, quando o Liberalismo era ainda uma força agressiva e libertadora, e a doutrina do individualismo e a filosofia do *laissez-faire* estavam a procurar e a destruir as últimas relíquias do governo do século XVIII. O Serviço Civil, o Exército, as universidades e a lei foram todos atacados e o domínio do velho interesse territorial começou a desmoronar-se. O poder daquilo a que James Mill chamou “interesses sinistros” diminuiu pouco a pouco, à medida que o serviço público se abriu gradualmente, mas sem piedade, ao talento e à indústria. Liberdade foi a palavra-chave; *laissez-faire* o método; nenhuma extensão indevida da autoridade do governo foi necessária; e a classe média adquiriu finalmente uma participação na esfera política igual ao seu poder económico. Gladstone aproveitou a maré; uma vitória eleitoral decisiva e um país pronto para a reforma deram-lhe a oportunidade. O Partido Liberal, por um raro momento em equilíbrio, estava unido atrás dele. A escala e o alcance da sua política, dirigida a uma série de abusos óbvios, foi tal que pôs de acordo Radicais, Liberais moderados e até mesmo *Whigs*.²⁰¹

Churchill deixou uma ressalva como forma de concluir estes dois tipos de mudança. Mesmo que um político permaneça fiel ao seu coração, aos seus princípios e propósitos, terá de guiar os assuntos muitas vezes em

²⁰¹ «Gladstone always said that his Cabinet of 1868 to 1874 was “one of the best instruments of government that ever was constructed”. Driven by his boundless energy, it put into effect a long-delayed avalanche of reforms. This was the Golden Age when Liberalism was still an aggressive, unshackling force, and the doctrine of individualism and the philosophy of *laissez-faire* were seeking out and destroying the last relics of eighteenth-century government. The Civil Service, the Army, the universities, and the law were all attacked and the grip of the old landed interest began to crumble. The power of what James Mill had called the “sinister interests” shrivelled bit by bit as the public service was gradually but remorselessly thrown open to talent and industry. Freedom was the keynote, *laissez-faire* the method; no undue extension of Government authority was needed; and the middle class at last acquired a share in the political sphere equal to their economic power. Gladstone came in on the flood; a decisive electoral victory and a country ready for reform gave him his opportunity. The Liberal Party, for a rare moment in equilibrium, was united behind him. The scale and scope of his policy, directed at a series of obvious abuses, was such that Radicals, moderate Liberals, and even *Whigs* were brought together in agreement.» Churchill, «Gladstone and Disraeli», 225-226.

direções opostas, de acordo com os acontecimentos, sobretudo com os internacionais²⁰². Assim, em tom de conclusão desta parte, Churchill deixa um exemplo sobre as forças armadas de um Estado que, segundo ele, «não dependem de qualquer direito absoluto ou natural. Referem-se simplesmente às circunstâncias do tempo e à visão que um homem pode deter da probabilidade de perigos, reais ou potenciais, que ameacem o seu país»²⁰³. Churchill, ilustrando com o caso da Primeira Guerra Mundial, conclui que não existiria inconsistência alguma se um ministro britânico incitasse o reforço imediato e o aumento da despesa com as forças navais nos anos anteriores à guerra e adotasse depois uma política de contenção após a destruição do poder naval alemão. Com o perigo de guerra afastado, a necessidade urgente de reforço das forças armadas deve ser abandonada, passando a paz, a recuperação económica e financeira a ocupar esse lugar primordial. Nada disto retira consistência e razão ao político. Questões deste género não dependem de argumentos coerentes ou racionais, mas da leitura exata dos acontecimentos²⁰⁴. Porém, Churchill, apesar disto, afirma que «tais mudanças devem, contudo, ser consideradas em cada caso particular com respeito à situação pessoal do indivíduo. Se for mostrado que ele nada a favor da corrente em ambos os casos, os seus direitos a uma verdadeira consistência devem ser examinados mais seriamente do que se ele nadasse contra ela.»²⁰⁵

²⁰² «Let anyone, above all let any politician look back on the last twenty years and see how violently external affairs have forced him from the path he wished to trend.» Churchill, «Consistency in Politics», 42.

²⁰³ *Ibid.*, 43.

²⁰⁴ Neste caso específico, Churchill parece estar a defender a sua própria posição nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial quando ocupava o Almirantado. Desde 1911, Churchill trabalhava arduamente na construção de um Estado-Maior de Guerra Naval. A sua necessidade de uma imediata preparação firme e sistemática das forças navais surgiu de uma preocupação crescente com os desenvolvimentos navais germânicos. Nesses anos, Churchill foi até um grande defensor do aumento da despesa com as forças navais, ao contrário do restante gabinete que afirmava que o liberalismo era incompatível com o aumento do armamento. Além disso, apostou no avanço dos meios aéreos, tendo sido o próprio a estabelecer o termo “hidroavião”. É precisamente neste ponto que compreendemos que a referência ao ministro britânico pode reportar-se a ele próprio quando afirma: «Ele pode pensar que o Ar estava a tomar o lugar do Mar nos assuntos militares.» *Ibid.*, 44.

²⁰⁵ *Ibid.*

É interessante observar como o grau de ceticismo perante as mudanças vai aumentando ao longo do capítulo. Se Churchill salientou que as mudanças no campo da ação devem ser cuidadosamente analisadas, sobretudo se forem na direção da corrente, da opinião pública, dos números. Continuando declara que um escrutínio muito maior terá de ser aplicado relativamente ao tipo de mudança que introduz em seguida, as mudanças nos sistemas de pensamento ou doutrina. Primeiro é preciso clarificar a que se refere Churchill: não a princípios ou valores morais, mas antes a ideologias, sistemas doutrinários, tais como os partidos. «Um estadista deve tentar fazer sempre o que acredita ser o melhor na perspetiva de longo prazo do seu país, e não deve ser dissuadido de agir assim por ter de se separar de um grande corpo de doutrina a que anteriormente aderiu abertamente.»²⁰⁶ Esta era, de facto, a opinião clara e sincera de Churchill, porém, afirmou que os políticos que têm de fazer estas «escolhas sombrias»²⁰⁷ devem considerar-se «azarados»²⁰⁸. Pois, como no seu caso, serão perseguidos e acusados.

Churchill, talvez na parte mais importante do seu capítulo, afirma que mudar de partido é sempre tido como uma quebra de consistência muito maior do que uma mudança de pontos de vista. Na verdade, um político que permaneça no seu partido e com os seus amigos jamais será conotado como inconsistente, por muito que as suas ideias possam mudar. Com isto, Churchill não queria dizer que os partidos não estavam sujeitos a mudanças e a inconsistências, bem pelo contrário. Porém, mudar com o partido, embora possa ser inconsistente, é defendido pelo poder dos números, pois os seus amigos e inimigos permanecem os mesmos, e juntos absorvem qualquer alteração de política. Já permanecer constante quando o partido muda é provocar um desafio muito grande e muito desagradável, pois surgem sempre acusações de inconsistência, oportunismo e traição. As velhas relações pessoais são quebradas e as camaradagens separadas, os antigos inimigos passam a colegas céticos e desconfiados.

No final do seu artigo, Churchill conclui que a verdadeira inconsistência acontece quando um homem não tem a coragem de mudar quando o seu

²⁰⁶ *Ibid.*, 45.

²⁰⁷ *Ibid.*, 45-46.

²⁰⁸ *Ibid.*, 46.

partido muda, apenas para não ter de enfrentar as trágicas consequências disso. A inconsistência política para Churchill é não mudar quando os factos mudam, é caminhar sempre de acordo com o partido, com a opinião pública, é o puro oportunismo e a simples ânsia por poder e liderança. Um político consistente é aquele que, mesmo tendo de alterar a sua estratégia, a direção da sua política, os seus métodos e ações, preserva sempre o seu propósito dominante, é aquele que procura fazer o melhor de acordo com as circunstâncias, mesmo que tenha de se separar do seu partido e dos seus amigos, é aquele que sente a responsabilidade e a obrigação de ser fiel aos seus princípios, valores e propósitos sem medo de sofrer represálias e acusações.

Churchill, falando do seu caso específico no artigo «The Truth about Myself», conclui que «de facto, parece-me que tenho perseguido sempre os mesmos objetivos ao longo da minha vida política e que foram os Partidos e as ocasiões que se deslocaram e mudaram à minha volta»²⁰⁹. No seu caso específico, Churchill afirma sem qualquer receio que, quer o Partido Liberal quer o Partido Conservador, mudaram muito mais do que ele durante toda a sua vida.

«Vi o partido Conservador como um partido de Comércio Livre. Vi-o defender o Protecionismo. Vi-o a repudiá-lo e a defendê-lo de novo, e a repudiá-lo novamente, e por fim a alcançá-lo. Vi o partido Liberal abominar o recrutamento, e implementá-lo. Vi o partido Socialista disposto a abandonar no governo todas as propostas essenciais que advogava na oposição, e depois retomá-las novamente quando já não era responsável.»²¹⁰

Churchill nunca confundiu consistência política com lealdade partidária, tratando-se de dois conceitos diferentes que nem sempre são compatíveis, como no seu caso específico. Mais do que isso, Churchill percebeu

²⁰⁹ Churchill, «The Truth about Myself».

²¹⁰ «I have seen the Conservative party a Free Trade party. I have seen them espouse Protection. I have seen them repudiate it and espouse it again, and repudiate it again, and finally achieve it. I have seen the Liberal party abominate conscription, and carry it. I have seen the Socialist party quite ready to abandon in office all the root propositions they advocated in opposition, and then go back to them again when they were no longer responsible.» *Ibid.*

a importância dos partidos desde bastante cedo, porém, foi um grande crítico da rigidez, da disciplina e da filosofia partidária.

«No livro [Lord Randolph Churchill], Churchill referiu-se, numa clara referência ao seu próprio pensamento, a uma Inglaterra “de homens sábios que contemplam sem ilusões os defeitos e as loucuras de ambos os partidos políticos; de homens corajosos e sérios que não encontram em nenhuma das facções um objectivo sério para os seus esforços; de ‘homens pobres’ que duvidam cada vez mais da sinceridade da filosofia de partido”.»²¹¹

²¹¹ Gilbert, *Churchill: Uma Vida*, 142.

Conclusão

É possível agora, depois de analisadas as duas mudanças de partido e de observadas algumas das causas e ideias que Churchill defendeu durante os primeiros 24 anos enquanto parlamentar, retirar algumas conclusões e responder às questões colocadas inicialmente. Pretendo visitar os cinco capítulos deste estudo procurando responder diretamente ao que foi proposto: Churchill foi consistente ao mudar duas vezes de partido? É possível extrair das palavras e decisões de Winston Churchill princípios políticos coerentes e consistentes orientadores da sua ação?

Porém, antes disso, quero reservar uma primeira parte para algumas conclusões sobre este tema de alguns especialistas, de alguns políticos atuais ou seus contemporâneos. Guardei esta parte para o final proposadamente, pois apesar de obviamente muito relevantes, válidas e fruto de muita pesquisa e reflexão, não quis que interferissem com o estudo ou com a própria escolha e leitura do material analisado. Agora que já é possível criar uma opinião mais própria e pessoal, começo por apresentar a leitura de alguns especialistas sobre o assunto.

Começo com as palavras de Allen Packwood, o diretor do Churchill Archives Centre em Cambridge, a quem tive o privilégio de perguntar diretamente se Churchill tinha sido ou não consistente ao ter mudado por duas vezes de partido. Amavelmente, Allen Packwood prontamente respondeu:

«A sua questão é muito interessante, e a resposta depende em parte da sua definição de consistente. As ações de Churchill não foram consistentes no que respeita a ser um membro leal, quer do Partido Conservador quer do Partido Liberal. Elas podem ser vistas como consistentes com o desenrolar da sua carreira e no facto de ter permanecido na linha da frente da política. Afinal de contas, o Partido Conservador foi visto como muito dividido e a caminho da extinção

quando Churchill se tornou Liberal em 1904 (um veredicto que foi posteriormente confirmado pela sua derrota esmagadora nas eleições de 1906), enquanto o Partido Liberal estava dividido e a perder eleitores pela ascensão do Partido Trabalhista em 1924. Desta forma, poderia argumentar, como muitos o fizeram na época, que Churchill era um oportunista, que de forma inteligente pulou fora do barco exatamente nos momentos certos para manter a sua própria força. Pessoalmente, não acho que seja assim tão simples. Churchill sempre se viu a si mesmo como ocupando o terreno central da política Britânica. Ele pode ser mais bem descrito como um Conservador Liberal [Liberal Conservative]. Combinou sempre os valores *Whig* e um interesse no comércio livre e na reforma social com um amor pelo Império Britânico, pela monarquia e pela lei e ordem. Como esbocei na minha palestra²¹², penso que ele argumentaria que as suas mudanças de partido eram necessárias pelas mudanças nas políticas e direções desses partidos. Foi a decisão dos Conservadores de abandonarem o comércio livre que o levou para o campo liberal, e foi a necessidade de se opor ao comunismo e ao socialismo mais firmemente que o levou de volta ao Conservadores.»²¹³

Esta forma de caracterizar Churchill como um Conservador Liberal, como um político do compromisso que tantas vezes buscou uma terceira

²¹² Referência à palestra intitulada «Was Churchill a democrat?» no Winston Churchill memorial dinner, durante o *Estoril Political Forum 2013*, no dia 25 de junho.

²¹³ «Your question is a very interesting one, and the answer depends partly on your definition of consistent. His actions were not consistent with being a loyal member of either the Conservative or the Liberal Party. They could be seen as being consistent with advancing his career and remaining in the front rank of politics. After all, the Conservative Party was seen as very split and on the way out when Churchill became a Liberal in 1904 (a verdict that was subsequently confirmed by its landslide defeat in the 1906 election), while the Liberal Party was split and losing voters to the rising Labour Party in 1924. Thus you could argue, as many did at the time, that Churchill was an opportunist, who cleverly jumped ship at exactly the right moments to maintain his own political momentum.

Personally, I do not think it is quite that simple. Churchill always viewed himself as occupying the central ground in British politics. He might best be described as a Liberal Conservative. He always combined Whig values and an interest in free trade and social reform with a love of the British Empire, monarchy and law and order. As I outlined in my talk, and in the answer to the question that followed, I think he would argue that his changes of party were necessitated by changes in the policies and directions of those parties. It was the Conservative decision to abandon free trade that drove him into the Liberal camp, and it was the need to oppose communism and socialism more firmly that drove him back into the Conservative fold.» Allen Packwood, mensagem de correio eletrónico recebida a 1 de setembro de 2013.

via, é muitas vezes apresentada por diferentes autores, como é também o caso de Jeremy Havarði, na sua obra *The Greatest Briton*. Nela, Havarði dedica um capítulo à Filosofia Política de Winston Churchill, sendo a primeira parte dedicada precisamente a concluir se Churchill era Liberal ou Conservador. Por ser uma abordagem interessante, abrangente e com bastante investigação por base, vou resumir o seu argumento.

Jeremy Havarði começa a sua exposição por afirmar que, de facto, Churchill «desafia as categorizações simplistas», o que não é, de todo, o mesmo que afirmar que ele era politicamente inconsistente.

«Apesar destas aparentes contradições, Churchill era um político partidário altamente competente possuidor de uma perspetiva política bastante consistente. Ao longo da sua vida defendeu, se não o conservadorismo ortodoxo dos seus antepassados, um tipo híbrido de conservadorismo-liberal – conservadorismo social Burkeano e o “novo liberalismo” emergente que procurou elevar o trabalhador.»²¹⁴

Para argumentar em favor desta categorização de Churchill enquanto Conservador Liberal, Havarði começa por apresentar os princípios comuns aos dois partidos que tornam esta «filosofia híbrida compatível». Ambos «acreditavam profundamente na liberdade e na dignidade do indivíduo» e «procuravam limitar o mandato do governo o mais possível para salvar a liberdade individual». Estes princípios levam a práticas políticas semelhantes, segundo Havarði, que afirma que ambos os lados «eram tradicionalmente defensores ardentes do comércio livre, da tributação baixa e da propriedade privada». Ambos também consideravam que «a situação dos pobres tinha de ser melhorada através de medidas progressivas de reforma social». A diferença mais significativa a este nível era a maior importância que para os Conservadores tinha a «manutenção da lei e da ordem e um suporte robusto em questões de defesa e segurança»²¹⁵.

²¹⁴ «Despite these apparent contradictions, Churchill was a highly capable party politician who possessed a fairly consistent political viewpoint. Throughout his life he espoused, if not the orthodox conservatism of his forbears, a kind of hybrid liberal-conservatism – Burkean social conservatism and the emerging “new liberalism” which sought to raise the working man.» Havarði, *The Greatest Briton*, 331-332.

²¹⁵ Ver *Ibid.*, 332.

Dito isto, Havardi integra o pensamento de Churchill precisamente nestes moldes, acima de tudo e em primeiro lugar, como um defensor da liberdade individual, do mercado livre, de «impostos baixos e iniciativa privada sólida», do sistema capitalista e da reforma social. E não apenas nos anos que esteve no Partido Liberal, mas ao longo de toda a sua carreira política, dando Havardi alguns exemplos posteriores.

Segundo o autor, «Churchill acreditava que uma economia liberal requeria um padrão mínimo de vida», tendo feito da melhoria das condições de vida dos britânicos um objetivo de vida, e tendo «consistentemente defendido o direito dos homens de se filiarem em sindicatos e de suspenderem o seu trabalho por meios não violentos». Mas é nesta parte que Havardi começa a integrar o conservadorismo no pensamento político de Churchill, afirmando que «ele estava disposto a defender os direitos dos indivíduos, incluindo o direito à greve, apenas se, no exercício desses direitos, os cidadãos não ameaçassem a ordem social». Na presença de uma ameaça de «anarquia e rutura social», Churchill «tinha poucas reservas relativas ao recurso à força»²¹⁶.

Havardi traça esta fronteira no pensamento híbrido que atribui a Churchill, o reformismo social tinha de ser colocado em segundo plano quando a ordem e a lei ou a liberdade ordeira eram ameaçadas pela anarquia e pela revolução²¹⁷.

Para Jeremy Havardi, esta oposição às ideias revolucionárias era o principal traço conservador presente em Churchill, era o que verdadeiramente fazia dele um Conservador²¹⁸. Apesar de o seu conservadorismo vir à tona

²¹⁶ Ver *Ibid.*, 335.

²¹⁷ «This insistence on asserting authority through the use of force, even if it overrode the right to strike, shocked many of Churchill's liberal contemporaries and reflected his strong Conservative instincts. (...) So long as the social order was not threatened, Churchill sought to placate the forces of labour through progressive, reformist legislation: when he detected the whiff of revolution, he was prepared to use force to conserve the existing order.» *Ibid.*, 335-336.

²¹⁸ «At the turn of the twentieth century, as today, Conservatives believed that their nation had a set of customs, values and institutions which formed the bedrock of its identity and which needed to be preserved for the future. Conservatives felt a profound attachment to monarchy, the enduring symbol of national continuity, and to Parliament as the sovereign political force in the land. They shared heritage and traditions. Conservatism was thus patriotic to the core and saw love of nation as a unifying social force.

That did not make the Conservatives averse to political change, but they believed that

também noutros aspetos, como na sua «robusta defesa dos interesses nacionais e imperiais», no seu «sentido romântico do passado», na sua «profunda crença no ritual, no costume e na tradição» e na sua «visão da monarquia constitucional britânica como personificação de séculos de história e tradição e como uma força unificadora para a nação».

Jeremy Havardi termina concluindo que,

«Churchill manteve a marca das suas origens de meados da era Vitoriana. Acreditava na conservação das instituições e dos valores que o passado tinha legado e na aprendizagem das lições vitais da história. Mas ele não era avesso à inovação e à mudança social, desde que a legislação progressista não ameaçasse a ordem social.»²¹⁹

Outra visão muito interessante sobre este tema é a de Colin Coote²²⁰ expressa na introdução da obra *Maxims and Reflections of the Rt. Hon. Winston S. Churchill*, pretendendo, entre outras coisas, desconstruir, desmistificar e desmentir a acusação de inconsistência política que, na sua opinião, «é completamente enganosa».

«Começou como um Conservador, tornou-se um Liberal, depois um Liberal de Coligação, depois um Constitucionalista e, por fim, um Conservador novamente. Mas as mudanças não se deveram a mudanças nas suas crenças.»²²¹

change, when it came, had to be managed through the existing institutions of society rather through a process of revolutionary change. In part, this was because they were deeply suspicious of utopian fantasists promising to remake the world. For centuries they had seen dictators and tyrants lay waste to entire nations on the bases of grand ideas and first principles. Burke's reflections on Revolutionary France offered a salutary reminder of how the most idealistic revolutions could end in terror and bloodshed. Conservatives therefore tended to prefer earthy, pragmatic thinking to the abstract calculations of idealists.» *Ibid.*, 332.

²¹⁹ «Churchill retained the stamp of his mid-Victorian origins. He believed in conserving the institutions and values which the past had bequeathed and in learning the vital lessons of history. But he was not averse to innovation and social change, so long as progressive legislation did not threaten the social order.» *Ibid.*, 338.

²²⁰ Colin Coote (1893-1979), jornalista, Editor Chefe do *Daily Telegraph* e do *Morning Post* de 1950 a 1964.

²²¹ «He started as a Tory, became a Liberal, then a Coalition Liberal, then a Constitutionalist, and finally a Tory again. But the variations were not due to variations in his beliefs.» Colin

Esta era a convicção de Colin Coote, que negava igualmente que as mudanças pudessem ser justificadas pela ambição ou pelo oportunismo de simplesmente alcançar um lugar político.

O autor constrói todo o seu argumento em torno da mudança na estrutura e no programa dos partidos britânicos no início do século xx, que obrigaram Churchill, inabalável nos seus princípios e nas causas defendidas, a mudar para se manter fiel àquilo em que acreditava. Assim, Coote advogava que o lugar dos Conservadores Democratas, como Churchill, no início do século xx era precisamente no Partido Liberal, onde era possível combinar a defesa do mercado livre e da reforma social com a defesa do Império Britânico²²². Por outro lado, o surgimento dos Trabalhistas e a sua defesa do socialismo obrigou o Partido Conservador a ser o porta-voz do indivíduo e do capitalismo, e obrigou também Churchill a tomar partido pelo que sempre tinha defendido. Além do mais, para facilitar a sua decisão, o Partido Conservador estava nessa mesma altura com uma maior abertura relativamente à reforma social²²³.

Segundo Colin Coote, Churchill sempre foi um *Coligacionist*, um homem de causas e princípios que o faziam ultrapassar as fronteiras partidárias.

Coote tenta, também, de alguma forma contestar a acusação de ambição desmedida ou oportunismo, uma vez que Churchill nunca foi nem

Coote, «Introduction», in Colin Coote, Denzil Batchelor eds., *Maxims and Reflections of the Rt. Hon. Winston S. Churchill* (Londres: Eyre and Spottiswoode, 1992), 18.

²²² «The Kind of Toryism with which he started was the Tory Democracy of his father, that gifted and tragic figure who captured his son's so fervent admiration by such slender and almost casual contacts. The true home of the Tory democrat of the early years of this century was not the Tory party as it then was. His proper place was in the Liberal party, which resembled Heaven at least in having many mansions, one of which housed the Liberals Imperialists. From under that roof he could combine a passionate advocacy of social reform (part of which in those days was the defence of Free Trade – the object of the official Tory party's attack) with a zealous concern for the British Empire.» *Ibid.*, 18-19.

²²³ «One of the regrettable consequences of the first World War was the disintegration of the Liberal party. The Radical tail, under the new and masterly name of the Labour party, wagged most of the dog; and the adoption of the animal's individualistic bark by the Conservative party was a natural consequence of a new dividing-line in British politics between Socialists and Capitalists. There could be no question about which side of the line Mr. Churchill would find the more congenial. He has been responsible for many measures of social reform; he has even favoured for purely practical reasons proposals essentially Socialistic, such as the nationalisation of the railways. But the idea of the Socialistic State is repugnant to him. The migration back to the Tory party coincided with a new impulse in that party towards social reform, and was as natural to Mr. Churchill as the exodus from it in 1904.» *Ibid.*, 19.

nunca quis ser um homem do partido e, por conseguinte, nunca foi também um bom candidato às eleições²²⁴.

Por fim, termina afirmando que «é muito duvidoso que a qualidade de um estadista seja avaliada por um teste como a lealdade a um partido. (...) O verdadeiro teste é certamente o poder para inspirar, criar, antecipar, compreender e de ser inspirado; e essas qualidades devem ser possuídas não só em teoria, mas também na prática. A melhor ideia é inútil se for incompetentemente executada. Jamais alguém acusou o Sr. Churchill de ser parco de ideias.»²²⁵

Na mesma linha de Coote encontramos o senador canadiano Jerry S. Grafstein²²⁶ que, numa palestra dada no University Club of Toronto em 1995, intitulada «Winston Churchill as a Liberal», afirmou que Churchill, em 1904 «quando questionado sobre porque deixou o Partido Conservador, respondia que não tinha deixado o Partido Conservador ou os seus princípios. Em vez disso, o Partido Conservador abandonou os seus princípios e deixou-o a ele.»²²⁷ Em 1924 «novamente, Churchill acreditava que não tinha deixado o Partido Liberal, mas que o Partido tinha abandonado os seus próprios princípios e perdido o seu caminho.»²²⁸.

Ainda sobre a questão da ambição e do oportunismo, pode recordar-se a intervenção de Martin Pugh, reconhecido Professor de História Britânica, no *Liberal Democrat History Group Meeting* realizado em março de 2012, sob o título «Winston Churchill: Tory or Liberal?». Entre outras coisas, Pugh «mencionou a importância da ambição para Churchill. Em ambas as circunstâncias em que ele decidiu mudar de partidos era uma boa hora para deixar esse partido para trás. Contudo, houve alguma consistência, como

²²⁴ «He is not at his happiest as the party man – not even, perhaps, as the party chief. For this reason he is not even a very good electioneerer. (...) He has never possessed a territorial base ... Britain is his constituency and not any particular part of it, nor any particular party in it. There is the clearest evidence that at any great crisis in our affairs his natural instinct is to search for a national Government. He has a conviction that patriotism is enough, and labels do not very much matter.» *Ibid.*, 19-20.

²²⁵ *Ibid.*, 20-21.

²²⁶ Jerry S. Grafstein (1935 – p.), senador liberal canadiano entre 1984 e 2010, fundador e editor em 1966 do *Journal of Liberal Thought*.

²²⁷ Jerry S. Grafstein, «Winston Churchill as a Liberal», in *Journal of Liberal Democrat History* 25: Winter 1999-2000, 15.

²²⁸ *Ibid.*, 17.

por exemplo, os seus pontos de vista sobre o comércio livre. Ele pode tê-los usado como uma justificação para passar dos conservadores para os liberais num momento oportuno, mas ele ficou preso à sua visão do comércio livre posteriormente.»²²⁹

Ainda que reconhecendo as acusações de ambição e oportunismo, Martin Pugh afirma que é possível encontrar princípios políticos coerentes e consistentes em Churchill.

Nesse mesmo encontro é ainda de referir o argumento apresentado por Alan Beith²³⁰ para responder à questão colocada sobre se Churchill seria Liberal ou Conservador. Beith começou por explicar que, «durante o seu tempo como Liberal, ele foi um Liberal com alguns pontos de vista Conservadores e muitos dele próprio; durante o seu tempo como Conservador, ele foi um Conservador com alguns pontos de vista Liberais e muitos dele próprio.»²³¹. Na sua opinião, a única forma de entender o pensamento político de Winston Churchill é através da análise dos seus «pontos de vista dissidentes que ele manteve consistentemente ao longo da sua vida».

Desta forma, Beith tenta enumerar que princípios liberais e conservadores poderiam encontrar-se em Churchill, e quais pesariam mais na altura de decidir se ele seria mais Liberal ou Conservador. Beith reconheceu em Churchill a defesa da liberdade individual, do comércio livre, do liberalismo social, e a luta contra o bolchevismo, princípios e causas que defendeu posteriormente também enquanto Conservador²³². Do lado Conservador,

²²⁹ Mark Pack, «Winston Churchill: Liberal or Tory? », in *Journal of Liberal History* 75: Summer 2012, 46-47.

²³⁰ Sir Alan James Beith (1943 – p.), parlamentar inglês liberal democrata, membro do parlamento de 1973 a 2015.

²³¹ *Ibid.*, 46.

²³² «Churchill was a Liberal, and as he was such a strong believer in individual freedom, appropriately so given how individualistic he was himself. Moreover, Churchill had a strong strain of social liberalism – freedom was not real unless you had an education, your health and the opportunity to support yourself. In this he differed from the Tory democracy of his father and Churchill was zealous in seeking to help the poor and disadvantaged during his time in office as Liberal. This continued through his later Conservative period, including seeing Beveridge's proposals as being right even if he was slow to embrace them, letting the political initiative on them pass to Labour (...) anti-Bolshevism was another strong and consistent theme of Churchill's. This was a view comfortably at home in the Conservative Party but also, as Beith pointed out, was derived in Churchill's case from liberal principles. So too on free trade (...) on all these Churchill had views that were liberal, even if also held whilst being a Conservative.» *Ibid.*

Beith identificou a «nostalgia pelo império e um desejo pela união entre os povos de língua inglesa» e a falta de contenção em usar a força²³³. Beith concluiu a sua intervenção com a convicção de que, «de coração, Churchill era um Liberal».

Ainda relacionado com esta visão de Churchill como Liberal, introduz o argumento de Viscount Simon²³⁴, expresso no seu artigo «Churchill as a Liberal»:

«Sir Winston Churchill é o líder do Partido Conservador, mas na raiz da sua multifacetada natureza permanece a essência do liberalismo. A sua tolerância, a sua simpatia pelos oprimidos e os desfavorecidos, a sua coragem de resistir, o seu clamor, a sua crença no valor do indivíduo e no autogoverno de comunidades suficientemente avançadas para o usarem sabiamente, todos derivam de um coração e de uma cabeça que o tornaram nos seus primeiros anos ministeriais um estadista Liberal. Esta perspectiva foi adotada com sinceridade (e, em verdade, de alguma forma herdada do seu pai) e os seus pontos de vista liberais foram incorporados em discursos bem fundamentados e não eram uma mera pose, de modo que tem transportado esse temperamento liberal com ele ao longo da sua vida e não tem hesitado em mostrá-lo nos grandes cargos que tem ocupado desde então.»²³⁵

²³³ «His crazily stubborn romantic imperialism over India came top of that list, especially considering his opposition to democracy for Indian people of the right of self-determination for them. Beith then went on to talk about Churchill's lack of restraint when it came to using force, both at home and in war (...) He was an enthusiast for physical force rather than a reluctant user of it.» *Ibid.*

²³⁴ John Allsebrook Simon, 1st Viscount Simon, 1873-1954, político liberal inglês contemporâneo de Churchill, foi Ministro da Administração Interna (1915-16 / 1935-37), Ministro dos Negócios Estrangeiros (1931-35), Ministro das Finanças (1937-40) e Lord Chancellor (1940-45).

²³⁵ «Sir Winston Churchill is the leader of the Conservative Party, but at the root of his many-sided nature there remains the essence of liberalism. His tolerance, his sympathy with the oppressed and the underdog, his courage in withstanding, clamour, his belief in the value of the individual and in self-government for communities sufficiently advanced to use it wisely, all derive from a heart and a head which made him in his early years of Ministerial office a Liberal statesman. This liberal outlook was sincerely adopted (and indeed in some sort inherited from his father) and his liberal views were embodied in well-argued speeches and were not a mere pose, so that he has carried this liberal temper with him throughout his life and has not hesitated to show it in the great offices which he has since occupied.» Viscount Simon, «Churchill as a Liberal», in Charles Eade ed., *Churchill by his Contemporaries* (Londres: Hutchinson, 1955), 99.

Viscount Simon afirmou mesmo que Churchill era um exemplo para todos os liberais, por antecipadamente ter percebido a ameaça que o socialismo representava para a liberdade individual. Por fim, o artigo termina afirmando que «Sir Winston Churchill, apesar de ser um Primeiro-Ministro Conservador, é ainda um Liberal»²³⁶.

Para terminar, introduzo uma linha de pensamento diferente, mais abrangente, e que abre caminho a uma nova e muito interessante leitura do panorama da teoria política. Esta abordagem baseia-se numa distinção entre a cultura política europeia continental e a tradição da cultura política de língua inglesa. Segundo esta, nomes como o de Churchill, Burke, Karl Popper, Michael Oakeshott, entre outros, inserem-se na especificidade da tradição do conservadorismo liberal característico dos povos de língua inglesa. Um dos especialistas que defende esta visão é precisamente o Professor João Carlos Espada, que tive oportunidade de ouvir e com quem tive o privilégio de conversar, mas, sobretudo, pela mão de quem pude conhecer esta abordagem singular, perspicaz e esclarecedora.

«Winston Churchill permaneceu imune à linguagem da revolução e da inovação. Dizia-se que ele era um conservador antiquado que não compreendia os novos tempos. Mas Churchill compreendia bem de mais os novos tempos. E não gostava daquilo que compreendia.

Churchill era um admirador da tradição liberal do seu país e do Império Britânico. Estudara Macaulay e aprendera que a Revolução Gloriosa de 1688 – a última revolução que ocorrera em Inglaterra – fora feita com relutância e com o objectivo principal de tornar desnecessárias futuras revoluções.

A linguagem apaixonada da inovação também não o entusiasmava. Churchill estudara Edmund Burke e sabia que a monarquia parlamentar inglesa emergira da resistência contra o “despotismo da inovação” – promovido por monarcas, ou por republicanos que aspiravam ao poder absoluto.»²³⁷

Expostas as conclusões e os argumentos de alguns especialistas em Winston Churchill, farei um breve resumo dos cinco capítulos que perfazem

²³⁶ *Ibid.*, 102.

²³⁷ João Carlos Espada, *O Mistério Inglês e a Corrente de Ouro, Ensaios sobre a Cultura Política de Língua Inglesa* (Lisboa: Alêtheia, 2010), 200-201.

este estudo, a fim de dar uma resposta mais direta às perguntas enunciadas na apresentação do mesmo.

Começando pelas razões que levaram Churchill a mudar de partido em 1904, a principal e inegável razão é a defesa do comércio livre despoletada claramente pela introdução de uma visão protecionista no Partido Conservador. Esta defesa acérrima do comércio livre baseava-se em argumentos de liberdade, eficiência, boas relações internacionais, mas também de preservação de um legado reconhecidamente Britânico. A esta questão fundamental juntam-se outras, como a luta contra a proposta de aumento da despesa com o exército apresentada pelos Conservadores e a defesa da liberdade individual, quer na Guerra dos Bóeres quer nas preocupações por uma reforma social.

Na segunda mudança de partido, em 1924, é muito interessante que a defesa do comércio livre apareça novamente encabeçada por Churchill quando os Conservadores planeavam a reintrodução do protecionismo. Porém, a razão que o fez voltar ao Partido Conservador, e já depois de este ter deixado cair a proposta do protecionismo, foi somente a luta contra o socialismo, ou melhor, a decisão do Partido Liberal de se coligar com o Partido Trabalhista para formar governo em 1923. Churchill, desde os seus primeiros dias no Partido Liberal, distinguiu sempre fervorosamente o liberalismo do socialismo e jamais pactuaria com uma tal ameaça à liberdade individual, aos valores e à tradição britânica.

Em 1904, o Partido Conservador queria introduzir o protecionismo e aumentar a despesa com o exército, quebrando a tradição de uma Inglaterra forte, mas pacificadora, benevolente e aberta ao mundo. Churchill encontrava nos liberais, sobretudo nos Liberais Imperialistas, a vontade de preservar essa ideia da antiga Inglaterra, com uma fervorosa vontade de defender e promover a liberdade individual através de uma política social mais ativa, que trabalhasse para a clara e real melhoria das condições de vida dos cidadãos britânicos. Churchill chegou mesmo a afirmar que o programa Liberal de 1904 continha tudo aquilo em que um Conservador Democrata acreditava.

Em 1922, o sistema de partidos britânico altera-se por completo. Com o Partido Trabalhista como segundo maior partido, tendo substituído o Partido Liberal, o equilíbrio passou a ser determinado por Conservadores e Trabalhistas. Porém, em 1924, os Liberais tiveram na sua mão a decisão

de apoiar a formação do primeiro governo Trabalhista britânico, e foi o que resolveram fazer. Churchill jamais poderia concordar com isso e não teve outra opção se não mudar para o Partido Conservador.

Na verdade, outras opções foram por ele procuradas, como a criação de um novo partido, de uma coligação Liberal-Conservadora, ou a adoção pelo Partido Conservador de princípios liberais. E isso não apenas em 1924, mas já em 1904. É muitíssimo interessante observar que, antes da mudança de partido, Churchill nas duas vezes tentou primeiro encontrar uma solução de compromisso.

Em 1904, ainda sob a memória do seu pai, está muito presente a ideia de uma ala democrática ou progressista no partido Conservador, da criação gradual de um partido de centro reunindo conservadores e liberais, de uma coligação de centro que infundisse e restaurasse no Partido Conservado o seu espírito liberal.

Em 1922-24, esta opção desejada por Churchill é ainda muito mais latente. Em primeiro lugar, em 1922 Churchill era um acérrimo defensor da continuidade da coligação Conservadora-Liberal que existia desde 1915, a única forma de defender o comércio livre e de lutar contra o comunismo e o socialismo. De novo, em 1923 depois das eleições gerais convocadas pelo Partido Conservador para reunir o partido sob a bandeira do protecionismo, este acaba por perder a maioria e Churchill advoga a coligação de Liberais e Conservadores numa aliança antissocialista.

A ideia de Churchill sempre fora a de juntar os princípios liberais do comércio livre, da liberdade individual e da preocupação social com os mais carenciados com o sentido Conservador de preservação do legado das instituições e tradições britânicas e de luta contra qualquer ameaça ideológica, revolucionária e tirânica a essa herança.

É, portanto, possível afirmar com toda a certeza que Churchill foi consistente com os seus princípios ao mudar duas vezes de partido, nunca tendo negado ou entrado em conflito com as suas ideias anteriores. Mais inconsistente teria sido se permanecesse nos partidos enquanto estes mudavam os seus programas, se permanecesse estático à mudança dos acontecimentos, se permanecesse Conservador ou Liberal enquanto estas próprias concepções se alteravam.

Por último, tentando dar mais sentido à ideia de que é possível encontrar uma teoria política em Churchill, mesmo que nada sistematizada ou

ordenada, resumirei os restantes três capítulos deste estudo onde estão presentes os princípios que toda a vida serviram de estandarte a Winston S. Churchill.

No topo dos princípios defendidos por Winston Churchill encontramos claramente a liberdade individual. Daqui emerge todo o seu pensamento político, ora o que preserva essa liberdade, todos os restantes princípios, práticas e tradições, ora o que a ameaça e contra o qual Churchill lutou toda a sua vida.

Desta forma, a tradição britânica é para Churchill a que melhor soube preservar a liberdade e fez da Grã-Bretanha a nação mais livre de sempre. Aqui inclui-se o mercado livre, a iniciativa privada, o capitalismo, mas também todo o enquadramento político, a monarquia constitucional, o parlamentarismo, a lei geral e abstrata e a separação de poderes. No fundo, a defesa de todas as práticas e instituições criadas, gradual e progressivamente, como repositório de uma tradição ocidental ou dos povos de língua inglesa, que pretendiam, num só princípio, preservar a liberdade individual.

Acrescentada a esta visão esteve sempre presente também a necessidade e a desejabilidade de uma política social dinâmica e ativa que permitisse aumentar a expressão real da liberdade e da dignidade humana. Para isso, Churchill encarregava o Estado de garantir o acesso de todos a bens básicos, em tudo o resto o Estado deveria ter a menor dimensão possível.

Do outro lado, claramente, encontramos o ataque de Churchill a tudo o que poderia ameaçar a preservação desta liberdade e, conseqüentemente, dessa tradição. Aí encontramos quaisquer princípios e práticas de despotismo, totalitarismo e tirania. As ideologias revolucionárias, como o socialismo e o comunismo, eram fortemente atacadas por Churchill por profetizarem uma sociedade perfeita e racional, absolutamente livre e igual. O seu método seria, porém, a completa destruição de todas as instituições sociais, políticas e económicas existentes e a edificação pela imposição, pelo medo e pela violência de uma Nova Ordem Mundial. Isto era o que Churchill mais temia, pois no fim não restaria pedra sobre pedra, e o destino da sociedade seria a igualdade na escravidão, na miséria, no terror, na falta total de liberdade.

Permitam-me apenas terminar com algumas notas pessoais. Em primeiro lugar, espero ter contribuído para uma discussão mais profunda em torno da teoria política de Winston Churchill, no quinquagésimo aniversário

da sua morte, celebrando a longa vida de 90 anos daquele que poderá não ter sido o estadista que mais marcou o século xx, mas que foi, certamente, o maior defensor da liberdade individual, que lutou contra a tirania, fazendo-o não como político, parlamentar, estadista, historiador ou escritor, mas como homem, como um homem que percebeu que essa luta está acima das lutas partidárias.

Esta investigação foi tão dura como ambiciosa, mas sobretudo muito gratificante e estimulante. Por inúmeras vezes pensei que não a conseguiria terminar; porém, e se é verdade que no início não tinha noção da árdua tarefa que tinha em mãos, não consigo imaginar uma vida tão empolgante e motivadora de estudar como a de Winston S. Churchill. Tive a enorme honra de a poder descobrir aquando da minha visita ao Churchill College em Cambridge. Aí consegui percorrer o meu próprio caminho, com a ajuda de muitos especialistas, claro, como biógrafos, contemporâneos, políticos posteriores, jornalistas, historiadores. Mas poder acompanhar o legado deixado por Churchill, ter a grandiosa sensação de ler um texto ditado por Churchill, nunca publicado, com correções do próprio a lápis, fez-me sentir que valia a pena, que poderia de facto dar a minha contribuição.

Por tudo isto espero ter conseguido, para lá da investigação para uma tese académica que será avaliada, ter acrescentado algo, por muito pouco que seja, ao estudo sobre Winston Churchill. Para mim passou a ser um símbolo e uma representação da tradição da liberdade individual, dos valores democráticos, mas também de valores morais como a verdade, o compromisso, a sinceridade, a generosidade e a honestidade. Estudar Winston Churchill foi para mim muito mais do que estudar o político inglês que viveu entre 1874 e 1965, que foi parlamentar durante 55 anos. Foi sobretudo aprender com o homem que, no século xx, século das ideologias revolucionárias, dos totalitarismos, das terríveis guerras mundiais, da desmoralização da sociedade, soube fazer frente, tantas vezes sozinho, a tudo isso, acreditando que algo poderia ser feito para preservar o que restava da liberdade e da moralidade. Acima de tudo, essa é a memória que tem de ser preservada, além de que essa luta nunca estará terminada nem nunca será dispensável.

Tentei guardar estes meus comentários para o fim, o que não será certamente o mesmo que afirmar que esta é uma tese imparcial e totalmente objetiva, tentei o mais que pude nunca esquecer o compromisso que fiz

com a verdade, porém, é impossível estudar uma figura como Winston Churchill sem que as emoções se envolvam na investigação. Mas sem isso teria sido impossível escrever uma tese apaixonada como esta, que me ensinou a preservar, acima de tudo e em todas as ocasiões, a liberdade de pensamento e a verdade.

Bibliografia

Obras e Artigos Citados

- BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*. Londres: J. Dodsley, 1790. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k111218p/f360.image.r=.langEN>
- CHURCHILL, Winston S. «Mr. Churchill and the Aliens Bill». In *The Times*, n.º 37408, 31 de maio de 1904. <http://www.thetimes.co.uk>
- CHURCHILL, Winston S. *Liberalism and the Social Problem*. Londres: BiblioBazaar, 2009. Edição original: Hodder & Stoughton, 1909.
- CHURCHILL, Winston S. «Bolshevism and Imperial Sedition», 4 de novembro de 1920. In *The Churchill Centre Online*: <http://www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1915-1929-nadir-and-recovery/bolshevism-and-imperial-sedition>
- CHURCHILL, Winston S. «Present Dangers of the Socialist Movement», 7 de maio de 1924. In *The Churchill Centre Online*: <http://www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1915-1929-nadir-and-recovery/present-dangers-of-the-socialist-movement>
- CHURCHILL, Winston S. *Thoughts and Adventures*. Londres: Thornton Butterworth, Ltd, 1934. Edição original: Thornton Butterworth, 1932.
- CHURCHILL, Winston S. *Marlborough: His Life and Times*, 4 vols. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. Edição original: Londres, Harrap and Company, 1933-38.
- CHURCHILL, Winston S. *A History of the English-Speaking Peoples*, 4 vols. Londres: Cassel and Company, Ltd, 1958. Edição original: Cassel, 1956-58.
- CHURCHILL, Winston S. «The bolshevik menace “an aggressive and predatory form”». In Winston S. Churchill (neto) ed., *Winston Churchill's Speeches: Never Give In!* Londres: Pimlico, 2006.
- COOTE, Colin e Denzil Batchelor, eds. *Maxims and Reflections of the Rt. Hon. Winston S. Churchill*. Londres: Eyre and Spottiswoode, 1992.
- ESPADA, João Carlos. *O Mistério Inglês e a Corrente de Ouro, Ensaios sobre a Cultura Política de Língua Inglesa*. Lisboa: Alêtheia, 2010.
- GILBERT, Martin. *Churchill's Political Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1981.
- GILBERT, Martin. *Churchill: Uma Vida*. Tradução de Vernáculo, Gab. de Tradução. 6.ª edição. Lisboa: Bertrand Editora, 2007.
- GILBERT, Martin. *Winston S. Churchill*, vol. 4: 1916-1922. Londres: Heinemann, 1975.
- GILBERT, Martin. *Winston S. Churchill*, vol. 5: 1922-1939. Michigan: Hillsdale College Press, 2009.

- GILBERT, Martin. *The Churchill Documents*, vol. 11: The Exchequer Years 1922-1929. Michigan: Hillsdale College Press, 2009.
- GRAFSTEIN, Jerry S. «Winston Churchill as a Liberal». In *Journal of Liberal Democrat History* 25: Winter 1999-2000, 15-17.
- HAFFNER, Sebastian. *Winston Churchill*. Tradução de Luís Jesus. Coleção A minha vida deu um livro. Lisboa: Expresso, 2011.
- HAVARDI, Jeremy. *The Greatest Briton: Essays on Winston Churchill's Life and Political Philosophy*. Londres: Shephard – Walwyn Ltd, 2009.
- KEEGAN, John. *Churchill: a life*. Coleção Penguin Lives. Nova Iorque: Viking/Penguin, 2002.
- JAMES, Robert Rhodes, ed. *Winston S. Churchill: His Complete Speeches 1897-1963*, vol. 3: 1914-1922. Londres: Chelsea House Publishers, 1974.
- PACK, Mark. «Winston Churchill: Liberal or Tory?» In *Journal of Liberal History* 75: Summer 2012, 45-47.
- SIMON, Viscount. «Churchill as a Liberal». In Charles Eade, ed., *Churchill by his Contemporaries*. Londres: Hutchinson, 1955, 98-102.

Churchill Archives Centre e documentos não publicados

- CHURCHILL, Winston. «Lenin's Letter»; «Poland in Peril». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/36). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «Could Labour Govern the Country: The Dilemma of "Democracy"». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/37). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «Monarchy versus Autocracy: The Moral of the "Willy-Nicky" Correspondence»; «The red fever: A way to deal with our bolshevists: segregate them!» In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/39). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «Memories of the House of Commons», dezembro de 1923 e janeiro de 1924. In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/51). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. Artigo sem nome nem local e data de publicação. In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/200 A-B). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «The Creed of Failure». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/266). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «The Truth about Myself». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/544). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- PACKWOOD, Allen. *Mensagem de correio eletrónico* recebida a 1 de setembro de 2013.
- PACKWOOD, Allen. Discurso proferido em Hong Kong. Entregue em papel pelo próprio. Cambridge: Churchill Archives Centre, 24 de setembro de 2013.

Outras Referências Consultadas

- ADDISON, Paul. *Churchill on the Home Front: 1900-1955*. Londres: Pimlico, 1993.
- ADDISON, Paul. *Churchill: The Unexpected Hero*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BEST, Geoffrey. *Churchill: A Study in Greatness*. Londres: Hambledon & London, 2001.
- BIRKENHEAD, Earl of. *Churchill: 1874-1922*. Londres: Harrap, 1989.
- BLACK, Robert e William Roger Louis, eds. *Churchill*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- BRENDON, Piers. *Winston Churchill: A Brief Life*. Londres: Secker & Warburg, 1984.
- CARTER, Violet Bonham, *Winston Churchill as I knew him*. Londres: Eyre & Spottiswode, 1965.
- CHARMLEY, John. *Churchill: The End of Glory. A political biography*. Londres: Hodder & Sloughton, 1993.
- JENKINS, Roy. *Churchill*. Londres: Macmillan, 2001.
- PONTING, Clive. *Churchill*. Londres: Sinclair-Stevenson, 1994.
- ROBERTS, Andrew. «The Role of the State: Why Churchill changed his mind». In *Finest Hour* 155: Summer 2012, 13-19.
- ROSE, Norman. *Churchill: an Unruly Life*. Londres: Simon & Schuster, 1994.
- TOYE, Richard. «“I am a Liberal as much as a Tory”: Winston Churchill and the memory of 1906». In *Journal of Liberal History* 54: Spring 2007, 38-45.

Churchill Archives Centre e documentos não publicados

- CHURCHILL, Winston. «Russia and Germany»; «The Right to Strike», «Zionism versus Bolshevism», «Is Parliament played out?» In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/36). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «Have We done with Germany: The Danger of Another European Explosion». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/37). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «The Red Plot – and after»; «Our First Need: Stable Government». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/200 A-B). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «Philosophers and Friends». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/298). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- CHURCHILL, Winston. «The Ebbing Tide of Socialism». In *The Churchill Papers*, «Literary: Articles» (CHAR 8/563). Cambridge: Churchill Archives Centre, 2005.
- PACKWOOD, Allen. «Was Churchill a democrat?». Palestra proferida no Winston Churchill memorial dinner, *Estoril Political Forum 2013*, 25 de junho de 2013.
- PACKWOOD, Allen. Discurso proferido em Epping. Entregue em papel pelo próprio. Cambridge: Churchill Archives Centre, 24 de setembro de 2013.

